

A NATUREZA DA EXISTÊNCIA ESPIRITUAL E OS DONS DO ESPÍRITO

Cora Richmond

Tradução: Amadeu António



THE NATURE OF SPIRITUAL EXISTENCE
& SPIRITUAL GIFTS
ATRAVÉS DA MEDIUNIDADE DE CORA RICHMOND
REPORTADO E PUBLICADO POR G. H. HAWKS

Tradução: Amadeu Ant. Tavares Duarte

SAN FRANCISCO

Women's Co-operative Printing Office, 424 Montgomery Street.
1884.

AO LEITOR

Os Quinze Discursos que compõem este trabalho foram transmitidos pela ordem aqui apresentada, em São Francisco, durante a primavera e o verão de 1883, e são publicados com o consentimento e aprovação dos seus autores.

Para aqueles que não estão familiarizados com o controlo espiritual, poderá ser de algum interesse saber que a Sra. Richmond em todas as suas palestras públicas se encontra em transe ou num estado inconsciente, e o espírito influente usa a voz e controla todos os movimentos do corpo com facilidade e graça. Todo discurso é precedido por uma oração apropriada e, geralmente, no final, um controlador poeta compõe um poema de improviso sobre um assunto selecionado pelo público.

Estas páginas contêm um poder e um mérito intrínseco que constitui o seu próprio elogio, e que as suscita. O profundo interesse e atenção com que estes discursos foram recebidos pelo povo de São Francisco parecem-me ser uma indicação animadora dos sentimentos que serão despertados no público por todo o mundo, que também os ouvirá por meio da arte do fonógrafo e da imprensa.

Qualquer que seja o matiz ou o estado da sua mente, leitor atento e qualquer que seja o conhecimento que tenha e a interpretação que faça da vida humana, estou confiante de que encontrará aqui muita matéria a que o seu eu interior reagirá, muitas perguntas angustiantes respondidas, muito para alívio na grande hora da tristeza, muito para consolo e elevação do desencorajamento e severidade da peregrinação terrena, a suscitar a sublimidade da sua natureza e a confrontar a sua admiração, e muito para silêncio do orgulho e dos pensamentos não caridosos; ao longo de todas essas páginas você não poderá deixar de notar uma grande e suplicante voz de carinho que o conduziria calma e inteligentemente, certamente para cima, para a consciência de uma vida espiritual duradoura e exaltada.

O repórter

A VIDA ESPIRITUAL

O Espiritualista eliminou literalmente o Reino do Céu - as suas paredes de latão, as suas ruas pavimentadas a ouro, os seus portões de pérola, o seu trono de alabastro - e declara ao teólogo que esses são termos simbólicos e não literais, e de modo nenhum expressam o reino espiritual. O Espiritualista eliminou o reino literal do fogo do inferno, com o seu lago de enxofre, o Geena literal, e substituiu-o em vez disso por um estado ou condição da mente que ele declara ser o verdadeiro inferno. Se isso tiver sido realizado à luz da doutrina espiritual, não existirá ainda tanto perigo do Espiritualista se transviar para um céu literal ou um inferno literal quanto o teólogo, a quem ele criticou com a sua doutrina inicial? Se o reino do espírito for um reino de vida orgânica, então ele deverá estar sujeito ao calor e ao frio, à influência dos raios do sol, à lei da gravidade, e a tudo o que afecta as substâncias da Terra e dos planetas. Se for se achar situado, será mais material, se possível, do que o Reino dos Céus que o teólogo retratou.

Quando um homem se chega a vós numa condição abjecta miséria, vocês não verão a miséria no seu traje, a menos que se trate da miséria da pobreza que não pode permitir roupas melhores. Você nem sempre a vê retratada no seu semblante, mas quando lhe penetra no pensamento, quando ele se lhes confidencia ele diz: "Eu estou num inferno." De que inferno se tratará? É um estado de infelicidade o qual, se ele amanhã entrasse na vida espiritual, provavelmente o acompanharia e constituiria o seu estado na existência espiritual.

Se um homem vem até vós cercado pelas más condições da vida terrena, com a simples subsistência na qual o corpo se pode alimentar dia a dia, e ainda assim ele lhes disser: " Eu sou perfeitamente feliz, eu estou num céu," certamente não atribuirão isso ao seu ambiente físico, nem julgarão que faça parte da sua estrutura orgânica física. Se ele passar para a vida espiritual amanhã, ele levará esse céu com ele e constituirá o reino da vida em que ele aí viverá.

O Espiritualista é propenso a apresentar o mundo espiritual de modo que pareça real à humanidade, a confundir a vida substancial e a material, a vida orgânica e a literal, com a realidade. De longe, a porção maior e a única parte da vossa vida real hoje, neste instante, não se traduz pelo ambiente, nem por esta assembleia, nem pelo traje que envergamos, nem pelos assentos que vocês ocupam, nem pelos corpos que toram visíveis uns aos outros, mas pelo pensamento que se acha oculto nos vossos corações e espíritos, que compõem o mundo ou a entidade que vocês habitam; e vocês contemplam estas cenas circunvizinhas, não apenas com respeito à sua existência meramente, mas com respeito à compreensão que têm delas. O homem de visão estreita e ideias tacanhas, que apresenta défice de pensamento e cultura, e combinação de cor e tamanho, vê tudo invertido por essa falta de compreensão; enquanto aquele que possui clareza de ideias vê o mundo da matéria com respeito à concepção que tem e não com respeito ao próprio mundo material.

A existência do homem sobre a terra é uma existência ideal; é o resultado do pensamento que o precede. O homem é mais do que um composto químico, que come, bebe, dorme e se reproduz, e subsequentemente desaparece. Aquilo que constitui a humanidade sobre a terra é a amplo reino ideal que embeleza o que toca, molda a matéria por formas adaptadas ao seu ideal, treina os elementos que se acham em torno do homem, e os conduz à sujeição do seu pensamento e razão, criando assim um reino de existência sobrenatural ou real interior, em meio a este mundo material.

Foram feitos diversos discursos que ilustram o facto de a matéria não ser contínua na sua organização, e de que não se pode confiar nela pela aparência que apresenta aos sentidos; que tanto se pode tornar invisível como visível, sem a acção ou a ajuda da lei material, e de que se vocês fundamentarem a existência com base na esfera da vida material interior, a existência do homem deverá mingar até à esfera estreita que é ocupada pelo átomo, em vez do reino infinito que é ocupado pela alma. Não vejo razão alguma para que os Espiritualistas devam tornar os padrões da vida materiais. Não conheço razão nenhuma pela qual o Espiritualista deva limitar-se a esse culto da matéria que constitui expressão orgânica, em vez do reino do espírito que constitui a fonte da vida.

Seria suficientemente bom que o Materialista, que depreende que não exista um reino do espírito, se esforçasse por explicar todos os fenômenos da vida humana pelos padrões da chamada ciência material. Mas será certamente um trabalho de supererrogação (excesso) o Espiritualista que acredita num padrão espiritual de existência, que compreende que o espírito é a origem da vida, e que, a existir alguma existência além da vida material, deve saber que essa existência é superior à vida material e, por conseguinte, não depende dela - dizemos que é supérfluo ele tomar esses padrões de existência como materiais em vez de espirituais.

A grande premissa, pois, subjacente a tudo isto, assenta no seguinte: deverá algo ser material para ser real? E nós respondemos enfaticamente e em termos conclusivos e para sempre, não! A realidade não é a materialidade. A ser assim, não existiria nada real na vida; não haveria nada na aspiração; não haveria nada em parte nenhuma da vida humana nem da história. Se a matéria for a única realidade, então aquilo que não é pensamento, que não é criação, que não é lei, nem vida, nem inteligência, deverá ser a única coisa duradoura e real no universo. Para ser real, uma coisa deve estar relacionada e formar parte daquilo que é eterno. Para ser real, qualquer coisa tem que existir com referência à origem do ser. Para ser real, deve apresentar indestrutibilidade, e isso não se aplica a forma, combinação ou lei nenhuma da existência material. A própria palavra "substância," que se aplica àquilo de que a terra é feita, e que é um termo usado para expressar uma condição inferior, é aquilo que se encontra por baixo, aquilo que é menor do que aquilo que se encontra acima e além; para que algo seja real, não deve ser substância, mas deve ser o superior, a fonte, o superior, aquilo que está além, aquilo que está acima, aquilo que é mais íntimo na vida material.

Quando vocês se encontram, por conseguinte, na vida espiritual separados do corpo orgânico, vocês encontram-se no mesmo reino da realidade que vocês ocupam agora nos vossos pensamentos, sentimentos, afectos, aspirações, esperanças, profecias e tudo o que constitui o homem e a mulher real aqui abaixo. Quando vocês se encontram na vida espiritual separados do manto de barro que os circunda e que forma o instrumento imperfeito de uma expressão humana, os poderes do espírito são libertados para a expressão no seu reino natural. Tal como o pássaro é para o ar, como o peixe é para a água, assim abre o espírito caminho pelo reino do espírito.

Vocês não vão para a vida espiritual quando estão mortos; vocês não partem para nenhum domínio distante. A vossa vida espiritual torna-se então o centro da vossa acção consciente, tal como a vida física é aparentemente o centro da vossa acção consciente aqui, e vocês afastam-se ou são afastados das limitações do tempo para a condição ilimitada de existência espiritual.

Isso terá precisamente ocorrido esta manhã; vocês apressaram-se na vossa consciência corporal para chegar aqui a tempo, mas uma vez aqui, ocuparam-se do pensamento relacionado com a palestra, e não têm consciência do lapso de tempo, por o pensamento não tomar conhecimento do tempo a menos que esteja associado aos sentidos e a alguma condição do vosso estado corporal. Agora, os vossos amigos do espírito - que se encontram tanto aqui quanto vocês - que não dependem do tempo e do sentido físico, mas apenas da condição espiritual de atracção e adaptação, encontram aqui, porque serem atraídos aqui - não se encontram limitados pelos impedimentos físicos do corpo a fim de vir aqui, e não têm que experimentar a pressa e a fadiga, e toda a paciência que vocês expõem ao vir aqui corporalmente, porque, se o vosso desejo impregnasse o corpo tão completamente quanto o seu desejo governa o espírito, então vocês estariam aqui quando pensassem em estar aqui. Alguém disse em resposta, ou numa tentativa de responder, à posição que adoptamos sobre este assunto: "Sabemos que isto é uma flor, porém, não é um pensamento. "Perdão, a quem quer que tenha dito isso. Como poderia saber que é uma flor sem o pensamento?"

Se você pensa e, portanto, sabe tratar-se de uma flor, você saberá que um pensamento deve ter estado na origem, mesmo que não tenha sido o seu pensamento. Por você não a ter criado, não há evidência de que o pensamento não tenha estado por trás da sua criação, pois que se supõe que ninguém, no universo da vida humana, possa ter sido a origem de todos os pensamentos no universo. Há aqui um relógio; se vocês entrarem nesta sala e não houver meios pelos quais possa dizer quem é o criador desse relógio, de certeza que vocês ainda saberão que ele foi feito por alguém e que alguém

terá tido conhecimento do tempo; que ele terá adaptado a sua construção às leis e movimentos conhecidos da Terra sobre o seu eixo e ao redor do sol.

Ora bem, empregamos a mesma solução em relação à inteligência do universo que vocês empregam para expressar objectos materiais ao vosso redor. Ao desenterrarem uma cidade tão antiga, ninguém diz: "Isso foi o resultado da lei; ninguém jamais criou isto." Dizem: "Eu vejo aqui evidências da vida humana," e presume que os seres humanos tenham ocupado essa antiga cidade, e julga, pelas leis que regem a vida humana, pelo pensamento que se manifesta, a inteligência e propósito que aí se lhe apresenta.

Na textura do universo existe geometria, forma, existe a lei da matemática, existe a lei da unidade, há tudo quanto indica inteligência; e embora ninguém jamais tenha visto o pensamento humano ou a inteligência Divina, sabemos que ele está presente, e que o pensamento criou tudo no universo. Se não, plantem uma pedra e vejam se nascerá algum lírio. Nunca! Nem conseguireis vós, por qualquer processo, transformá-la num lírio, excepto pelo pensamento original ou germe que provoca o efeito, isto é, o lírio que vocês veem. Na vida espiritual vocês encontram-se um grau mais próximos do pensamento; vocês encontram-se um passo mais perto da origem das coisas.

Hoje na vida humana verifica-se uma invenção; talvez uma máquina elétrica, talvez um motor a vapor ou uma nova potência de motor. Se vocês estivessem na vida espiritual cem anos atrás, ou cinquenta, ou vinte e cinco anos atrás, essa ideia do motor a vapor seria mais uma realidade do que o é hoje sobre a terra, por se achar mais próximo da fonte da invenção.

Todos os segredos das forças mecânicas, tudo o que é menos que mente, é mais facilmente descoberto na vida do espírito, já que o homem não depende da experiência, dos sentidos físicos, mas da percepção destinada à descoberta dos princípios que regem o universo material. Você encontram-se, pois, posicionados na vida espiritual com referência a si próprios, em vez do mundo objectivo que os rodeia, e aquilo que vocês chamam de objectivo enquanto se encontram na vida terrena, torna-se lá subjectivo. É por isso que os espíritos conseguem superar a lei da gravidade. É por isso que eles conseguem mover as substâncias, aparentemente através das paredes materiais; o material da terra é, para eles, subjectivo.

Mas aquilo que não é susceptível, aquilo que não é superado, e aquilo que nunca pode ser conquistado, salvo pelos poderes espirituais adequados, são as façanhas e as imperfeições de cada ser humano. Esses são os obstáculos do crescimento espiritual, de modo que aquilo que lhe parece subjectivo aqui - o pensamento, a emoção, o ódio, o amor - torna-se objectivo na vida espiritual; e é por isso que dizemos que o homem em espírito se vê rodeado de si próprio e da sua própria criação. Parece bastante claro, e no entanto os Espiritualistas precisam dos fragmentos da similaridade material para pensar que a vida espiritual é uma realidade. Parece suficientemente claro que vocês habitam o reino dos seus próprios afectos e atributos.

Mesmo aqui as casas em que vocês habitam, e as terras que você cobiçam, não fazem parte da sua existência real; e, quando removidos da condição orgânica que os liga à vida material, por que não entrar no reino que torna essa vida uma realidade, em vez de arrastar atrás de vós a aparência de vida? Aqui em baixo, um homem que viagem até aos trópicos não leva consigo as peles que ele leva quando viaja para o Polo Norte. Se o fizer, ele descobrirá que são um estorvo; e aquele que está viajando para os polos não leva consigo as roupas leves que usa nos trópicos.

Assim, já podem conceber uma existência em que nem o frio nem o calor prevaleça, em que não haja necessidade das vestes orgânico da terra. Por que não cercar-se daquilo que constitui a realidade da existência em que vocês entram?

Por que não considerar que a substância do pensamento é muito mais real na vida espiritual do que na forma material que vocês podem conceber, ainda que se tratasse do derradeiro átomo?

Há quem diga: " Não é existência espiritual, mas matéria refinada."

Por que deverá ser matéria refinada, se lhes dissemos que o padrão da realidade na vida espiritual não é material, mas espiritual? E desde que, se fosse matéria refinada, não seria mais útil a vós do que a névoa que gradualmente se eleva em torno da montanha e desaparece qual vapor, e ao entrar num reino em que tudo é realidade, não formaria parte dessa existência. Então, por que deverão o espírito e a vida espiritual ser refinados?

Mas se há casas, paisagens, paisagens, imagens, estátuas e templos, eles não deverão ser materiais? Por que deveriam ser materiais, uma vez que seriam menos tangíveis ao espírito do que o pensamento de que eles realmente são compostos? Não conseguirão entender que, na relação que o espírito tem com a matéria, aquilo que é material é menos tangível ao espírito, na sua existência espiritual, do que o espírito é para em relação ao homem na sua existência material?

Se vocês tivessem tecidos materiais na vida espiritual, vocês não os perceberiam de maneira alguma. Por que levar o embaraço das vestes das condições materiais quando o espírito não pode usá-las? E se o pensamento lá estiver presente — o que constitui a única expressão na vida material, e que é tangível e real para o espírito — de onde surgirá a necessidade do material cujas formas vocês consideram devem ser feitas?

Todo o erro está em que, quando os espíritos se relacionam com os mortais e os ensinam a respeito da sua condição, ser preciso usar ilustrações que se ajustem à vossa compreensão. Assim com usais os blocos sobre os quais as letras impressas são colocadas para construir palavras para a criança ler — de que esses blocos não fazem parte, e que ela não pode levar com ela para o livro impresso nem para os clássicos — assim também, na linguagem divina do espírito e nas concepções da existência espiritual, ainda precisam existir os blocos de madeira sobre os quais o alfabeto da vida material é impresso.

Que valor, para o homem de saber, sentado no seu escritório, terão os blocos sobre os quais a criança aprende a ler, por lhe apelar à mente literal? Assim, na vida espiritual, quando vocês deixam de depender dos sentidos físicos para definir as vossas normas, vocês conseguem entender que a realidade difere da materialidade, tal como o pensamento, o sentimento, a aspiração e a afeição diferem da roupa que vocês envergam, que é destituída de sentidos e de vida. Nesse reino real do espírito, todos os estados e condições são representados como verdadeiros em relação a si próprios; a imagem exacta representada da sua condição mental é encontrada nisso, já que o processo lento do tempo e da mudança material não são necessários à sua expressão.

Sabemos de um exemplo de um espírito que recentemente partiu, como vocês o designam, para a vida espiritual; isto é, que recentemente descartou as condições materiais e tomou consciência do estado espiritual, que foi assaltado por um sentimento de dúvida do espírito sobre se a mudança chamada morte realmente havia acontecido. Com esse sentimento de dúvida, toda a forma espiritual se viu impregnada de sombra e o espírito ficou surpreendido. Assim que a dúvida foi afastada pela percepção de que a mudança chamada morte realmente havia acontecido, e ele reconheceu os amigos espirituais ao redor, toda a sua forma espiritual que se tornou radiante e translúcida. Assim, todo pensamento é instantaneamente representado ou expresso na forma espiritual.

Quão diferente é isto do corpo material. É verdade que os vossos amigos queridos conseguem ler na vossa sua expressão cambiante que aqui adoptam a tristeza ou a alegria que lhes enche o coração; e é verdade que longos anos de vício e de crime deixarão as suas marcas indeléveis na expressão humana. Mas não é menos verdade que os anos podem passar, e o rosto pode ser uma máscara por trás da qual o motivo sórdido e o pensamento egoísta se ocultem, e só lentamente façam uma incursão na forma física. Porém, no espírito não é assim; os objectos que são o resultado do vosso estado envolvem-nos instantaneamente e formam a expressão das vossas ideias, e vocês são impregnados com a luz ou sombra que tiverem na vossa mente. Todo pensamento encontra instantaneamente expressão de tal forma ou de tal maneira que mais for necessária à tipificação da vossa condição e ao encontro daqueles a quem vocês desejam encontrar. Na vida do espírito, os pensamentos são simplesmente

retratados ao vosso redor arredores na exacta medida da perfeição ou imperfeição, e o reino que vocês habitam, pois, ainda deve ser qualificado como o reino das vossas próprias ideias.

Se vocês estiverem a pensar em qualquer amigo, ou desejarem ir ao encontro de algum amigo, esse pensamento tomará a forma que melhor se lhe adaptar para ir ao encontro dele. Se for uma língua que eles possam entender, tomará a forma de palavras. Se eles estiverem na vida terrena, a língua corresponderá às palavras que eles estão acostumados a ouvir. Se eles exigirem uma expressão simbólica, então o pensamento adoptará a forma do símbolo que eles melhor entenderem. Como nos dias da antiguidade o símbolo da paz era representado por uma pomba, assim em todos os registos antigos vocês leem sobre o símbolo da pomba que foi vista a sair da Arca a voar, e o símbolo da pomba que desceu do céu, que é o símbolo da expressão exacta do que pode representar um pensamento espiritual ou angélico. Muitos clarividentes ou médiuns veem ao vosso redor símbolos que são transmitidos em resultado de mensagens espirituais; flores a envolvê-los, símbolos de pombas, ou de pássaros, ou de arco-íris, ou de estrelas, tudo quanto é a expressão do pensamento que os vossos amigos espirituais desejam que chegue até vós.

Quando vocês falam de flores que são trazidas do mundo espiritual - ora, se o reino do pensamento é um jardim de flores, e a própria alma é a fonte dessa vida que é simbolizada pelas flores. Quando vocês falam de estrelas que são trazidas do Céu como uma expressão de brilho espiritual, todo espírito é uma estrela que brilha na escuridão do tempo, que os alcança pelo símbolo que melhor lhes expressará o pensamento e a condição da vida espiritual. E quando você ouve falar de habitações e casas de campo acomodadas na floresta silenciosa, e de riachos que correm pelos vales, e de colinas cobertas de verdura, vocês não devem pensar que por isso elas sejam tão imóveis e imutáveis quanto as colinas que o homem tem escalado há eras aqui. Mas são os pensamentos variáveis do espírito que lhes dá expressão; e aquele que é for artista, retracta aos seus amigos o reino da sua existência em cenas de encanto e beleza transcendentais de que a terra não tem protótipo; vistas que se dissolvem, que revelam as aspirações em mudança constante da alma, e imagens que se desvanecem e se fundem na grande harmonia da existência - visão, som, sensação, tudo misturado na percepção divina da alma; e quando vocês nos dizem que isso não é uma realidade, eu vou até junto da alma do meu amigo que me fez essas representações, e digo: "Transforma de novo a imagem viva que eu vi;" e aí está a imagem diante de mim igualmente bonito, e igualmente sincero como sempre.

O motor a vapor, que uma colisão demolirá e que, em todas as suas partes, pode ser totalmente destruído, é muito diferente do motor na mente do inventor ou construtor que criou um sobre o qual modelam uma nova sombra material; e se vocês dependessem para todos os instrumentos da invenção humana dos modelos feitos de argila ou substância material, vocês não teriam qualquer ciência mecânica de um dia para o outro, pois o menor acidente material destruir-lhes-ia o modelo.

Mas a alma do inventor, felizmente, não pode ser destruída pela colisão nem pela decadência terrena; e no mundo dos espíritos, onde todo o seu génio encontra uma representação perfeita, os seus modelos são revelados com tal perfeição que o mecanismo entorpecido da terra pareceria apenas um carrinho de mão desajeitado comparado com a carruagem de fogo do sol.

Não falem de realidade quando vinte e cinco, cinquenta anos não bastaram para trazer à perfeita expressão na vida material a ideia do motor a vapor, que é perfeita no espírito. Não falem de padrões materiais, quando Edison e os seus coadjutores estão a sondar - através dos sentidos, a possibilidade de dar expressão àquela luz perfeita da electricidade que, há um século, resplandece no reino do espírito como uma chama transcendente. Não falem dos grandes poderes da mente humana imersos nos sentidos, quando mesmo agora no reino da invenção espiritual, um novo poder de motorização está a aguardar os vossos cérebros de retardatário - o grande motor do futuro, que deverá reduzir a zero a electricidade e o vapor, e levá-los ao encontro cara a cara com o grande motor dos séculos - os raios do sol, que como o grande coração do infinito, pulsa através de todos os planetas e mundos, e os mantém nos seus lugares. Mas o homem, por enquanto, não conseguiu captar a inspiração da sua luz. Terramotos, foram movidos por eles, planetas giraram nos seus lugares pela lei da luz e do calor solares; contudo, o homem diz que os sentidos exteriores são os padrões da vida, enquanto esse

grande pulsar vivo bate há eras, e os espíritos estão à espera que nasça o homem, que possua inteligência suficiente para receber essa invenção.

Certamente vocês estão a aproximar-se mais da vida real, e na sucessão de discursos que se seguirão, vamos envidar esforços para lhes retratar aqueles estados e condições de vida do espírito que deverão cada vez mais expressar em pleno a realidade daquilo que não é material.

ESTADOS ESPIRITUAIS QUE BORDAM O ESTADO MATERIAL

No nosso último discurso, tentamos mostrar que a realidade da existência espiritual não depende da sua materialidade e que a maior dimensão da vida não é, de longe, material, mas é real na sua espiritualidade divina.

Nesta ocasião faremos o possível por mostrar alguns daqueles estados que beiram a existência material, não porque sejam materiais, mas por causa das condições dos espíritos que supõem que a materialidade seja necessária à vida. É indubitavelmente verdade, contudo, que nenhum ser humano, por mais que se tenham degradado as suas condições na vida mortal, passa para a vida espiritual sem dar um passo à frente. Não queremos com isto dizer que deem um passo à frente daqueles que se encontram numa condição mais elevada, pura e espiritual, mas que individualmente, a mudança é um passo em frente, e eles são levados mais perto da origem de coisas, e a sua própria condição real quase se lhes revela.

É dito por muitos - e isso sem dúvida tem origem na velha ideia teológica - que a terra é assombrada por demónios em vez de anjos, e que o demónio do terror anda por aí para os iludir com a tentação. Também no Espiritualismo há um bicho-papão - os espíritos maus; e o discurso desta manhã abeirar-se-á daquelas condições que são chamadas de mal e dos seus protótipos na vida espiritual, e da influência ou capacidade que tem de influenciar os mortais. Todos na vida humana ocupam uma posição que o seu desenvolvimento espiritual garantirá; queremos com isso dizer, espiritualmente. Cada um de vocês individualmente não é governado ou influenciado pelo vosso entorno, excepto na medida das vossas fraquezas (susceptibilidade). Essas fraquezas fazem com que vocês sejam sujeitos ao que é chamado tentações.

Agora, os espíritos da vida espiritual passam para lá com o seu desenvolvimento ou a sua ignorância espiritual, mas o facto de passarem para a vida espiritual não lhes confere maior poder, nem mais controlo sobre os outros; nem faz deles uma força positiva sobre a vida humana. Conforme lhes explicamos, que o espírito é uma realidade na vida espiritual, explicamos hoje que a força primordial e o elemento positivo da vida espiritual devem ser aqueles que são mais espirituais; como a Verdade, a Bondade, a Pureza, são as expressões mais elevadas da condição espiritual do homem, também deve existir mais poder na bondade, na verdade e na pureza no mundo onde esses elementos constituírem a força primordial e positiva.

Deixem que expliquemos: Não há vitalidade na atmosfera onde os raios do sol não conseguem penetrar; não há átomo, provavelmente, que componha todas as estruturas orgânicas da Terra que não tenha sido, em algum momento, vitalizado pelos raios do sol. E é por causa dessa grande potência motora do sistema solar que o vosso planeta está capacitado a desenvolver as suas estruturas orgânicas e a sua vitalidade. A vida, a vitalidade da existência espiritual reside na bondade; o negativo da luz no estado terrestre é a escuridão; o negativo da bondade no estado espiritual é o mal ou a ignorância.

Agora, como é absolutamente impossível que a sombra que se esconde no canto de lá saia e encha esta sala, mas é bem possível que a luz penetre a sombra e a dilua, também no poder do espírito o bem é a luz da existência seguinte, e somente aqueles que se encontram na escuridão da ignorância podem encontrar-se na terra das sombras; e como a sombra é negativa, e não positiva, não pode usurpar nem

prejudicar a luz nem a bondade. Uma sombra acrescentada a outra sombra pode aumentar a escuridão, mas não pode haver poder que supere a luz; até mesmo o mais simples raio de luz que penetre a cela mais escura da masmorra, alcançará o canto mais remoto e acelerará o pequeno grão de semente. Vocês terão, porventura, muitas vezes visto uma raiz em algum canto remoto do porão implorar para crescer se houver um raio de luz que penetre a escuridão; mas a sombra não pode perfurar a luz.

"Espíritos malignos," como você os chamam, são, pois, as sombras do outro mundo; eles não conseguem escurecer-lhes o sol; eles não podem invadir o vosso caminho; mas entrando em contacto com a sua luz, a vossa bondade pode iluminar-lhes as trevas; mas eles não podem ofuscar a vossa bondade com a sua escuridão.

A grande maldição primordial do homem é - primeiro: o medo da morte, a seguir, o medo do mal. O medo em si é um vício tão grande e uma sombra tão profunda quanto se pode possuir; por o medo lhes provar não apenas a dúvida quanto à vossa própria condição moral, mas a desconfiança no amor infinito e a probidade moral de Deus. Portanto, como "o amor perfeito expulsa todo o medo," também a bondade perfeita deve expulsar todo o medo daquilo que pode vir da sombra do mal.

Mas como os estados humanos são perfeitos, e como nenhum deles é absolutamente bom, nenhum deles é totalmente maligno. Mas aquilo para que mais desejamos chamar a vossa atenção é - primeiro: que enquanto na vida humana o degradado e o ignorante, e o criminoso só se lhes revelam a vós, ou vocês só lhes percebem o lado sombrio, ainda assim nenhum desses, em quem não haja algum raio de luz do lado positivo da existência - do lado espiritual; e quando a morte vem libertá-los, ou quando a mudança chamada morte intercepta a sua existência humana, e eles são colocados face a face com a realidade da sua própria condição, eles não se veem, pois, cheios de poder, mas de fraqueza.

Já alguma vez viram um homem confrontado com o seu crime, a fugir à consciência da detecção com medo e a encolher-se? Já alguma vez viram em meio à verdade como a mentira se trai a si própria e se esforça por fugir da luz da pacífica embora ainda assim clara, da natureza vencedora da verdade? Tal é a condição da ignorância e do crime. Na vida espiritual, emparedado na própria condição, pode-se não ter consciência de que o nosso estado seja um estado de negação, devido a que, para o indivíduo a realidade do próprio estado se torne mais e mais evidente, e cada vez mais aterrador. Tais devem ter sido os estados de escuridão que Dante deve ter visto quando olhou para o purgatório; essa condição que se encontra no íntimo dos indivíduos em que eles carregam consigo a sua atmosfera de escuridão, e conscientes da sua própria condição, como poderiam eles ser poderoso para fazer mal aos outros?

Se vocês entrarem numa névoa ou neblina, com a intenção de conduzirem um navio até ao mar, vocês muito provavelmente serão vítimas da vossa própria intenção, especialmente se o navio tiver uma luz que esteja muito acima de vós, e não puder apenas ver o seu próprio curso, mas o vosso também.

O homem de más intenções é como um navio pirata ao invés de um navio mercante, e ao passar para a vida espiritual, ele carrega consigo as névoas e sombras do seu próprio estado, e haveria de atacar às cegas se atacasse com a intenção de ferir os outros.

É uma lei singular da existência espiritual que o centro de atracção para toda a força espiritual esteja no indivíduo, e que, como o indivíduo é esperto, ou belo, ou bom, toda a força espiritual que se parecer com esse estado será atraída para o indivíduo. Se vocês emitirem orações, elas retornarão de volta como bênçãos; se vocês emitirem bons pensamentos, eles retornarão a vós e cercá-los-ão de belas imagens; e se vocês emitirem sombras, elas os envolverão nas sombras, por vocês se cercarem dos vossos próprios pensamentos e concepções. Se fosse possível esse espírito roubar, pensar em assassinato, vingança, ou qualquer condição que se assemelhe a esses estados, essa mesma lei de que falamos enviaria esse pensamento de volta a ele próprio, e redobraria as sombras ao redor dele, até que pelo peso esmagador da sua própria condição o espírito se esforçasse por o superar.

Outro pensamento que desejamos transmitir é que, por mais distinta que a vida individual possa parecer, e por mais real que seja, a condição pode depender do estado interior dele próprio. Os espíritos são todos governados por uma lei: como a natureza é governada pela luz, assim também o reino do espírito é governado pelo poder superior da bondade.

Embora a luz possa suscitar da poça lodosa da terra a vida correspondente a essa poça, ainda assim a vida não tem o poder de deixar a sua própria condição lodosa e de voar na direção da luz do sol; somente formas elevadas de seres que possuem asas conseguem voar em direção ao sol. E assim é com a luz do mundo espiritual; pode penetrar nas condições que ilustram a ignorância e as trevas, e até mesmo apressar-se para a existência, com o propósito de abandonar esse estado, todos esses atributos adormecidos. Mas eles não podem, tal como o girino na piscina lodosa, extinguir a luz do sol ou impedir que o seu brilho penetre na atmosfera. Aqueles que voam em direção ao sol, como a águia, têm grandes aspirações; ou como a borboleta, devem ser erguidos da condição do pó e ser capazes de se alimentar do orvalho das flores em vez do barro.

Portanto, mais uma vez diríamos, não permaneçam na morada do medo com respeito ao mal que pode visitá-los do outro mundo. Nenhum espírito jamais se aproxima de qualquer médium a fim de revelar a sua condição, que não faz se aproxime com permissão. Na verdade, ninguém, excepto aqueles que sirvam para ilustrar os vários elos e condições que lhes apontam para a vida espiritual; e quanto ao dano, cada indivíduo contém em si pensamentos e sentimentos muito mais prejudiciais do que o mundo espiritual combinado poderia jamais infligir-lhes, se desejasse fazer-lhes mal.

Os reinos de luz devem ser mais potentes do que os reinos das trevas, e ao longo das várias eras da existência espiritual esse poder positivo desce, e alcançam, mobilizam, governam e guiam, mesmo inconscientemente, aqueles que entraram no reino da existência espiritual. Enquanto vós, aqui no estado mortal, parcialmente governados pelo espírito, em parte pela natureza sensual que os rodeia, têm pervertido a ordem positiva da existência, considerando que a matéria seja o centro de toda a força, e que tudo no universo deve curvar-se às suas leis.

Nós pensamos que, apesar dessa condição imperfeita, e não obstante vocês perverterem a ordem do universo, que a força espiritual positiva do universo não é apenas espírito, mas bondade; e que, se isso não fosse verdade, haveria harmonia sublime no sentido de propiciar as boas graças de sua Majestade Satânica, como a maioria dos orientais fazem, ou muitos inconscientemente, reservando-lhe um lugar maior nas suas vidas, nos seus pensamentos e devoções do que ao Amor e à Divindade acima e ao seu redor.

Portanto, não venerem com base no medo, essa imagem sombria dos espíritos malignos, mas recebam filosoficamente o que lhe dá uma explicação e uma pista de todos os estados espirituais; já que os espíritos desencarnados, qualquer que seja a ideia da condição em que se encontrem aqui, ainda têm a verdade dessa luz positiva.

Mas muitos dizem: "Tivemos conhecimento de espíritos que vieram e que praguejaram."

Talvez vocês não pudessem reconhecê-los a menos que eles fizessem isso; pois aqueles que passaram da terra com um juramento na boca poderá não ser reconhecido se vier com orações e salmos. Talvez vocês tenham ouvido que o General Andrew Jackson dificilmente usava uma frase sem a ornamentar com uma praga e a um clérigo que lhe pediu explicações quanto a isso, ele explicou dizendo: "Meu querido senhor, aquele que ora sem querer dizer nada, e aquele que jura sem querer nada, encontram-se praticamente no mesmo nível." Uma praga nem sempre é indicação de profanação, nem uma oração sinal necessário de santidade. Muitos espíritos abrilhantam a sua condição de vida terrena; como, por exemplo, um marinheiro, ou alguém acostumado a uma linguagem grosseira, reaparecendo dessa forma ou aspecto.

Mas vocês dizem: "Às vezes eles ameaçam." A ameaça não é levada a cabo; é ilustrativo do estado pelo qual vocês podem reconhecer a condição espiritual em que se encontrava quando passou da Terra,

mas nunca tivemos conhecimento de nenhuma ameaça ou de qualquer violência que tenha sido levada a efeito, nem de nenhum prejuízo que tenha sido causado a qualquer médium. Ou a qualquer indivíduo a ele ligado; e isso, considerando as diversas condições humanas que cercam o médium, é um facto notável.

Mas, dirão vocês de novo: "Mas muitas vezes os nossos círculos foram desconcertados, e foram escritas falsidades; a mesa deu-as por batidas." Isso pode ser verdade, mas também é uma lei pela qual algumas condições na vida mortal podem afectar essas comunicações. Nem todos os participantes e médiuns são perfeitos, e mesmo que os espíritos lhes digam algo que não seja verdade, isso não significa necessariamente que eles pretendam dizer-lhes mentiras.

Vocês fazem uma pergunta a uma dúzia de indivíduos semelhantes àquela que as pessoas estão acostumadas a fazer aos espíritos (presumindo que todos os espíritos saibam tudo), e essa dúzia de pessoas responder-lhes-á de várias maneiras diferentes, e vocês não pensam necessariamente eles lhes tenham dito uma falsidade se eles estiverem equivocados.

Os espíritos estão limitados à própria inteligência que têm na resposta que dão às vossas perguntas. Se vocês forem até o vosso pai e disserem: "Pai, serei bem-sucedido neste negócio?" Ele dirá: "Bem, meu filho, eu não sei, mas eu penso isto e aquilo." Ora, essa ideia pode não ser falsa, por ser a expressão da sua convicção, enquanto ele está sujeito ao engano. Vocês frequentemente conhecem pessoas na vossa vida quotidiana que lhes dirão positivamente que este ou aquele será o resultado do vosso empreendimento, tão positiva é a convicção que têm disso, mas que estão enganados.

Os espíritos são passíveis de se enganar, mas podem ser honestos nos erros que cometem. Mas não os qualifica para serem rotulados de falsários. Se espíritos acostumados a dizer inverdades passam para a vida espiritual e retornam de novo, provavelmente a mesma ideia ou a mesma condição será expressa com o propósito de os familiarizar para o facto de eles levarem a sua própria condição consigo. Mas tais espíritos não são passíveis de serem vossos guias, e só lhes é permitido que venham e ilustrem a condição em que eles próprios se encontram. Talvez vocês também possam ser uma fonte de benefício para eles; pelo contacto que eles estabelecem com os estados terrestres que estão acima deles, espiritualmente, eles rompem a cadeia de escuridão e debatem-se rumo à luz. Não conhecemos um único Espiritualista que não tenha passado por essa experiência. Algum espírito desafortunado terá vindo até ele, e revelado, porventura, astúcia ou proferido palavras, ou dado sinal de degradação de todo tipo, e finalmente agradecido ao Espiritualista por permitir que ele tivesse visto, uma vez que o ajudou.

Certamente não há nada a temer nisso, porquanto se vocês forem verdadeiros, nenhum falso do espírito poderá afectá-los; e se vocês forem suficientemente sábios para não se deixar guiar nos assuntos materiais por aqueles que se encontram nos estados espirituais que não são apontados como vossos guias, vocês evitarão muitas das dificuldades em que os Espiritualistas mergulham; pois que, assim que o conhecimento da vida espiritual chega de imediato ao homem, em vez de o buscar para o desenvolvimento e benefício espiritual, a pergunta quase universal que é feita é: "Como podemos utilizar isso para enriquecermos?" e o resultado quase universal do fracasso em consegui-lo, prova o triunfo das condições espirituais sobre as mortais.

Pois se vocês pudessem invocar o espírito do mundo para fazer o vosso trabalho por vós, ou para os ajudar naqueles empreendimentos que bordam, pelo menos, o prejuízo dos vossos companheiros, a qualidade espiritual da vossa associação com o mundo espiritual seria tal que vocês não poderiam confiar naquilo que viesse a vós nessas circunstâncias. Busquem o conhecimento da parte espiritual, e a sabedoria e o amor virão a vós nessa proporção; mas busquem isso por formas materiais, e isso ainda deverá fazer fronteira com a terra das sombras, pois as transações comerciais da terra ainda não são feitas em estrita conformidade com a Regra de Ouro, e até que sejam, vocês não podem invocar a vossa mãe santificada para os ajudar a enganar os vossos vizinhos. (3)

Este é, pois, o reino que muitos temem e que ainda assim não tem potência alguma na vida espiritual; a sombra que tantos receiam, mas que é impotente, é apenas potente, agressiva e poderosa neste mundo; o medo, o pavor e a imoralidade que se escondem nas vossas próprias naturezas é tornado positivo pela relação que têm com a vida material, e aquilo que se encontra dentro de vós deve ser o vosso maior inimigo; não aquilo que se situa fora de vós. Para conquistarem este mal precisam conquistar o orgulho, o egoísmo e as tendências; e para superarem isso, é preciso que superem tudo quanto torna obscura a vida deles, dentro de vós próprios. Não há inimigo algum a enfrentar além dessa condição e, no reino do espírito há liberdade, amor e alegria para aqueles que venceram não apenas o estado do medo, mas também o estado do egoísmo.

Nós dissemos este tanto a respeito dos estados espirituais próximos à Terra, por percebemos a tendência para uma espécie de dogma que tende a impingir-se na natureza moral do homem. Não há positividade alguma nisso; na conquista do mal, o pensamento espiritual gira à volta da bondade de Deus e da pureza da alma do homem, e do poder da bondade. Sem isso vocês estão na perplexidade. Por isso, advertimo-los contra o estabelecimento de qualquer imagem de veneração ou de receio entre vós e a clara e pura luz de afeição das suas próprias almas.

Uma criança pequena que passou do vosso lar para o mundo dos espíritos possui uma maior potência de lhes influenciar as vidas do que todos os demônios que tenham passado da Terra. Um amigo, esposa, marido, irmã, mãe ou pai santificado, a quem os laços de afeição ainda os prendam pelo pensamento e sentimento, tem mais força e influência de um tipo positivo para governar as vossas vidas do que todos os demônios do Hades; pois que pela lei do amor, o interesse positivo que sentem por vós supera as sombras e elas não podem entrar ou aproximar-se.

Assim como no meio da violência, tivemos conhecimento de uma criança que aplacou a tempestade da paixão humana, também em meio às vossas sombras, tristezas e preocupações terrenas, a presença dessas doces crianças confere um halo de luz ao vosso redor. Amar aqueles que são vossos guardiães, invocar aqueles que são vossos conselheiros e amigos na vida espiritual, é, no sentido finito aquilo que o infinito representa em relação ao universo inteiro — uma luz, um brilho e um esplendor, manifesto de cantos e louvores imortais. Ninguém precisa ter medo de passar pelas trevas do mundo se estiver protegido com essas luzes de proteção; ninguém que confie nos poderes do alto precisa recear que eles os abandonem. Apenas aqueles que têm a confiança comprometida, apenas os medrosos, somente aqueles que estão nas sombras das trevas, é que o infortúnio alcança nesse sentido.

A alma íntegra confia em todo o Amor do Universo, e o afecto espiritual confia na afeição que se situa justamente além, ciente na sua luz, orientação, sabedoria e poder de que todas as necessidades espirituais serão assistidas e todos os corações inspirados. Mas para isso você pode muito bem voltar um ouvido atento ao clamor do teólogo, que diz: "Ora, existem milhões de espíritos malignos à solta sobre a humanidade, e a atrair os homens para baixo para a escuridão." Peço desculpa, Sr. Teólogo; existem milhares de milhões de espíritos bons igualmente à solta, e o poder do bem, eu sei, é maior do que o poder do mal, e o homem pode confiar nele.

Aqui estais vós, todos reunidos nesta sala. Vocês não têm medo uns dos outros; a lei da humanidade e as comodidades da vida unem-nos numa única sociedade, sem o auxílio da mão forte da lei. Não fazem intenção de praticar a violência uns contra os outros. A vida média da vida humana é mais elevada do que o nível do crime e, assim, quando os espíritos entram na vida espiritual, a média situa-se muito acima do nível da sombra, em vez de abaixo, e portanto o poder do bem é infinitamente maior que o poder do mal; mesmo aqueles que passaram da vida terrena em condições más, têm estado gradualmente a melhorar, e gradualmente a aproximar-se mais da luz, enquanto que aqueles que passaram da vida na Terra em condições de bondade, terão agora certamente atingido um estado que é quase santo no seu esplendor e brilho.

Assim, enquanto o bem é perene, os males estão a diminuir em todos os sítios, e a terra está gradualmente a ser elevada por aquela luz forte dos reinos do espírito que penetra a escuridão aqui, assim como a escuridão do outro mundo.

O estado individual é mais uma questão a ser considerada e a lastimar do que o poder agregado do mal; por o indivíduo criminoso, o indivíduo pecador, aqueles indivíduos que estão na escuridão, e especialmente o indivíduo egoísta, resultarem em muita infelicidade. O Geena reside dentro, e como isso não pode ser corrigido imediatamente, por não ser poderoso, assim deve ter lugar dentro como um fogo que consome, uma chama insaciável, que não pode extinguir-se até que tenha queimado a escória do coração. Por esse estado ter tudo quanto merece compaixão, e a simpatia e piedade daqueles que superaram isso. Mas certamente vocês não podem recear - o pobre bêbado embriagado nas ruas, é tão potente para os prejudicar quanto um espírito intoxicado pelas más acções e egoísmo que tenha cometido na terra. Vocês tanto podem dar-lhes atenção como desprezá-los, mas não os temem.

O afecto Divino da vida espiritual e da existência angélica olha para a terra das sombras dos criminosos abjetos e do egoísmo objecto da mesma maneira. O filantropo encara a vítima dos apetites terrenos com divina compaixão, ou como o Mestre encarava aqueles que foram condenados e censurados pelos homens - "Nem eu te condeno; vai, e não peques mais." O que teria ele a temer da sua condição? Como poderiam os publicanos e os pecadores prejudicar Aquele que tinha uma mensagem de vida a dar, eles que se encontravam nas sombras da morte?

Assim, vós que tendes uma mensagem de vida, transmitam esta mensagem ao homem, à mulher, à criança ou ao espírito, mas não temais que a sua sombra venha e os engolfe; pois a voz que está dentro de vós e a verdade que vocês expressam, se for sincera, é tão potente e poderosa que não só pode conquistar a morte, mas engolir o Hades, o Geenna e todas as qualidades do poço do abismo, e brilhar sobre aqueles que estão emparedados nas sombras da sua própria criação, como a luz deixada entrar por uma mão carinhosa pode iluminar o calabouço e libertar o cativo.

MORADAS E ASSOCIAÇÕES NA VIDA ESPIRITUAL

O lar ideal na Terra é o centro ideal da felicidade humana e da civilização; aquilo que constitui a base de toda a vida associativa e eleva a humanidade, de imediato, do padrão da materialidade ao reino da existência espiritual e moral.

Assim como o lar é o centro da sociedade humana, também a afeição é o centro do lar; e esta, seja no palácio ou na cabana, seja no meio de cidades populosas, ou longe, nas planícies, ou no deserto, é a base de toda a civilização humana. As tribos nómadas da Terra, vagando de um lado para o outro em busca de caça ou abrigo, não podem, naturalmente, devido às suas condições terrenas de dependência, ter um verdadeiro lar.

A localidade parece ser tão essencial para o lar real na Terra quanto a afeição o é para a sua qualidade mais espiritual. A razão disso é evidente. Povos saqueadores e errantes não podem cultivar as afeições até um grau da permanência. As tribos tártaras que desceram por todo o Oriente, devastando a antiga civilização da Terra, trouxeram consigo essa falta de poder centralizador da civilização - o lar.

A razão pela qual o Islamismo desolou as nações sobre as quais se espalhou não reside no facto de o reino de Alá ou o culto do muçulmano serem menos elevados, mas por não ter um lar. Esse centro e base de toda a vida está ausente onde a poligamia abunda, e a vida doméstica deve ser privada da sua doçura onde quer que essa devastação se espalhe. Consequentemente, os reis de Israel, elevados ao esplendor e ao poder pela grandeza da sua ambição, não puderam perpetuar o domínio da verdadeira Igreja na Terra devido ao poder centralizador da riqueza em vez da afeição; ao poder mundano e ao orgulho em vez da exaltação do espírito.

Para aquele que contempla o Reino dos Céus como um reino sem um lar, pode haver pouco além de desolação e solidão; e o credo ou religião que declara ser possível ao homem ser feliz enquanto os seus semelhantes e os irmãos do seu próprio lar se contorcem na miséria, proclama uma monstruosidade que nenhum reino, nação ou classe de pessoas pode acreditar sem degradação. Portanto, quando um eminente teólogo disse que a alma está destinada a passar pela eternidade sozinha perante Deus, declarou algo que, se fosse verdade, haveria de furtao Céu a sua glória e à eternidade a sua felicidade.

Como afirmámos, o lar ideal é o centro da vida terrena. Qual é o ideal?

Ninguém pode imaginar um palácio sem, em algum momento, encontrar nele miséria e escuridão. Ninguém pode imaginar uma cabana sem, em algum momento, encontrar necessidade, penúria e aflição. Mas algures sobre a Terra, e algures nas regiões recônditas e isoladas da memória, o vosso pensamento de infância remonta ao verdadeiro lar. Não são as paredes nem os quadros ali pendurados, nem o teto decorado, nem as imagens esculpidas no nicho, nem o chão em mármore tesselado, mas é o centro de onde o olhar da mãe brilhou com afeição; de onde a fisionomia benigna do pai, cheia de sabedoria e de amor, resplandece com um ar reverente; e, agrupados como flores em torno de um núcleo central no jardim, encontram os vossos irmãos e irmãs, e voltam a unir-se a eles nos jogos infantis e na alegria, recebendo a bênção e a graça do lar.

Nenhuma comida é tão doce como aquela que a mãe da mãe prepara; nenhum lugar é tão nobre como aquele que o pai providenciou para os filhos; nenhuma flor do jardim é tão perfumada como o tomilho, a rosa e o lilás que a mãe da mãe plantou.

Esta é a imagem ideal que permanece convosco através da juventude e da idade adulta. Acompanha-os até à sala do colégio ou ao local de trabalho, e para preservar essa memória sagrada, toda a civilização erguer-se-ia em armas de defesa. Por essa imagem, reis, príncipes, potentados foram privados do seu poder, falsamente conquistado, para que pudesses manter viva essa visão. A morte é maior do que os reis, mais poderosa do que os guerreiros, mais forte do que a mão sacerdotal. Nenhum poder papal será capaz de pronunciar juízo contra a Morte, e nenhum avanço da civilização, por mais grandioso e poderoso que seja, pode afastar o Mensageiro Silencioso. Mas a Morte não tem poder sobre essa imagem; essa visão viva permanece preservada, e transferida da mutabilidade do tempo, da decadência das madeiras rangentes e das paredes deterioradas, para o mundo dos espíritos, onde é perpetuada.

Na Terra, a mãe senta-se, por vezes, sozinha, com os seus entes queridos distantes, assim como a águia pode permanecer no ninho abandonado. Um está longe, sobre o oceano; outro, em terras distantes em busca de riqueza; outro, nas assembleias legislativas, em busca da fama ou do bem da pátria; outro, no mercado movimentado, perseguindo o deus do lucro; e outro, ai de nós! pode estar sob alguma sombra de pecado ou vergonha. Mas o seu coração guarda o pequeno grupo com a mesma fidelidade de quando se agrupavam em redor do seu seio.

Na vida do espírito, esses errantes reúnem-se. Não pode haver separação por terras ou continentes distantes, e aquele amor que pode lançar uma ponte sobre o espaço entre o seu coração e a cela de uma masmorra pode trazer de volta os seus filhos errantes ao limiar do lar.

Não duvideis, ou terão de duvidar que a luz, o amor e a verdade sejam eternos. Se o lar é destruído na Terra no seu aspeto físico pelo tempo ou pela mudança; se exércitos devastadores e a desolação da necessidade e da pobreza travam uma guerra agressiva sobre o seu domínio encantador, na vida do espírito não existe tal desolação. Só pode haver uma guerra, e essa é a do ódio, que pode destruir o lar do espírito. Só pode haver uma condição degradada, e essa é o egoísmo, que pode destruir a sua bela e maravilhosa harmonia. E na luz do espírito, onde veem conforme são vistos, e conhecem como são conhecidos; onde já não olham através de um vidro escuro, mas face a face, as afeições divinas surgem em resgate, e o egoísmo que os envolve aqui, e muitas vezes lhes rouba a flor mais doce do amor, ali é obliterado na luz mais pura do reino espiritual.

Na vida do espírito, aqueles que estão irrevogavelmente separados pela falta de simpatia não se encontram no lar; mas muitos que aqui estão desconectados encontram-se, cujas linhas de vida, ali, são tornadas belas pela luz adicional do espírito.

Pensai no que a morte lhes faz aqui. A memória dos que partiram torna-se sagrada; todas as vossas falhas afundam-se na luz da Presença Eterna, e recordam, por fim, apenas as vossas virtudes.

Na luz do reino espiritual, aqueles que aqui estão divididos entram, envergonhados, na morada do Pai, reunindo os laços de outrora. Aqueles que foram separados pelo orgulho insensato, pela ambição ou pela ira, veem-se face a face, e já não através de um vidro escuro, e entram novamente no reino do amor. E muitos, entre os quais se ergueu impercetivelmente o muro da suspeita e da desafeição, despertam para descobrir que estavam enganados; que era apenas o homem ou a mulher exterior que os separava, enquanto no reino do espírito tudo se esclarece. A maioria das diferenças na vida humana resulta de mal-entendidos; a maioria das discórdias provém da cegueira. Quando o verdadeiro céu se abre, não se pode julgar mal o outro; saltam esse muro de dificuldade aparente e de ofensa aparente; ele desvanece-se, ou, se forem abjetamente egoístas, apenas se volta contra vós próprios.

O que desejamos exaltar no reino do espírito é o lar ideal. O que desejamos tornar palpável é a realidade da afeição em vez da discórdia e do ódio; e o que desejamos tornar evidente a cada coração é que não pode existir no mundo espiritual um lar sem afeição; não pode existir afeição sem essa caridade abrangente que olha para além do mal na luz do amor que o compreende.

Se assim fosse na Terra, quantos lares discordantes seriam silenciados pela calma presença benigna deste espírito de amor; e quão verdadeiramente se tornaria o lar terreno um reflexo daquele centro na vida espiritual.

Agora, quando falais de lugar, não se reduz ele à insignificância perante a luz deste estado supremo que temos descrito? Se a mãe na vida espiritual ainda tem filhos na Terra, não pode habitar num lugar que a separe igualmente de todos os seus filhos. Um pode estar no mar, outro no deserto; milhares de milhas os separam, mas o seu amor está igualmente presente com todos, e o centro do seu amor é o lar do espírito. Ir para casa e para a mãe é ir para o amor do coração materno; ir para o lar na vida espiritual é remover o véu do ser exterior e encontrar aqueles que sempre estiveram convosco. O seu amor é o seu lar; a sua afeição é a fortaleza encantada, seja aqui na Terra, seja nos espaços distantes. É o estado que cria a felicidade, e a condição que determina a associação.

Se, no entanto, qualquer forma particular de vida no lar lhes for mais aceitável do que outra; se memórias sagradas se agrupam em torno de um lugar, de um tempo ou de uma condição específica, então essa forma tecer-se-á na habitação espiritual, e voltarão a tê-la, ou pelo menos enquanto for mais sagrada para vós do que qualquer outra forma de expressão. Se amais, nessa expressão de vida no lar, alguma alameda de árvores ou paredes que lhes pareçam sagradas por associação, encontrá-las-ão reproduzidas no vosso reino espiritual, enquanto essa forma for a que melhor exprime o vosso ideal mais elevado.

Mas frequentemente o estado que tudo envolve usurpa o pensamento da forma e dos arredores, e na luz absorvente do olhar dos seres amados, na glória da sua presença, nos pensamentos que fluem entre vós, haverá tal esquecimento da forma e do tempo que não sentirão falta dos ramos ondulantes da árvore de olmo, nem das paredes que rangiam em resposta aos ventos do inverno, mas apenas recordarão que, na morada do Pai, não há mais separação nem ausência, nem mais mudança e morte.

Isto vem para aqueles que amam e para aqueles que são amados. Mas, e os milhares de vagabundos errantes? E as multidões populosas que partem do mundo sem amar nem ser amadas? E os habitantes dos refúgios do crime, as vidas que nunca conheceram o som da voz materna, nem os doces e agradáveis lugares da vida no lar terrestre? Mas lembrai-vos, esses foram amados. Cada criança do

pecado que caminha sobre a Terra já foi querida por alguém, e algures, no estado celeste ou terrestre, ainda há uma luz de amor que os liga a seres amados.

Mas a pior condição de vida é aquela em que crianças sem amor vêm ao mundo e são precipitadas para o mundo das almas pela mão da violência ou do crime. Mesmo essas não entram na condição da vida espiritual com a consciência de terem sido abandonadas. Rostos sorridentes e olhares carinhosos estão prontos para recebê-las; corações designados para vigiá-las e protegê-las; almas maternas cujas próprias vidas estão plenas da consciência da luz do amor – essas são as encarregadas de cuidar delas, e desde o momento em que deixam a Terra, as crianças não têm consciência de serem órfãs.

Apenas nos vossos lares seguros e bem guardados as crianças apontam para outras na rua que ostentam o distintivo da orfandade. Apenas nas terras cristãs da Terra é que milionários orgulhosos podem deleitar-se em palácios de luxo e comprar a sua entrada no Reino dos Céus através de orfanatos. Apenas no meio do egoísmo, da pompa e do orgulho, que tornam sem lar as paredes habitadas pelos grandes e orgulhosos da Terra, e fazem órfãos daqueles que não têm riqueza e desconhecem o significado do amor.

A cidade de Londres apercebeu-se de que os orfanatos careciam de algum elemento que não recebam. Foi nomeada uma dama de posição e de disposição gentil para descobrir qual era o problema dos orfanatos – porque é que as crianças não prosperavam. Aproximou-se de uma menina de três anos e disse: "Minha querida, dá-me um beijo?" A criança não conhecia o significado da palavra; nunca tinha recebido um beijo. Imediatamente a senhora dirigiu-se ao conselho e disse:

"As vossas crianças precisam de mães, não apenas de comida, roupa e abrigo; precisam de ser amadas."

E o grande segredo da caridade municipal e das instituições dotadas é que precisam de mães; precisam de amor e de algo que as distinga da mecânica laboriosa de uma caridade superficial.

No reino do espírito, nenhum órfão é assim negligenciado, nem atirado para uma instituição para ser alimentado e vestido, para que outros possam viver com conforto sem o trabalho e a responsabilidade da vida.

Talvez digam que estas instituições são melhores do que a fome. Mas Jesus disse: "Se será melhor vestir o corpo e deixar o espírito morrer de fome." Certamente, entre os dois, a criança que pode ganhar um sorriso de um estranho, ou um olhar terno do coração de uma mãe enquanto pede esmola na rua, pode ver mais da bondade humana do que o órfão amontoado com outros num asilo sob o domínio da caridade sem amor. Portanto, certificai-vos, se o reino da vida espiritual deve vir à Terra como é no estado espiritual, que não há ninguém que possa sentir que é órfão.

Temos conhecido crianças adotadas num lar juntamente com outras, sem nunca sentirem qualquer distinção entre as suas vidas e as daquelas que nasceram naquela casa. Mas temos conhecido outras que foram adotadas e que, o tempo todo, foram levadas a sentir que eram órfãs, dependentes da mesquinha caridade (tão erradamente chamada) daqueles que lhes davam abrigo.

O mundo espiritual é um mundo de amor; todos os espíritos são cuidados; e se a vossa criança, ao partir do vosso lar, é assim ternamente guardada e vigiada por mães angélicas, não competirá a vós, mães da Terra, que verteis lágrimas inúteis porque os vossos queridos partiram, cuidar de alguma criança aqui cuja mãe também esteja lá? Não lhes competirá a vós, em vez de lançar sobre a terra as amargas lágrimas salgadas do luto egoísta, encontrar consolo aliviando a dor que está por toda a parte à vossa volta, e conduzir alguma criança às câmaras espirituais do amor, que de outra forma ficaria negligenciada? Experimentai esse bálsamo, que é o melhor consolo para o luto que conheço, pois traz às lareiras humanas a luz de uma alegria acrescida, uma vez que convida à presença dos vossos filhos espirituais, quando, através do amor, tendes outras crianças por perto.

As leis da associação humana são, no imediato, as leis da necessidade. Agrupados para proteção comum contra os elementos, o lado material da vida ergue para o comércio armazéns e cidades por conveniência; os governos, para a proteção da vida e da propriedade, promulgam um sistema de leis. Se fosse apenas isso, o mecanismo do governo humano poderia ser facilmente organizado, pois o vosso próprio bem-estar pode ser facilmente assegurado; e as medidas sanitárias, onde o orgulho, a ambição e o egoísmo não interferem, podem ser prontamente ajustadas.

Mas é a grande força moral da associação que anseia pela expressão mais elevada e mais sublime, e não aceitará que haja uma classe degradada e uma classe elevada; não aceitará que, no fim, haja distinção entre o homem e o seu semelhante, e é por isso que os governos nunca são estáveis; é por isso que as vossas associações estão constantemente em agitação. Mas que prevaleça a lei do amor, que seja impossível haver lares, cidades ou governos sem amor e justiça, e todo o reino se transformará.

Assim como a mão mestra, a partir da nota dominante, conduz a grande cadeia da harmonia, também a nota-chave da alma é o amor, que é harmonia.

Os estados espirituais formam-se e ajustam-se em função daquilo que é central. Ninguém pode ser escravo, salvo o homem suprema e egoisticamente voltado para si; ninguém pode ser órfão se não for, pela sua própria natureza, órfão de amor; e aquilo que dais aos outros nos estados espirituais, essa é a vossa herança inestimável, enquanto aquilo que procuram agarrar com mão egoísta desvanece-se como as areias à beira-mar e não é vossa posse.

As associações são pois, governadas na vida espiritual pela infalível lei do amor, da justiça e da dependência mútua; e ninguém pode acumular tesouros, pois a natureza da associação espiritual é tal que, se tentarem acumulá-los, eles desvanecem-se. Assim como ninguém pode apanhar um frasco de luz do sol e ir para um quarto escuro desfrutá-la sozinho, mas precisa vir para a luz onde todos os outros podem vir livremente, assim também naquilo que enriquece e beneficia o espírito, ninguém o pode possuir de modo egoísta. Aquele que tenta fazê-lo furta a si próprio a sua própria posse e já deixa de possuir herança.

As sociedades que existem para o benefício mútuo, aqueles que se reúnem em assembleias para conceber meios de bem-estar para a humanidade - essas constituem o governo da existência espiritual. Nenhuma propriedade fundiária poderá monopolizar, nenhum suborno da imprensa, nada que arrebate da consciência o seu direito divino de governar; mas apenas a lei do espírito, e aquela sabedoria que o espírito é capaz de perceber - sábia, justa e boa - pode conceber medidas de governo espiritual.

Não há poder governante no ódio, não há poder governante naquilo que é egoísta, não há poder governante naquilo que busca acumular para si próprio os tesouros do reino celestial - são apenas sombras na luz dessa Presença Eterna que resplandece sobre o espírito.

Quanto às ocupações na vida espiritual; pois bem, no reino do pensamento residem todas as ocupações! O mecânico, o inventor, o músico, o poeta e o pintor, todos devem ter a sua ocupação vinda do reino do pensamento; e no mundo espiritual, as associações daqueles cujas ocupações e gostos são semelhantes formam-se com base na atração.

A grande Irmandade da Arte manifesta-se em esplendor sublime perante a visão do vidente, e as imagens do futuro serão traçadas a partir das suas inspirações. A grande Irmandade da Música, harmonizada pelo castigo, pela dor e pelo sofrimento, eleva-se ao reino da harmonia pela grandeza do pensamento e do sentimento ali existentes. E se na Terra a música de Wagner representa a nova era na música, assim também nos esferas de harmonia para onde ele ascendeu, ele se mantém como líder da grandiosa companhia cujos pensamentos respiram harmonia para o mundo, e ele absorve o esplendor dos esferas da Música das esperanças e aspirações pela humanidade.

Poetas congregam-se na divina Irmandade da Poesia, não por qualquer lei arbitrária da vida exterior, mas pela grandiosa comunhão que vê em tudo o ritmo escrito pela mão de Deus, e que traça, não em palavras, mas em vidas humanas, os poemas do amor e da mais divina caridade.

Os estadistas, contemplando as terras agora desoladas pelo crime e pelo derramamento de sangue, olham para o futuro, para o dia melhor da arbitragem humana e da resolução de todas as dificuldades pelos mandatos da razão, e inspirando aqueles que estão abaixo deles, fazem de um Victor Hugo um profeta, capaz de falar às nações sobre a paz que virá. Aqueles que ensinam na Terra e que são ensináveis pelos anjos superiores tornam-se, na vida espiritual, instrumentos de ministério para aqueles que estão abaixo deles; e vastas planícies de pensamento, que nunca se elevam acima do nível da monótona repetição terrena, são tocadas por essas presenças inspiradoras nos estados superiores e despertadas para aspirações mais grandiosas e poderes mais elevados.

Espíritos, não reinos; ideias, não ouro e prata; verdades, não joias e pedras preciosas - estes são os tesouros que a alma deve buscar; e na árida esterilidade da vida humana, e na sua cansativa engrenagem de preocupações, aquele que cumpre aqui o seu dever, que ama mais, que mais realiza os sagrados ofícios da hora e santifica o árido e desolado reino da existência material com a luz do espírito, esse encontra os seus tesouros no céu e a sua associação com almas afins cujas aspirações são como as suas.

Contemplando a sociedade com visão material, parece haver um caldeirão fervente de egoísmo, e sobe à tona aquele que mais se destaca em orgulho, enquanto afunda nas ondas aquele que é pobre e humilde. Mas não assim à luz do espírito.

Mesmo os estados terrestres são ajustados por essa lei divina que se infiltra a partir das esferas e associações da vida inigualável acima de vós. Até vós sentis os gotejamentos desse vaso celestial que derrama as águas da vida para o futuro da vossa Terra; e o futuro das vossas vidas espirituais já está refletido nas vossas aspirações, nas vossas esperanças, nas vossas profecias e nos vossos cumprimentos aqui.

CASOS EXCEPCIONAIS ILUSTRATIVOS DE EXTREMA IGNORÂNCIA, DEPRAVAÇÃO E PROGRESSO EXTREMO NA VIDA ESPIRITUAL

Os acontecimentos que vou contar agora foram observados diretamente por mim, por isso são experiências literais. Para provar que o mundo espiritual é aquilo que fazemos dele e que levamos connosco a nossa condição moral, quero dar o exemplo de um homem que, não acreditando na lei do progresso na Terra, achava que o mundo não melhorava. Não tinha conhecimento de ciência, nem de religião, a não ser aquele fanatismo antigo que relegava as almas para um estado de extrema felicidade ou de extrema miséria.

Vivia a cinquenta milhas de Boston, no Massachusetts. Nunca tinha visto caminhos de ferro, nem telégrafos, nem outras inovações modernas; não acreditava nelas e achava que todos os que lhe falavam da existência dessas coisas estavam aliados a Satanás; para ele, tais invenções não podiam existir de forma literal na Terra. Esse velho não se dava ao trabalho de percorrer vinte ou trinta milhas para verificar com os próprios olhos as melhorias que o mundo tinha feito.

Deixou a vida terrena com apenas um grande afeto: um filho único que tinha saído da casa paterna e ido viver para o Oeste distante. Como não sabia ler nem escrever, só ouvia falar do filho por intermédio de vizinhos ou amigos que podiam ter sabido alguma coisa da sua vida no Oeste. O seu maior desejo antes de morrer era ver o filho; e quando chegou o momento da morte, não soube que estava a partir da Terra. Pensando ainda estar no corpo físico, levou a cabo a intenção que tinha tido antes: caminharia até às Montanhas Rochosas para visitar o filho.

Claro que, estando liberto do corpo físico, o seu espírito seguiu a força mais forte que existia nele e pôs-se a caminho, passo a passo, desde a Nova Inglaterra até às Montanhas Rochosas, fazendo o percurso todo a pé porque não conhecia outra maneira de viajar. Não acreditando no vapor nem compreendendo o poder da eletricidade, como poderia saber do poder ainda maior do pensamento humano?

Foi perguntando pelo caminho, a espíritos presos à Terra como ele, qual era a distância e o melhor percurso, até que chegou às terras selvagens onde o filho vivia. Quando lá chegou, esperava, naturalmente, que o filho o reconhecesse de imediato. Para sua surpresa, o filho não reagiu. O velho abraçou-o, mas não houve resposta. Chamou por ele, mas não houve sinal de alegria. Pela primeira vez, aquele homem percebeu que era um espírito e que o filho ainda estava vivo na Terra. Pela primeira vez, compreendeu que já não tinha o mesmo corpo físico que antes habitara; e com isso, veio o primeiro passo para o esclarecimento.

O filho, sem ter a mínima consciência de que o pai estava ali, pode ter pensado nele naquele exato momento, pode até ter enviado uma mensagem, ainda acreditando que o pai estava vivo, mas para o espírito do pai não houve reconhecimento, pois não conseguia torná-lo consciente da sua presença espiritual e já não havia qualquer laço físico entre eles.

Todas as pessoas, de acordo com o seu crescimento espiritual, ficam ou espantadas, ou confusas, ou perplexas, ou alegres quando a libertação da morte as encontra com a capacidade espiritual de compreender o seu significado. Mas todas ficam limitadas, como este velho, por alguma restrição ou deficiência que tiveram na vida material, e é importante que aqueles que procuram o conhecimento espiritual tenham cuidado para não medir o espírito de forma demasiado literal e com padrões terrenos, porque poderão descobrir, como este pobre velho, que estarão limitados à sua própria compreensão quando passarem para a vida espiritual. Para o espaço, o tempo e a eternidade, não há limite, a não ser o que lhes impuseres.

Outro caso, exatamente oposto, é o de alguém cuja vida foi completamente iluminada pela consciência da existência espiritual; que não só sabia que a matéria tem propriedades que os sentidos humanos podem detetar, mas também que o espírito tem atributos independentes da matéria, superiores às leis materiais, não governados pelas condições de distância, tempo ou espaço. Conhecemos um caso de alguém que, ainda em vida, desenvolveu a capacidade de perceber não só objetos materiais de forma clarividente, mas também princípios espirituais e espíritos que passavam pela Terra sem a necessidade do corpo físico. Tornou-se familiar com cidades distantes, visitou terras longínquas e absorveu tanto conhecimento da estrutura e dos habitantes do mundo que viajar fisicamente se tornou desnecessário.

Não só isso, mas pelo poder espiritual esta pessoa adquiriu conhecimento sem precisar de ler livros; quando um novo livro era publicado, a substância do seu conteúdo já lhe era conhecida por impressão espiritual. As ideias que surgiam no mundo, mesmo as mais avançadas da ciência, também eram percebidas, e para ele o outro mundo era uma realidade palpável.

O espírito desse homem já tinha passado muitas vezes para a vida espiritual e visto como era. Tinha consciência da natureza da existência espiritual, dos atributos espirituais e comunicava livremente com espíritos desencarnados, até mais do que com os vivos.

O resultado foi que, quando chegou a mudança chamada morte, ele percebeu o primeiro instante dessa transição, tal como alguém que está na praia percebe a primeira linha de maré que começa a recuar. O espírito, cheio de consciência, acompanhou o gradual esvanecer da vida física, observando o desaparecimento silencioso da respiração e do pulso, como se estivesse apenas a testemunhar um fenómeno curioso que não lhe pertencia.

Descobriu também que, à medida que essa mudança acontecia, o seu espírito se tornava mais ativo. Em vez de os sentidos se apagarem, cada faculdade se tornava mais aguçada. Passou a ouvir melhor e

a ver melhor. Não só via os seus entes queridos reunidos à volta do seu corpo físico, mas também sentia os seus pensamentos, compreendia as suas dores e suplicava-lhes para que não pensassem que ele estava a morrer, mas sim a tornar-se mais vivo a cada instante.

O relógio que marcava as horas na lareira não só era perceptível para os seus sentidos, mas ele sentia a pulsação do tempo, enquanto as ondas da eternidade vinham ao seu encontro. Podia ver o pensamento do médico que lhe segurava o pulso, que achava que ele não duraria muitos minutos mais, e o seu espírito sorria perante a fraqueza do médico, que não distinguia a realidade da vida da sua aparência. "Durar mais alguns minutos?" Ele estava a preparar-se para durar para sempre, a vestir a consciência da imortalidade enquanto o corpo físico lentamente desaparecia.

Uma nova alegria tomou conta dele. Cada átomo do ar ao seu redor era sonoro; cada partícula era luminosa, e em vez de um espaço vazio e mudo, havia milhões de formas de vida que antes não percebia. Os rostos que já conhecia das suas visitas espirituais surgiam agora com uma realidade ainda maior, como presenças vivas e tangíveis. De repente, tomou consciência de uma expansão de visão e viu todos os lugares da Terra que já tinha visitado. Percebeu alturas e profundezas imortais que antes lhe eram desconhecidas e que apenas tinha vislumbrado em estados de visão espiritual. Foi como agarrar a vida desde o seu início. Foi o êxtase de um novo nascimento. Como penas para o pássaro, como asas para a borboleta, como o ar puro da montanha para quem sempre viveu numa caverna escura, assim foi a alegria que se apoderou dele.

E, curiosamente, todas as pessoas que, mesmo que ligeiramente, simpatizavam com ele, cujas afeições se dirigiam para ele, que talvez estivessem a pensar naquele momento que o seu amigo estava a morrer, os seus pensamentos eram para ele tão reais e visíveis como se estivessem escritos diante dele em letras flamejantes. Podia ver os erros que tinham sobre a morte e sentia compaixão por eles, porque não sabiam nada melhor do que sentir o que sentiam. Compreendia o estado de cada um e dizia para si mesmo: "Dentro de pouco tempo, amigos, vou convencer-vos de que não estou morto." Sentia-se tão vivo e tão consciente que, ao mesmo tempo, tinha consciência dos pensamentos de todos os seus amigos.

Isso tornou-se a realidade viva em que ele entrou, e os estados espirituais dotaram-no de tal forma com a posse palpável do espírito que todo o tempo, distância e espaço foram anulados pela percepção do espírito, e mil milhas pareceram apenas ali, e mil dias pareceram apenas um momento. Toda a sua vida resumia-se às joias encantadas e cristalinas que brilhavam claras e puras como um resumo dos seus melhores e mais luminosos pensamentos, enquanto as sombras, aquelas que envolvem a nossa vida humana, pareciam desaparecer no esplendor maior e mais vasto do ser.

Assim como alguém habituado às ondas não hesita em mergulhar no oceano, confiante de que a flutuação o sustentará, assim esse espírito bebeu do esplendor da liberdade e sentiu na luz, na força e no poder da nova vida; ou melhor ainda, como alguém que sente a capacidade de elevar-se e cortar o ar superior com asas poderosas, assim ele se sentiu ao libertar-se do corpo físico.

Mas melhor ainda: o amor, a esperança, a fé que foram dele, a confiança e o conhecimento tornaram-se realidade palpável, a luz viva da sua presença. Continuando a familiaridade com as verdades científicas ensinadas pelo homem, a realidade da alma da ciência revelou-se nele nesse estado espiritual; os princípios eram percebidos; já não se tratava das relações entre matéria e matéria ou átomo e átomo, nem havia tempo e espaço a intervir. Oh, era o verdadeiro trabalho da vida sentir os princípios vitais da verdade vital. As estrelas eram medidas, o espaço anulado, os átomos percebidos nas suas posições relativas, e todo o governo pelas leis da inteligência e da vida.

Não podia haver mistério na morte para esse homem. Ele via os pensamentos daqueles que amava tão claramente como se fossem uma página escrita e sentia as suas lamentações, compreendia as suas tristezas e tinha compaixão pelo sofrimento que sentiam com a sua partida. Mas triunfava na consciência de que um dia eles compreenderiam o erro que cometeram ao ver a morte como escuridão em vez de luz.

Uma presença tão grandiosa como essa na vida espiritual, uma mente libertada da forma material, não é como o pôr do sol ou de uma estrela na Terra, mas sim como o nascimento de um esplendor no firmamento espiritual. Homens assim levam consigo para o reino espiritual o poder de guerreiros imponentes. Não são monarcas do campo de batalha na Terra, nem potentados que dominam pelo poder das armas, mas são espíritos que governam pela majestade da lei do amor e da bondade, influenciando vidas humanas pela grandeza da sua percepção espiritual.

Por isso, quando a imprensa da Terra e o pomposo funeral dizem que um grande esplendor desapareceu da vida humana, não sabem o que dizem. Um grande esplendor foi acrescentado à vida humana; foi libertado para brilhar sobre a humanidade; foi solto como uma luz que esteve escondida, como o sol obscurecido por um banco de nevoeiro ou um eclipse; como um planeta antes não descoberto, brilhando dentro do alcance da visão telescópica – assim é um homem sábio ao libertar-se da forma humana.

Muitas vezes, aqueles que choram a perda material são elevados para a atmosfera que ele habita e, pelo menos um passo, devem segui-lo para onde ele conduz. Um grande homem nunca deixa a Terra pela mudança chamada morte sem que vidas sejam enobrecidas por essa partida, não apenas pelo desejo de segui-lo ao estado ou condição onde está, não apenas pelo questionamento sobre o seu paradeiro, mas também pela luz que pode lançar sobre aqueles que ficam, pelo poder que pode usar para guiar as vossas vidas.

Um homem de ciência valioso na Terra torna-se inestimável na existência espiritual. Um homem bom, que praticou atos de caridade e cuja ausência muitos lamentam, é capaz de realizar milhares de atos mais no reino do espírito, e ainda mais porque a personalidade que estava ligada à sua presença na Terra já não acompanha necessariamente as suas ações; pode praticar a caridade da forma que a caridade mais aprecia – sem ser reconhecido ou exaltado, fazendo um gesto de bondade aqui, espalhando bênçãos ali, sem esperar reconhecimento ou louvores em troca.

E assim é a natureza de um espírito divino, e assim é a grandeza da alma que se eleva: o ato de bondade, desconhecido na sua origem, torna-se ainda mais doce e raro para o espírito. Por isso, sempre que um homem aspira a grandes alturas de bondade, sempre que comunidades são exaltadas por um impulso de patriotismo ou virtude, sempre que alguém se inspira para levar adiante uma grande reforma e as mentes são influenciadas pela sua presença, um espírito desencarnado como aquele que descrevi está ali a trabalhar, a guiar, a liderar e a inspirar.

Mas imaginem que são o guardião de um farol e que a luz está voltada para vós em vez de para os navegantes – os marinheiros teriam pouca orientação; mas se lá no alto da torre, conhecendo os mecanismos, puderdes girar a luz para que brilhe plenamente sobre o mar tempestuoso, então ela se torna um farol, uma verdadeira guia para os outros. Assim é o espírito desencarnado. Ele não só recebe a luz, mas está numa posição de ajustá-la para o bem-estar e a segurança dos outros; não só percebe a verdade, mas encontra-se numa posição de fazê-la brilhar sobre as águas turbulentas da vida humana para iluminar a vossa jornada terrena.

Ah, fiquem certos de que, na escuridão da vossa vida material, os esplendores que saem das vossas habitações – os filhos que criaram e que partiram para o mundo dos espíritos, os pais que vos guiaram na juventude e na vida adulta, os amigos que lamentais – têm a capacidade de elevar os vossos pensamentos, a vossa vida, as vossas aspirações para os reinos do conhecimento e da bondade. E chamais a isto morte? Chamais a isto uma perda? Não, é um duplo ganho! É um tesouro para vós no reino do espírito e uma conquista para eles na realidade desse reino.

Tal espírito leva consigo o reino maravilhoso que irá habitar. Nem o palácio de Aladino, nem as cavernas de tesouros de Monte Cristo são comparáveis ao domínio que tal espírito ocupa; um reino repleto de joias cristalinas de sabedoria, pedras cintilantes de verdade, aspirações de vida coroando-se e rodeando-se das realizações da harmonia e da paz. Não há música, nem flores da Terra, nem

colinas ou vales decorados no esplendor do verão, nem pensamento de amor na Terra que se compare ao êxtase dessa presença, à consciência desse amor, à capacidade de saber, de ser e de fazer aquilo a que o espírito aspira.

Dei-vos dois exemplos de ignorância e conhecimento na vida espiritual. Agora, vou dar dois exemplos que ilustram a degradação pelo pecado ou depravação e um estado isento dessas condições.

Aquele que está envolvido no que se chama degradação moral, seja ele o criminoso condenado à morte pela lei ou o criminoso poderoso o suficiente para escapar à lei e continuar num alto cargo na Terra, mas ainda com a alma de um criminoso – não importa qual seja o título, nem a aparência exterior aqui em baixo, pois sabemos bem que muitos criminosos monstruosos ocupam lugares de poder na Terra e nunca enfrentam a justiça, enquanto os menores são as vítimas das leis que esses monstros ajudaram a criar. Seja qual for a sua posição terrena, ele vive na sombra do crime, do pecado, da ignorância da lei moral, e parte da Terra para a condição espiritual ainda possuindo plenamente o seu estado interior. Se for um indigente, a sua herança é o seu próprio estado; se for um príncipe ou tiver a riqueza de um Crespo, a sua herança continua a ser o seu próprio estado.

Ele entra na condição correspondente à sua percepção de si mesmo e, se não sabe que já deixou a Terra (como muitos não sabem), se não tem consciência das leis espirituais ou do que realmente é a mudança chamada morte, ainda se encontrará cercado pelos seus próprios desejos, atormentado pelo seu próprio estado, fugindo de algum medo imaginário da punição pelos seus atos.

Aquele que expia os seus crimes de acordo com a lei da Terra, ou das muitas nações da Terra, muitas vezes enfrenta o seu próprio estado antes da morte, e essa retrospectiva tem grande valor para ele; e embora não entre de imediato no reino de glória que os teólogos prometem, se ele se arrepender dos seus pecados, a consciência do seu próprio estado pode levá-lo a reconhecer a transformação que está a atravessar.

Tal pessoa fica espantada; não se encontra nem no paraíso prometido pela teologia, nem no inferno que esperava caso não conseguisse o primeiro. Em vez disso, encontra-se numa situação pior – cercado pelos seus próprios pensamentos, confrontado com o seu próprio estado, rodeado não pelo que mais desejava no momento da sua salvação (a isenção da consciência dos seus crimes ou erros), mas sim pela presença deles. E como o rei na peça de teatro, as sombras daqueles que matou passam diante da sua visão.

Ele não escapa à sua própria atmosfera; não foge do que fez. Tentou fugir das consequências dos seus atos, em vez de fugir dos próprios atos; e, como todos os que tentam evitar os efeitos legítimos do erro, descobre que o erro ainda vive dentro dele. E dizemos que nenhuma imagem de Hades ou Geena pode ser pior do que a condição daquele que percebe que não tem outra herança na vida espiritual além do seu próprio estado.

Se foi um governante terreno e ocupou inquieto o seu trono de poder, manipulando os direitos dos outros para sua própria glória pessoal, que tormento maior, que terror mais avassalador será quando perceber que o mais humilde dos seus súbditos é mais livre do que ele; pois nada tem além dos próprios pensamentos que retornam para o devorar.

Sombras, talvez, para o homem melhor; para ele, realidades vivas. E estas não desaparecem simplesmente porque ele tenta evitá-las. Pode fugir dia e noite, vaguear pelas moradas da Terra ou pelo espaço, procurar na estrela mais distante um refúgio contra todas as presenças, mas elas continuam com ele, porque carrega dentro de si o próprio erro.

Como quem se perde na floresta e caminha em círculos, movendo-se num espaço estreito e fechado, assim as vítimas assombradas por si próprias não conseguem sair dos limites da sua própria condição. Para elas, nenhum planeta, nenhum sol, nenhum esplendor do espaço oferece refúgio; nenhum vale florido da Terra, nenhum vasto deserto pode ser uma fuga. Devem continuar, como aqueles presos

dentro de um círculo encantado, dando voltas ao pequeno centro dos seus próprios desejos e escuridão interior, alimentando-se das sombras que criaram.

E se não fosse pelo amor que jaz latente em todos os corações; se não fosse por um único brilho de afeição – talvez de uma esposa ou de uma criança – que pode ter o poder de abalar até o coração mais endurecido pelo crime, então esses não teriam esperança. Mas sabemos que esse único laço de amor, essa única luz interna, um dia os resgatará.

Incapazes de causar dano aos outros, as flechas que lançaram contra os outros, pela lei do espírito, encontram-se agora dentro deles mesmos. E essa é a lei moral do universo: seja na Terra ou no estado espiritual, sempre que o veneno sai da tua presença com a intenção de ferir outra vida ou outro coração, surpreender-se-ão ao descobrir que ele não atinge o alvo, mas regressa ao vosso próprio espírito.

Estas são leis que, se fossem aplicadas à consciência humana, fariam com que o crime e a falta de caridade desaparecessem perante a realidade da vida espiritual, e o veneno que espalhas sobre os outros seria dissipado pelo amor mais amplo e pela dignidade maior da bondade. Então percebereis que não há lei da gravidade que governe o espírito, nem qualquer outra lei da natureza que direcione o seu curso, a não ser aquela que faz com que todo o mal em vós se volte contra vós próprios, e toda a bondade que possuis irradie para os outros, refletindo-se de volta sobre vós.

Tal é o estado do servo submisso das paixões humanas. Cada indivíduo pode aplicar isto a si próprio com proveito, pois não conhecemos ninguém livre de imperfeições; ninguém, de facto, que não possa aprender a lição que acabei de relatar e aplicá-la dia e noite enquanto ainda habita na Terra. Pois mesmo ali, quando se virem face a face com o vosso próprio estado espiritual, haverá muito que desejareis não possuir, muito que quereis que tivesse sido lavado em alguma fonte pura da alma antes de confrontares esse conhecimento.

Assim como os anjos nunca olham para os mortais e espíritos senão com compaixão, mas, como se diz, desviam o olhar para não verem o egoísmo e a auto-humilhação daquele que toma consciência dos seus erros, assim também, nos reinos superiores, ninguém vos julgará com tanta severidade quanto vós próprios; ninguém olhará para vós sem compaixão, pois compreendem o estado em que estão e o esforço que fazem para superá-lo.

A minha próxima imagem será a última: a condição daquele que é tão livre de egoísmo quanto é possível ser na vida humana. Normalmente, tal pessoa é humilde na Terra; geralmente percorre os caminhos da penúria, da pobreza e do trabalho árduo, pois há pouco espaço para a opulência entre aqueles que são espiritualmente elevados.

Recordareis que se diz sobre Buda que ele nasceu príncipe, herdou todo o reino das posses do pai e foi cuidadosamente mantido afastado do mundo dentro do seu Paraíso das Delícias, no Templo do Prazer Perfeito, para que não conhecesse a dor, o pecado ou a morte. E veio à sua vida o amor, o prazer, a tranquilidade. Mas o pressentimento profundo do seu destino assombrava-o dia e noite, e uma voz desconhecida chamava-o para sair da casa do pai e ver o mundo.

Chamou o seu cavalo branco; o servo trouxe-lhe o corcel favorito e, no silêncio da noite, partiu para ver as maravilhas do mundo. E eis que havia pecado, e morte, e sofrimento, e ele nunca os tinha visto antes. Então partiu para os reinos onde os homens santos viviam em reclusão, para aprender o segredo do sofrimento e compreender as causas do pecado. Mas não o encontrou lá; homens santos levavam vidas virtuosas, e com eles jejuou e orou, mas nenhuma revelação veio.

Viajou para os lugares mais misteriosos da Terra para tentar descobrir o segredo, mas não o encontrou. Entrou na condição dos humildes, partilhou a comida que uma camponesa lhe ofereceu na doce tranquilidade da sua casa e, ao abrigar-se sob a sombra da árvore sagrada cujas folhas ainda hoje proclamam o seu nome, percebeu o segredo da compaixão: estar em comunhão com aqueles que

antes olhava com horror, entrar em cada estado e condição, partilhar as suas dores e carregar as suas injustiças.

E assim, na décima segunda vigília da noite, veio-lhe a maravilhosa conceção do Nirvana - a vitória sobre a dor, o sofrimento, o crime e a morte. E a partir desse momento, Buda estava livre e tornou-se um mestre, um Messias, pois nada lhe foi negado; nada havia que não estivesse disposto a partilhar. Assim, quando um ser elevado habita a Terra, pode não ser reconhecido pelos seus semelhantes. Pode caminhar pela vida humildemente; pode vestir-se de pobreza; pode ser desprezado porque não possui riqueza; pode ser perseguido porque possui a verdade; pode nem sequer alcançar a dignidade de mártir, mas pode ser morto de forma ignominiosa, não por ser inferior em poder ou posição, mas por ser superior em integridade aos seus companheiros.

Conheço uma vida assim; de alguém que, na Terra, mal tinha roupas para cobrir o corpo, mas que trabalhava dia após dia no campo poeirento, esforçando-se para suprir as necessidades daqueles que dependiam dele. No entanto, do seu coração nunca saiu uma queixa, nunca um murmúrio. Não desprezava os ricos que passavam por ele, nem lançava um olhar de inveja para as suas propriedades ou para o esplendor que os rodeava; nunca pensou em comparar os seus filhos, vestidos com as vestes simples da pobreza, com aqueles que passavam por ele adornados na opulência dos seus trajes senhoriais. Ele tinha aprendido o grande segredo da vida; tinha encontrado a fonte da verdadeira felicidade.

Os vizinhos e amigos vinham frequentemente procurá-lo para pedir conselho nas suas dificuldades; onde quer que houvesse doença ou morte, ele estava presente como um acompanhante calmo e hábil. Podia deixar o arado, podia abandonar o seu campo de trigo a qualquer momento para atender ao chamado da humanidade; e muitas noites, enquanto o próprio médico assistente repousava nos aposentos confortáveis da sua casa, o rosto sereno deste homem inclinava-se sobre o leito de dor. Partiu do meio dos vizinhos e amigos, respeitado por eles, amado certamente por aqueles que o conheciam, mas sem honras do mundo. Nenhum sino tocou nos altos campanários, nenhuma igreja anunciou a sua partida, nenhum ritual solene, nenhum cortejo fúnebre com carruagens de luto seguiu o seu corpo até ao túmulo.

Os poucos que faziam parte do seu lar tinham sido ensinados por ele a não temer a chegada da morte; e as crianças sentaram-se ali, calmas por fora, mas sérias, e a esposa não proferiu um lamento. Aqueles que os observavam diziam: "Essas crianças não têm sentimentos." Mas o bom homem tinha-lhes ensinado que não havia nada a temer na mudança chamada morte e que, se queriam continuar próximos do seu amor e cuidado, deviam enfrentar tudo na vida com a mesma fortaleza, a mesma serenidade e o mesmo amor. E por algum júbilo misterioso que os que estavam à volta não podiam compreender, os olhos dos pequenos voltaram-se para cima, e os seus lábios abriram-se, como se estivessem a conversar com ele ali.

A vida desse homem na Terra foi uma bênção; era como um salmo dobrado entre duas folhas que, se fossem abertas e lidas, seriam feitas de ouro e escritas com sílabas de luz cintilante. Mas nada perturbou a superfície agitada da sociedade, apenas quando o seu espírito tomou consciência da vida espiritual, a humildade imaculada que o envolvia brilhava como lírios brancos; e de todas as partes do espaço ao seu redor surgiram rostos como os rostos de crianças, vestidos com a beleza angélica - as boas ações e pensamentos que marcaram a sua vida.

E uma coroa que os outros podiam ver, mas que ele, na sua humildade, não percebia, adornava a sua frente. Era a coroa dos seus pensamentos puros e das suas aspirações elevadas; e a veste que usava, sem o saber, ainda impregnada da humildade da sua vida terrena, era branca como a neve, refletindo a pureza da sua alma.

Aqueles que ele ajudou, aqueles a quem assistiu nos momentos finais, aqueles a quem elevou para a esperança da imortalidade trouxeram-lhe grinaldas de doce lembrança, rodearam-no com palavras de

felicitação; e o seu espírito podia contemplar a imensidão com a visão límpida da satisfação, pois o Deus do Amor tinha-lhe aberto o caminho da verdade, e ele podia ver o esplendor imortal.

Anjos e Arcanjos inclinavam-se sobre ele, ministrando-lhe o alimento da alma, aquele que só pode ser compreendido por aqueles que já provaram da vida eterna. E ele, sem medo, sem tremor, sem mancha ou sombra no espírito, unido à alvura da morte e aos êxtases da existência, podia lançar sobre toda a comunidade ao seu redor e sobre muitas vidas na Terra que nunca o conheceram, um brilho tão puro que floresceria em oração, em louvor ou em atos de bondade.

E o homem do mundo, subitamente inspirado a praticar um ato de generosidade, parava por um instante no meio das suas ocupações diárias ao ouvir a voz de uma criança, sem saber que era a alma branca daquele santo que o tinha inspirado ao gesto de bondade. Assim são alguns dos estados típicos na vida espiritual.

OCUPAÇÕES E EMPREGOS NA VIDA ESPIRITUAL

(A NATUREZA DA EXISTÊNCIA ESPIRITUAL, PÁG. 44) 1884

Nos discursos anteriores empenhamo-nos em dar alguma ideia dos estados e condições espirituais. Esse, é claro, tem sido o estado e a condição do próprio espírito — o estado de ser. Aquilo para que propomos chamar a vossa atenção agora é para o estado activo, ou o estado do fazer.

Todas as ideias do emprego humano devem necessariamente agrupar-se em torno dos sentidos. O trabalho das mãos é o grande fardo da existência humana, o fatigante moinho em que o homem se encontra preso, de que parece haver pouca possibilidade de fuga, excepto através da via da riqueza, da indigência ou do poder intelectual. Os ricos buscam isenção do trabalho das mãos, como se, de facto, aqueles instrumentos engenhosamente elaborados não fossem especialmente adaptados para o uso humano; como se, cumprindo os propósitos do pensamento e do cérebro, os dedos e as mãos não fossem de facto a realização divina que são.

Os muito ricos e os muito preguiçosos buscam a isenção da excomunhão do trabalho duro apenas para mergulhar num prazer mais penoso. Pois se o trabalho é de facto o tirano da terra, não pode haver nada maior do que a ociosidade — aquilo que busca a liberdade do trabalho sistemático. Um grande mundo de busca do prazer, de adoração do prazer e de cansaço do prazer seria um espectáculo muito mais triste aos olhos do espírito do que um mundo cansado do trabalho. Se houver um selo divino que Deus colocou na fronte humana, e um sinete de uma nobreza que o príncipe e o rei nunca poderão usar, é o selo do trabalho; não aquele tipo de labuta que vem com a escravidão cansada e opressiva, nem aquele mecanismo de labuta que mói a vida dos jovens para que os grandes, e os orgulhosos e os ricos possam deleitar-se no luxo, mas o trabalho da mão disposta e do coração pronto; a preparação diária para a vida diária.

A realização de cada um de algo que é digno e bem feito a cada dia, é a ideia enobrecedora da existência humana. A isenção do trabalho manual é o grande triunfo da arte mecânica, mas que apenas conduz o homem a caminhos de trabalho mais hábeis e intrincados. Mas, afinal, na vida humana, vocês constroem as vossas ideias de trabalho sobre o que é mais desgastante, e consideram que uma fadiga saudável após um dia de labuta seja algo que deve ser evitado. Acho que não. No grande tempo vindouro da terra, na era de ouro que está por vir, não haverá indolentes nem ociosos nem retardatários na grande família humana. Cada um realizará trabalho suficiente para a saúde física, para suprir as necessidades do corpo, e uma maior simplicidade de vida levará a uma maior felicidade do espírito e da mente; ao passo que se as artes mecânicas forem empregadas para elevar os fardos mais rudes do trabalho, será apenas que as mãos serão libertadas para os empregos mais adequados, que satisfaçam a mente.

Frequentemente, ouvimos as pessoas dizer: "Ah, se eu tivesse tempo!" Perdoem-me. O tempo não é tanto um factor importante; pelo menos não há tão pouco tempo quanto falta de adaptação — falta do tipo certo de energia, falta de emprego útil de momentos e horas, que talvez sejam desperdiçados em anseios ociosos, em desejos desnecessários por aquilo que vocês não possuem. Quanto não pode ser realizado numa hora naquelas actividades que vocês dizem que desejam.

O espectáculo da humanidade sem emprego seria um espectáculo de grande tristeza; um espectáculo deveras que não poderia ser contemplado sem a mais absoluta infelicidade por parte dos que ficaram sem ocupação. Mas a diferença entre o estado espiritual e o terreno é que as necessidades absolutas são espirituais em vez de materiais; que, por conseguinte, os empregos devem ser espirituais em vez de materiais. Mas se alguém acostumado ao emprego das mãos, e a mais nenhum pensamento além disso, passar para a vida espiritual, esse alguém certamente não ficará sem um substituto adequado para aquele emprego activo que o ocupou aqui. Assim, na realidade, ele envolve-se no trabalho manual lá, ajudando aqueles na terra que ainda são obrigados a trabalhar.

Vocês não sabem, quando tiverem tido uma quantidade invulgar de trabalho nalgum dia ou semana particular, como foram ajudados, como as vossas mãos foram fortalecidas, como a vossa mente foi encorajada e os vossos pés levados a andar, por alguma presença e poder invisível? Essa ajuda não chega apenas ao espírito, daqueles que os amam, mas ao corpo, daqueles que estão dispostos e são capazes de os ajudar na sua labuta.

Os fardos do mundo não são deixados para vocês os carregarem sozinhos, desde que os carreguem de boa vontade. É o trabalhador de boa vontade que é ajudado, mas o preguiçoso, o zangão e o que reclama não estão em condições de ser ajudados em nenhum dos dois mundos. Deve vir a cada um dos estados espirituais onde a força e o poder são predominantes, uma assistência distinta e consciente. Ajuda àqueles que labutam exaustivamente como escravos, de manhã à noite, sem alívio consciente do seu fardo; é um grande privilégio ajudar os que ficam de pé desde o início da manhã até tarde da noite, e não têm oportunidade de descansar os membros cansados ou de distrair o cérebro cansado.

As mãos dos seres humanos que ministram dessa forma, mas encontram expressão para os pensamentos usuais de emprego e trabalho. E esses são os que ajudam nas grandes obras maravilhosas do mundo — a construção de ferrovias, de navios, de cidades, de empreendimentos poderosos que requerem inúmeras mãos humanas. Esse mesmo elemento na vida espiritual é utilizado para diminuir a carga do trabalhador. Os Espíritos não acham necessário trabalhar fisicamente para o seu próprio sustento. Precisam, pois, encontrar aquilo que corresponde ao pensamento do seu trabalho ou emprego na ajuda na manutenção dos outros, empenhando-se em tornar os seus fardos mais leves.

Tal é a necessidade de ocupação que muitas mentes, mesmo da terra, procuram um emprego que talvez não seja necessário. Condições de agitação mental não são necessariamente condições de emprego. A insatisfação não é necessariamente evidência de actividade. Os inquietos fariam bem em procurar grande ocupação na majestade do contentamento e na grandeza de buscar não simplesmente algo para fazer, mas algo que seja necessário fazer. Nem sempre é necessário pegar numa vassoura e varrer no centro do aposento para ficarem ocupados. A vossa oradora conheceu muitas donas de casa que não só acharam necessário empregar cada momento do dia a fazer o que já havia sido feito, mas também a fazer tudo de novo porque não ser preferível ficar na ociosidade. Isso não é trabalho nem emprego, mas é um estado de nervos à flor da pele; uma condição de inquietação para que fariam bem em buscar descanso.

Na vida do espírito, os empregos são tais como os que se adaptam à condição do indivíduo e, se não forem conscientes ou sensatos o suficiente para saber, então o espírito inferior é influenciado por algum poder superior que os guia no caminho mais adequado à sua condição.

Algumas pessoas dizem: "Eu gostava de estudar arte, química, ciências, matemática, se eu tivesse tempo," e estão insatisfeitas com o trabalho das mãos que precisam fazer, que lhes impede, como elas consideram, essa ocupação mais elevada.

Uma coisa que gostaríamos de expressar aqui: Não consideramos nenhum trabalho na vida degradante, a não ser aquele que é executado sob a condição de escravidão da mente. Não consideramos nenhum dever necessário inferior a qualquer outro dever, e aqueles que são atormentados pela ideia de trabalho braçal por ser degradante, devem, nos estados espirituais, aprender a humildade e a necessidade de fazer as pequenas coisas bem antes de poderem assumir o comando das coisas maiores na casa do Pai. Buscar a arte apenas porque ser estética, enquanto o dever do momento é negligenciado; para o jovem ou a jovem tocar piano enquanto a mãe é escrava da casa, ou estudar matemática avançada por aparentemente isso ser mais nobre do que fazer pão ou arar o campo, não é na nossa opinião um engrandecimento do trabalho.

Para exaltar o trabalho, vocês precisam fazê-lo com dignidade; você precisam torná-lo digno pelo espírito que vocês lhe emprestam. O grande conhecimento obtido nos estados espirituais é no sentido de enobrecer a percepção do homem quanto ao dever humilde.

Os lavando os pés do Mestre por parte dos discípulos não foi em vão; foi um espectáculo de devoção. Mas o lavando os pés dos discípulos por parte do Mestre foi um exemplo de trabalho carinhoso, ou dever bem executado; por nada realmente que seja um ofício de amor ou dever ser humilhante.

Na grandeza dos reinos espirituais, todos os trabalhos são utilizados, todos os empregos são sagrados; todos os deveres precisos, necessários e úteis são registados como fazendo parte das ofertas necessárias da vida. Aquele que evitou o trabalho manual na sua vida terrena, por mera questão de exibição ociosa ou ainda por prazer ocioso, sem dúvida dará por si próprio como um assistente, espiritual, do homem de labuta, na tentativa de diminuir o seu fardo, antes que o espírito de quem vagueou aqui seja capaz de avançar. Pois tal é a natureza directa da lei espiritual que aquele que foi o ocioso aqui, que viveu do trabalho dos outros, deve desfazer essa injustiça ou erro, desaprender essa lição, antes que possa ascender a estados espirituais, ou mesmo começar a buscar o conhecimento que ele cobiça. Com isso não queremos dizer que todos devam desempenhar os mesmos deveres ou trabalhos aqui, mas certamente nenhum deve ser evitado pelos motivos que mencionamos!

Se um artista conseguir pintar um quadro melhor do que qualquer outra coisa, ele deveria ter permissão para pintar. Mas há certos ofícios necessários em toda a vida humana que as mãos humanas devem desempenhar, e ele nunca deve sentir-se acima da ajuda pessoal que pode ser necessária na vida diária.

Se um homem pode estudar matemática da melhor maneira e dar ao mundo o benefício das leis que governam os céus estrelados, ele deve fazer isso; mas ele não deve de forma alguma ficar alheio aos deveres diários da vida. Aquele que é um verdadeiro filósofo busca o passeio matinal, o exercício diário das mãos, que mais se adequar à actividade mais saudável do cérebro quando a hora do trabalho termina.

O mundo espiritual permite a adaptação à labuta, mas não à ociosidade; oferece medida de emprego, mas não para encolher ou fugir de todo dever; oferece pressão constante e sempre viva para o desenvolvimento dos poderes activos que têm lugar no interior e, conforme afirmado antes, se o indivíduo exigir o emprego das mãos, como aqui, e exigir isso para satisfazê-lo numa existência diária e de hora a hora, então ele precisa forçosamente ajudar alguns dos que estão a labutar por formas materiais para ganhar o pão de cada dia.

Muitos há que, se libertados para a existência espiritual ou outra existência sem o trabalho obrigatório que dia a dia os ocupava aqui, se sentiriam inteiramente perdidos. Vocês notaram em alguns casos de riqueza repentina, em que um homem estava acostumado a ministrar dia após dia com energia e esperança constantes e inabaláveis, a pensar na riqueza que estava a tentar ganhar, que o mantinha firme na sua labuta diária, que quando de repente dominado por uma grande riqueza, ele se torna inútil; ele deixa de ter motivo, emprego; só pode comer, beber e dormir, comer, beber e dormir, até que o corpo se desgaste com o excesso de vida material.

Tal é o espetáculo proporcionado para vosso benefício, daqueles que precisam de um emprego constante; daqueles que, não tendo a cultura do espírito ou da mente, devem necessariamente agir sob uma esperança ou concepção dominante e onnipresente, sempre que podem ser úteis. Para pessoas como essas na vida espiritual, é dado um emprego constante. É um emprego, não de busca de ouro, mas pode ser o estimular de algum mineiro pobre que trabalha dia após dia para o mero sustento de si próprio e da sua família; pode ser para aumentar a vida daqueles que ainda estão empenhados na perigosa busca de ouro. A busca da riqueza constitui, porventura, uma das influências mais estimulantes para o trabalho das mãos humanas; mas a obtenção de riqueza é algo que só é permitido a alguns. É um exercício de tristeza de que apenas alguns precisam, e vocês podem agradecer a Deus se não lhes tiver calhado a vós.

Pois se vocês não tiverem a esperança exaltada que leva à afeição ou caridade divina, a riqueza que de repente caísse sobre vós seria uma visita da doença física, de grande tristeza e de depravação moral. Se houver aqueles no vosso meio que sejam escolhidos para exemplificar esta lei, leiam a lição correctamente e entendam que, embora os homens possam trabalhar com grande nobreza em prol da obtenção de riqueza e do desenvolvimento de recursos naturais, dificilmente poderia haver uma calamidade maior cair sobre uma mente subdesenvolvida, ou mesmo mais ou menos avançada, do que a repentina posse de uma riqueza fabulosa, por os sentidos então imporem o seu poder. Mas enquanto vocês estão no estado de trabalho e de necessidade, há espaço para o espírito se expandir; a exaltação da expectativa confere dinamismo às vossas vidas, e o grandioso cenário da natureza ao vosso redor eleva-se da degradação e da natureza sórdida da busca em que estão envolvidos.

Nos estados espirituais, vocês podem escavar montanhas em busca de ouro, se quiserem, mas precisam fazer isso para ajudar o espírito de alguém que está na terra. Sob a necessidade de trabalho físico, vocês podem realizar a vossa vocação diária se desejarem, mas precisam fazê-lo com o motivo adicional de ajudar uma outra pessoa; pois a mão daquele que busca apenas para si próprio um emprego está paralisada e o cérebro se torna impotente e enfraquecido. Passar uma hora na ociosidade de forma a obterem uma nova sensação mental, ou realizar algo pelo mero benefício do louvor dos outros, não constitui a ocupação da existência espiritual.

Aquele que está concentrado nas estrelas, a chamá-las pelos seus nomes e a descobrir a relação matemática que têm umas com as outras, no reino do espírito ainda se encontra impotente para virar o seu telescópio espiritual em direção a qualquer estrela, planeta, sol ou orbe no espaço distante a menos que ele seja estimulado por dentro pelo amor pela humanidade. De modo que, se o maior dos astrónomos for cego espiritualmente, não encontrará nenhum ponto luminoso de onde possa irradiar as suas actividades no mundo planetário; por não haver estrelas ao alcance da sua visão espiritual a menos que sejam iluminadas por esta esfera divina de dentro; e muitos grandiosos entre os homens, porventura idolatrados, encontram-se numa região de escuridão espiritual, sem o poder — exceto por meio da rotina árdua de alguma mente terrena — de descobrir novos mundos ou os princípios sobre os quais os planetas giram nas suas órbitas.

Mas, felizmente, os verdadeiros génios em ciência são quase sempre génios em percepção espiritual. A sua ocupação é o resultado da grandeza da sua mente e alma, e eles não podem contemplar os céus estrelados ou as maravilhas da criação sem a correspondente grandeza e exaltação da alma. Portanto, vocês ainda não os encontrariam em qualquer luz incerta da terra, não dependentes do observatório do Signal Service Bureau, não duvidosamente a observar as estrelas através das fendas de nuvens da atmosfera terrestre, nem dependentes de um momento em que as tempestades cessem o seu poder, para assistir às maravilhas dos céus; mas na região tornada bela pela luz dos seus próprios espíritos, a irradiar o que recebem sobre aqueles que estão abaixo deles, a manter em contemplação nas torres de vigia das suas naturezas espirituais o firmamento divino ao redor e acima deles, eles expressam o pensamento, e irradiar a partir de dentro a luz que lhes há de dar o conhecimento dos céus estrelados. Para esses, não existe caminho incerto dos planetas; para esses, os cometas não são mais um mistério; para esses, todas as belezas no reino da luz além dependem da maior beleza e grandeza da alma.

Alguns perguntam: "Se os astrónomos têm um conhecimento tão perfeito na vida espiritual, e são capazes, com os seus telescópios espirituais, formados de percepção e pensamento, de perceber mais dos princípios da ciência astronómica, por que eles não o revelam aos mortais?" Ora, com efeito! Haverá algum astrónomo nas escolas de ciências da terra — em Harvard, em Cambridge, em qualquer uma das universidades científicas Europeias — que esteja disposto a receber uma ideia do falecido Herschel, ou de qualquer um cujo nome brilhe em grandeza no mundo astronómico? Não estarão eles tão imbuídos de ciúme pelas suas próprias descobertas que, se um espírito lhes passasse conhecimento sobre um outro planeta, eles não o acatariam mas haveriam de o reivindicar como seu, por não quererem que houvesse um astrónomo morto que pudesse ajudá-los nas suas explorações pessoais? E se houver quem esteja disposto, ele não terá dado ao mundo o resultado da inspiração que lhe foi dada, e não terá nutrido a sua própria alma com as ideias que lhes foram dadas, até que gradualmente eles tenham sido ensinados cada vez mais longe sobre a astronomia dos céus, e mostrado as maravilhas que o mundo não estava pronto para receber?

Não perguntem sobre aquilo que vocês nada sabem. Os espíritos não podem ensinar a astronomia dos céus até que vocês estejam dispostos a aprender que os céus existem lá. Quando vocês estiverem, todas as imagens celestiais fluirão na vossa direcção e, como aquele que trabalha de boa vontade, todas as coisas da natureza os ajudarão. Os pássaros cantam para ele, as águas murmuram para ele, as brisas sopram-lhe na testa, ao passo que ao espírito queixoso nada vem.

Portanto, não perguntem por que eles não trazem essas verdades que surpreenderão o mundo, mas estejam em condições de receber qualquer verdade; pois o simples reconhecimento do conhecimento espiritual precisa vir antes que vocês estejam prontos para receber mais.

Com respeito às ciências químicas e físicas, aqueles que aplicaram as suas vidas à descoberta das fontes primárias da vida, por que não nos dizem eles algo mais sobre o protoplasma, as células, os processos orgânicos, os átomos e os primatas da existência? Porquê? Existem diferentes escolas de ciências em briga umas com as outras sobre um assunto que não conhecem, e em meio a isso uma criança pode subir nesta plataforma, dar conhecimento dos princípios químicos, e nenhum homem de ciência, a menos que ele seja Espiritualista, teria a coragem de reconhecer que isso seja uma verdade. Se for um Espiritualista, então todo o mundo científico clamará, como fizeram contra Zollner, como fizeram contra o Sr. Crookes e o Sr. Wallace: "Mas eles são apenas entusiastas!" Quando o mundo estiver pronto para a verdade espiritual, todas as outras coisas se seguirão; mas vocês precisam ter a disposição espiritual para creditá-lo à fonte de origem; pois tal é a natureza da verdade espiritual que precisa vir primeiro, e o conhecimento da ciência e das coisas mundanas vem depois.

Jesus não disse aos seus discípulos: "Buscai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas lhes serão acrescentadas?" E isso não foi pervertido e mal utilizado?

Não é possível que de fontes espirituais flua para o homem conhecimento material de significativo e importante valor até que a fonte espiritual seja reconhecida. Vocês não podem obter ouro nem descobrir pedras preciosas usando os instrumentos do mundo espiritual para depois negarem a fonte de onde elas vêm. Precisam voltar-se para o espírito, buscar a sua luz primeiro, os seus métodos, o seu poder; e como a grandeza de uma natureza verdadeiramente nobre atrai todas as coisas a si pelo seu maravilhoso poder, também o conhecimento, a ciência, a arte, a mecânica, a química e a astronomia são os resultados da percepção espiritual, mas não podem ser tomados por si só enquanto negam as outras.

Conhecemos rapazes e moças que disseram: "Oh, se o Espiritualismo nos ensina o conhecimento da história, eu gostaria de ser médium." Nós pedimos perdão; mas vocês não pode buscar o Espiritualismo pelo conhecimento da história; vocês precisam buscá-la por vós próprios, e se o conhecimento da história vier a vós depois, ele virá por meio daquele dom espiritual que vocês aceitam livremente e reconhecem livremente. Mas buscar o reino dos céus por causa de qualquer utilidade que ele traga, é um artifício tão estéril quanto buscá-lo pelos vossos próprios prazeres egoístas. O poder intelectual nos aspectos espirituais é o resultado de uma intuição e cultura que devem pertencer à

vossa pronta concordância com as fontes de onde vem; e vocês bem poderão dizer igualmente "Eu terei conhecimento de química, mecânica ou matemática, mas não farei nenhum dos estudos necessários a isso. Quer dizer, vocês gostariam de os obter por formas espirituais, e ainda assim não começar pelo início.

A estrada real para o conhecimento que é dada aos videntes, profetas e médiuns inspirados, não é uma estrada que não tenha a companhia do crescimento ou do desenvolvimento espiritual; nem deixa de ser acompanhado de nada que o mundo chame sacrifício. Deve haver uma disposição para receber, deve haver uma consciência do poder superior que vem. Aquele que nega o doador, mas aceita o dom, é o mais notório covarde de todos. Assim, os empregos espirituais, vêm a vós de acordo com a vossa necessidade. Se houver pessoas prontas na terra para receber uma invenção adicional, uma nova aplicação do vapor ou da electricidade, deverá vir a eles de alguma forma como a que mencionamos, mas não vem em demanda de um clamor popular, nem através de algo que vocês chamam prático.

Não será melhor que o homem que trabalha seja ensinado que ele é uma alma imortal, e que nós ajudemos a sua mão a fazer a tarefa diária, do que tirar a pá das suas mãos e fazer o trabalho por ele? Não será melhor se infundida na vida da humanidade chegue a ideia central do emprego espiritual, que por si própria não é egoísta nem labuta, mas que para sempre derrama a sua luz, amor e trabalho sobre os outros? Não será isso melhor do que aquilo que lhe haveria de dar o conhecimento para usurpar o direito do próximo? - dar um conhecimento ou poder especial, sem luz e o espírito para saber as fontes de onde teria vindo? Ah! os olhos cegos para a luz do sol, os ouvidos surdos para a música são certamente algo lamentável; mas mais lamentável é uma vida estéril dessa percepção espiritual que sabe que, se as bênçãos vêm, elas vêm, nem às cegas nem da terra, mas de vidas inteligentes, conscientes, activas, carinhosas e úteis que se encontram acima de vós.

Rogo-lhes que recordem as mãos carinhosas que estavam acostumadas a trabalhar por vocês na terra; a mãe cujos labores nunca terminavam; a irmã que paira ao vosso redor como na vida terrena, a suavizar todos os caminhos e a tornar agradáveis todos os lugares por onde vocês andam; e depois pensem se na vida espiritual houver algo que eles possam fazer de alguma forma para os ajudar, se eles poderiam abster-se de fazer isso? Mas eles não podem fazer isso, excepto da maneira que mencionamos. A mãe ainda trabalhará, mas em vez de mãos cansadas e pés cansados, não reconhecidos por vós, ela deve vir em resposta ao vosso amor; ela deve reflectir ao vosso redor e ajudá-los nos caminhos perigosos da vida por meio das suas próprias aspirações e orações. Vocês excluem o trabalho carinhoso dos espíritos que os ajuda quando cerram as vossas vidas da presença consciente deles e impedem que as vossas aspirações e memórias pensem neles.

Oh, a vossa mãe espiritual trabalha! Mas se vocês não estiverem em condições de receber o ministério da parte dela, se houver trevas e rebelião na vossa alma, ela ainda resplandecerá sobre vós do mesmo jeito; as mãos dela ainda se movem ao vosso redor e, num momento qualquer, porventura de inconsciência externa, ela é capaz de os alcançar.

Digam que não existe emprego na vida espiritual! Ora, vocês consideram estar ocupados aqui; mas se toda a ideia que vocês têm, toda a aspiração que vocês podem ter, toda a esperança que vocês podem abrigar e todo propósito elevado que vocês já sonharam, fossem utilizados e tornados práticos no instante em que foram pensados, os vossos dias não estariam mais ocupados? Não seria aglomerado numa vida, o que agora encerram mil vidas? Tal é a ocupação na vida espiritual que a ausência de pensamento, a ausência de amor, constitui ociosidade; e aquele que busca a ociosidade aqui, precisa começar com o trabalho de ajuda àqueles a quem ele furtou o seu descanso e a sua necessária recreação na Terra.

O milionário que se esforça para ser grande na sua esfera, mas cujo trabalho está concentrado apenas em si próprio, logo descobre que está apenas a tecer cercas de areia na vida espiritual. Que ninguém aqui, seja ele comerciante, seja ele especulador, seja ele banqueiro, imagine que pode ter a ajuda valiosa de Vanderbilts e Peabodys, ou outros que representaram a influência modesta do seu tempo. Cercas de areia que lhes caem e saem das mãos são a medida do seu poder material em

estados espirituais; e por mais que possam exercer influência psicológica sobre aqueles que ainda estão envolvidos em actividades similares na terra, espiritualmente encontram-se desprovidos de valor para os ajudar.

Mas eles podem ajudar os milhares de pobres mecânicos e artesãos, a quem a ganância e a influência dos seus monopólios empobreceram. Eles podem ajudar algum homem pobre cuja família esteja a morrer de fome devido ao resultado de especulação que tenham feito e das dificuldades por que tenha passado em resultado dela. Eles podem ajudar os internos das casas de caridade e dos asilos de loucos por causa das intrigas e desonestidades praticadas nas juntas de comércio e nas bolsas de valores. Eles podem ajudar aqueles que, porventura, estejam condenados a oito, dez, doze ou dezasseis horas de trabalho físico por dia, por causa de uma pequena miséria que lhes tenha sido roubada em nome da especulação.

Se vocês desejarem vê-los agora nas suas ocupações espirituais, não os encontrarão onde os magnatas ferroviários se encontram, nem onde os banqueiros neste país procuram ainda obrigar a dobrar os fardos sobre os pobres, nem nos redutos onde aqueles que se reúnem se esforçam por manter nas suas garras de ferro as vidas e ganhos do trabalhador; mas tendo descoberto que o que eles tinham não possui valor, vocês os verão a confundir, a espalhar e a perturbar todos esses elementos financeiros, e a procurar desfazer isso por esforço individual em favor daqueles a quem eles prejudicaram enquanto estiveram na terra. Vocês os verão a construir os caminhos-de-ferro da vida espiritual por meio de linhas de simpatia e amor; vocês os verão concentrados no sublime poder da existência espiritual, a confundir o poder financeiro na terra; vocês os verão agora (porque tais homens são dotados de percepção e de inteligência), activos na mesma proporção com que aqui trabalharam com toda a força do seu intellecto, embora a infligir inconscientemente erros.

Assim, quando se colocados frente a frente com os problemas da vida, vocês os verão, não a favor, mas *contra* aqueles que ferem e oprimem a humanidade; a menos que de facto o egoísmo seja tão profundo e se ache tão enraizado que não haja poder para ajudar uma alma que seja. Assim, eles apelam-lhes, e não vocês a eles. Recebessem vocês uma resposta desse espírito às vossas reivindicações financeiras, e teriam piedade deles; pois ele não tem tanto ouro em pó quanto o que comporia a menor das asas de uma borboleta; eles não têm tanto poder quanto a criança que pode lançar beijos ao sol e entrelaçá-los nas vossas vidas.

Tenham dó daqueles que, não tendo emprego na vida espiritual, não têm nenhum por serem demasiado egoístas, porque essa é a condição mais dolorosa. No seu caso, os fogos do *Geena* quase pareceriam um alívio daquela sombra consumidora, daquele anseio insatisfeito, que não encontra nada para fazer quando conduzidos ao grande reino de actividades em que o espírito entra pela morte. Essas actividades são tão mais significativas do que as terrenas, que num momento do tempo terreno frequentemente testemunham na vida espiritual a realização de um trabalho real que equivale a um século do tempo terreno; e nos vários dias ou períodos dos estados espirituais estão concentrados ideias, poderes, sentimentos e actividades que se estendem bastante por toda a eternidade — sempre ocupados com a grande maré da vida, e pensamento e amor que se move, oscila e surge ao redor eles.

O vosso mundo é um retardatário; o vosso é o estado de desempregado. Os vossos feixes de grãos dourados, que vocês esperam que o sol amadureça, são mais típicos das actividades da vida espiritual do que todos os trabalhos, muitas vezes, das vossas mãos, e ainda assim vocês precisam trabalhar ao seu próprio jeito. E como as criancinhas adorariam ajudar a mãe a cuidar da casa; e como os meninos ajudariam o pai no arar ou na bigorna — o tempo todo a atrapalhar — também nos empregos da vida terrena vocês não devem entravar o Pai Divino, mas podem frequentemente desfazer o emprego superior do espírito com a vossa insistência em tornar o que está além, como o emprego da terra.

Deem graças aos céus por todas as vossas decepções; agradeçam aos céus por aquilo que não vem em resposta ao vosso desejo, pois ser tanto mais certo que virá em resposta à vossa necessidade; e no

grande emprego do espírito vocês ganharão em riqueza da alma o que ficarem felizes por perder na riqueza da terra.

OCUPAÇÃO DOS GÊNIO NA VIDA ESPIRITUAL

Conforme afirmado na nossa última palestra, a ideia de emprego na vida humana é algo que ocupa as mãos e deve pertencer à subsistência material; no entanto, mais de três quartos dos empregos da vida terrena têm a sua origem na mente e devem ser governados pela inteligência para que possam avançar com sucesso. Com efeito, tão frágil e impotente é a forma física do homem que, sem o auxílio desta inteligência superior, a criança é o mais indefeso dos seres humanos; o mais desprotegido de todas as coisas criadas.

Mas, através da inteligência, o homem alcança vitórias sobre o seu ambiente físico; faz com que as árvores da floresta se curvem para lhe servirem de abrigo; que a pedra das pedreiras seja moldada na sua habitação; que o barro da terra seja transformado em moradias, e que toda a atmosfera, o mar e os vastos céus satisfaçam as suas necessidades; enquanto os produtos da terra, cuidadosamente cultivados pelas suas mãos, não apenas atendem às suas necessidades reais, mas também alimentam os gostos mais luxuosos, servem os apetites que, talvez, fosse melhor não satisfazer.

No domínio do intelecto, o génio impera. É o génio inventivo que enche a terra de dispositivos mecânicos para superar a labuta necessária do trabalho manual, e é o trabalhador qualificado que exige o preço mais elevado pelo seu esforço; e é o inventor que, por fim, beneficia a humanidade, elevando o trabalho ao domínio da inteligência, em vez da labuta física. E embora, como dissemos na nossa última palestra, não haja dúvida de que certo emprego do físico é necessário para o bem-estar de todas as pessoas, ainda assim, essa desigual distribuição do trabalho que existe hoje na Terra deverá, mais cedo ou mais tarde, dar lugar a uma humanidade mais ampla e mais abrangente, que contemplará as necessidades intelectuais e espirituais, enquanto o trabalho corporal será executado por maquinaria adequada e por uma distribuição equitativa.

Os génios são as profecias da humanidade, ilustrando aquilo que toda a vida humana poderá um dia tornar-se, quando a ignorância, a pobreza, a degradação, o orgulho e todo o pecado forem superados. Aliás, muitas vezes ensinam outra lição: que, se alguém é apenas grande numa única vertente do intelecto, e se não há um correspondente crescimento espiritual e desenvolvimento moral, o génio é estéril, como as águas do Mar Morto, nada oferecendo em retorno. O verdadeiro génio deve ser aquele cujo coração está em sintonia com a humanidade, cujo espírito responde à simpatia humana, e que, ao oferecer os seus dons ao mundo, não busca uma retribuição egoísta; mas, tal como a flor desabrocha para espalhar o seu perfume, ou a estrela brilha porque tem de o fazer, assim o génio se expressa porque necessita de o fazer.

"Na existência espiritual", perguntais-me, "como pode o escultor esculpir estátuas no ar vazio, se não há um material substancial sobre o qual possa exercer o seu génio?" Nunca pensaste, ao contemplar uma estátua, que o objetivo de a esculpir era trazer o génio do escultor ao alcance da compreensão humana e tornar-te consciente da imagem que estava na sua mente? Se, pela graciosa lei da simpatia espiritual e pela exaltação da tua compreensão, fosses capaz de perceber a imagem perfeita e bela no seu espírito, não seria isso uma satisfação ainda maior? Pois pode haver uma falha ou uma mancha no mármore; pode haver um contorno imperfeito que desagrade ao escultor; mas, na imagem da mente, caso a conseguisses perceber, ali estaria o objeto — Fé, Esperança ou Amor, ou qualquer qualidade que o mármore pretendesse retratar — com uma perfeição divina.

Além disso, a arte não consiste simplesmente em fazer com que as pedras falem e as curvas retratem a imagem, mas sim em que a voz da Arte fale à inteligência de outros, a outras vidas, a outros seres que não o artista. Se tens um pensamento belo, perfeito, sagrado, divino, anseias por partilhá-lo com alguém que amas; e se não há outra maneira de alcançar essa pessoa senão através de palavras

cuidadosamente escolhidas, de um poema da tua eleição, de flores que possam respirar a mensagem divina ou de alguma imagem pura que transmita a esse ente querido o teu pensamento, não é a forma que o transmite, mas sim o pensamento que é divino. E quando, nos momentos mais sagrados de comunhão, o teu ente mais querido e mais amado é capaz de perceber os teus pensamentos, de sentir e compreender o que pensas, e se o faz sem palavras, quão mais satisfatório é; quão superior ao mero som vazio, pois estás consciente da posse do teu pensamento no domínio do espírito; quão mais satisfatório do que aquela condição que ainda precisa de imagens esculpidas e estátuas talhadas, e que ainda depende de quadros pintados para expressar a luz, o pensamento e o génio.

Um artista está rodeado pelas suas próprias criações. A subtil atmosfera da vida espiritual retrata, para aquele que se aproxima do artista, a natureza da esfera que ele habita. Se esperas ver Rafael não apenas rodeado das doces Madonas que pintou, mas com a arte mais elevada e divina do seu génio, encontrarás nele não apenas os rostos das suas magníficas pinturas que brilham na memória e tornam a Itália imortal, mas também uma presença ainda mais querida e sagrada — o rosto daquela que o inspirou; a forma da criança que serviu de modelo para o Menino Jesus, e a luz dos olhos que brilharam sobre ele durante os anos do seu labor e elevaram o seu génio a algo angélico e divino.

Essas vidas envoltas em luz, e não os quadros, tornam-se os objetos da sua representação; e onde quer que um coração tenha sido tocado pela imagética da sua arte, ali está pintada uma imagem sagrada e viva na sua morada espiritual. Se, ao contemplar as Madonas com êxtase, elevaste os teus pensamentos à esfera da arte que ele habita, então esse pensamento é imortalizado; esse louvor torna-se a sua pintura; essa recordação amorosa uma das imagens consagradas no templo da sua vida; e ao derramar a esfera do seu génio sobre as aspirações da Terra, não só acende o amor pela forma, pela cor e pela beleza das formas, mas também o amor pelo amor — um verdadeiro amor por aquilo que é divino, que é mais do que arte, que é a alma eterna do génio.

Se, ao ler Dante, o drama divino se projeta diante da tua visão com as distintas e maravilhosas diferenças entre os estados espirituais; se sentes simpatia por aqueles que estão nas trevas, por aqueles que estão no purgatório; se, com os que estão no paraíso, provaste a luz da imortalidade, lembra-te de que foi através daquela imagem divina e sagrada, Beatriz, que ele te conduziu pela visão do paraíso, para que pudesse dar ao mundo as lições do seu triunfo.

Assim és admitido ao santuário do maior dos génios — o amor divino e exaltado. Isso é mais do que a representação, mais do que a linguagem do sofrimento, mais do que as trevas do purgatório, mais do que a luz do Paraíso — é o próprio céu. E lembra-te de que, qualquer que seja o valor do poema escrito na Terra, ele reduz-se a argila sem vida em comparação com a imagem daquela alma que pôde criar o poema, compreender as cenas dos estados espirituais e angélicos, e exaltar a Rosa Branca do Amor à santidade do céu.

Génios! Sim, o seu trabalho é moldar os pensamentos e as almas humanas, e torná-los dignos de serem os templos da vida imortal. Génios — não Miguel Ângelo em Roma, a desenhar a imagem de São Pedro, cujo domo repousaria entre as nuvens enquanto os alicerces se firmavam na terra — mas Miguel Ângelo nos domínios da Verdade e do Amor, elevando os pensamentos e os anseios humanos para fazer parte do templo sagrado da humanidade e da vida imortal.

Assim, o génio dos inventores, deslizando para além da mera estrutura mecânica do universo, expressa os seus pensamentos para a humanidade; percebe as forças motoras que ainda mais vos devem elevar da monótona engrenagem do trabalho, acende os faróis que iluminarão os lugares obscurecidos da Terra.

Se alguém possui génio para a invenção, não só o princípio dessa invenção é percebido nos estados espirituais, mas também a sua aplicação. Resta apenas que as mentes terrenas sejam exaltadas para receberem as impressões da estrutura mecânica antes que esta esteja completa na Terra. Não é necessário que o inventor espiritual, ou aquele que vive na vida espiritual, veja qualquer forma tangível ou concretização da sua invenção, pois sabe, pela percepção do princípio, que esta será correta. Apenas

quando se abordam as invenções do lado material, do lado da experiência, do lado da construção desajeitada, se torna necessário testar a sua capacidade.

Assim como a matemática foi a chave certa para a construção do sistema solar e, muito antes de o seu telescópio estar moldado para lhe permitir ver o planeta que descobrira, Herschel sabia que ele estava lá pela lei da matemática, assim também o inventor, percebendo corretamente o princípio, não é obrigado a tropeçar e errar na sua aplicação quando a percebe do lado espiritual da vida. Com igual certeza, Edison percebeu o princípio da eletricidade na natureza das experiências que deveria realizar, mas não pôde aperfeiçoar a ideia senão em conformidade com o método agora empregado; e, embora conhecesse o princípio correto, foi forçado a testá-lo através do processo laborioso da experiência humana, que era já uma certeza no seu pensamento.

Depois de algum tempo, quando vos voltardes mais distintamente para a fonte espiritual das vossas invenções; quando acreditardes mais que elas são diretamente intencionadas, em vez de serem o resultado do acaso; quando compreenderdes mais que o homem não faz descobertas, mas que elas o aguardam; quando perceberdes que tudo o que é possível alcançar no domínio da ciência espera na atmosfera acima e ao vosso redor, então compreendereis que os génios na vida espiritual apenas precisam de perceber a verdade — não de a criar; apenas de descobrir onde se encontra a lei — não de a modificar. Esse é o único trabalho dos génios no universo.

Os poetas não criam poesia; eles simplesmente atingem o estado onde os poemas do universo estão escritos na alma. Os inventores não fabricam maquinaria; simplesmente alcançam essa parte da grande alma universal onde os princípios da vida existem, e a linguagem ou alfabeto para a sua expressão na forma humana é a maquinaria que finalmente se aplica ao uso humano.

Os filósofos da antiguidade não estavam assim tão longe da verdade, pois descobriram que aquele que compreende o verdadeiro princípio da vida está acima de toda a sua aplicação externa. E por que não? A maior conquista dos mártires não foi apenas conhecer a verdade e estar dispostos a expressá-la, mas, se necessário, estarem dispostos a morrer por ela. Pois o que é a vida humana no físico comparada à verdade que é imortal? De ambas as formas, a utilidade do pensamento moderno e a grandeza da filosofia antiga podem unir-se; pois, assim como o trabalho é enobrecido pelo génio, assim aqueles que se encontram presos às cadeias do labor compreendem o significado do génio e vivem numa atmosfera que não depende tanto da necessidade diária. Assim como aquele que nada pode pensar além de comida precisa de se alimentar com mais frequência, assim também aquele que habita noutra atmosfera pode alimentar o seu corpo apenas para o uso da alma.

O génio, portanto, na vida espiritual, ocupa-se em perceber o seu próprio ser; em habitar na atmosfera que é adequada à sua expressão, e em transmitir essa atmosfera a outros. Não é a transmissão de um método distinto que constitui a verdadeira descoberta e a verdadeira inspiração na Terra. Não precisais tanto de fórmulas quanto de ideias; não necessitais tanto de mecanismos quanto de princípios. O mecanismo surgirá quando os princípios forem percebidos.

Conforme mencionado no nosso último discurso, a astronomia, a geologia, a química e as várias ciências, aplicadas à vida quotidiana, não vos serão transmitidas pelo caminho real de serem ditadas passo a passo, construção por construção, sem que vos volteis para as fontes de onde provêm; e nenhum génio no estado espiritual pode vir ao vosso lar para dizer: "Este é o modo de ganhar dinheiro; este é o caminho para descobrir as estrelas; esta é a combinação química correta de que precisais", até que tenhais percorrido os passos intermédios — até que vos volteis para a fonte espiritual e digais: "Necessito da ajuda, da orientação e da influência dos poderes espirituais."

Há várias classes de pessoas no mundo que confessam esta influência superior, nomeadamente os atores. E porquê? Porque vivem num domínio que não é formal, que não é mecânico — pois depende do génio para a sua perfeita representação. Nenhum ator meramente mecânico pode jamais ter sucesso, e a subtil linha do génio que os torna dependentes da inspiração é percebida por todos os que possuem esse dom. Podeis perguntar-lhes; eles reconhecerão isso.

Jefferson, na sua interpretação da sua obra-prima, estava nitidamente consciente da influência do seu pai. Num artigo publicado há alguns anos na *Atlantic Monthly*, foi mencionado que frequentemente ele atuava de forma inconsciente, desempenhando o papel num estado de transe durante toda a encenação. Edwin Booth sentia muitas vezes a presença distinta do seu falecido pai. Tão habituados estão os atores e atrizes de primeiro nível a confiar neste poder, que acreditam tão distintamente quanto possível na vigilância sempre presente daqueles que são os seus espíritos guardiões nessa direção.

Os poetas, mais do que qualquer outro, esperam a presença desse espírito penetrante quando escrevem; e dir-vos-ão que não podem escrever poemas por encomenda; que deve haver inspiração; que devem senti-lo. Mas isso estende-se frequentemente à presença consciente do génio guardião ou protetor; assim como, no caso de Dante, a divina Beatriz ditava as palavras do poema.

No domínio da pintura ou da escultura, mais mecânicos em si mesmos do que as artes que nomeámos, quase sempre se encontrará acompanhando o génio esse subtil dom de inspiração, que opera sob a influência dominante e irresistível de um poder propulsor que não pode ser forçado, que não será governado, mas que se manifestará quando a luz interior se acender.

Certas profissões na vida humana — os advogados, os médicos e outras — são menos inspiradas, porque os seus dons pertencem aos usos mecânicos e externos da vida. Os advogados — salvo em casos de humanidade transcendente, onde uma vida humana está em perigo, onde perante o frio tribunal judicial alguma vítima inocente está prestes a ser sacrificada — têm pouca oportunidade de exercer esse dom divino. O precedente, as fórmulas legais, devem tomar o lugar da inspiração. Mas o orador, aquele que se ergue perante o tribunal, pode frequentemente, pelo seu próprio génio, assegurar o triunfo do seu cliente, mesmo quando a lei está do outro lado.

Felizmente, isto é por vezes aplicado em benefício da humanidade, e, nesses casos, os génios do bem sorriem das alturas azuladas ao ver que há um poder na eloquência humana capaz de triunfar sobre as fórmulas legais.

No caso do médico (que deveria ser um dom divino), há menos inspiração na *Materia Medica* do que em quase qualquer outra escola profissional humana. Desde os tempos de Esculápio até ao presente, pouco progresso foi feito nas fórmulas da medicina. E, no entanto, mesmo aqui houve espaço para que a influência corrosiva do passado fosse penetrada pela luz da inspiração. O génio usurpou o toque externo e desprovido de alma do mero médico habilidoso, e enquanto presidentes são permitidos a serem assassinados pela ciência, cidadãos comuns têm o privilégio de recuperar pela clarividência.

Tal é o triunfo que, eventualmente, virá ao mundo: que a prática qualificada, que é externa, apenas complementar a percepção do clarividente, e que o cirurgião não será mais do que o servo do olhar penetrante que diz: "Corta ou sonda aqui," com a certeza da visão clarividente, em vez de sondar polegadas e polegadas na cegueira insensível da ciência material ou da incapacidade.

Os génios do púlpito são tão poucos e tão marcantes que podem ser contados; e todo o sucesso que os clérigos encontraram ou alcançaram nos últimos dois mil anos deve-se ao génio. A escola comum de teologia não oferece nada ao mundo, exceto a monótona engrenagem de credos e fórmulas. Mas, aqui e ali, surgiram figuras como Lutero, para a Reforma, Calvino, Knox — cada um à sua maneira.

Embora tenha sido infeliz que o medo fosse um elemento proeminente, era ainda assim algo que não estava envolto em inércia. E esses génios, traçados ao longo de uma linha direta, podem ser contados pelos dedos de uma mão, pois foram os que levaram adiante a obra da verdadeira evangelização cristã no mundo. Aqueles que comovem os corações do seu povo, que os movem para maior afeição, que os conduzem a contemplações mais elevadas e grandiosas, afastam-se do credo e da fórmula com a mesma naturalidade e distinção com que a ciência se afastou da ideia de uma Terra plana antes de

Galileu e avançou para o reino das estrelas, com o grandioso movimento do firmamento acima, sem medo, sem terror, sem tremor.

Assim caminharam os Parkers, os Channings, alguns dos Beechers e outros, avançando destemidamente para a luz, para o domínio do espírito; assim também o fizeram aqueles que despertaram nas vossas próprias vidas impulsos religiosos mais elevados do que os estreitos grilhões da vossa infância. Estes chegaram até vós com génio, com inspiração; estes marcaram a religião destinada à humanidade; estes foram inspirados não por profetas, mestres e sábios da antiguidade, não por Jerusalém, não pela Palestina ou pelos discípulos de Cristo.

Mas, se os procurardes fora da grandiosa esfera que ocupam na existência angélica ou espiritual, procurai-os na vida daqueles homens que acendem o pensamento de inspiração, o amor pela humanidade; que ensinam que o amor de Deus se encontra no vosso amor uns pelos outros; que vos ensinam que podeis servir a Deus melhor servindo-vos uns aos outros. Não os procureis com harpas de ouro em cidades fabulosas e distantes, mas procurai-os no caminho diário da vida, onde é necessária uma mão forte, onde um coração amoroso deve mostrar à humanidade o caminho melhor e mais elevado, e onde, vencendo o forte materialismo e mundanismo do tempo presente, tenham a coragem de se libertar dos grilhões do credo e declarar que Deus é o pai de toda a humanidade.

Procurai-os lá, dizemos, e então vereis o que os génios da religião têm a fazer no mundo dos espíritos — moldar, formar, libertar a humanidade do jugo do credo, do ritualismo e da escravidão, conduzindo-a para a luz da inspiração que está em vosso meio todos os dias e todas as horas. E os vossos lares tornam-se os vossos altares, os vossos filhos os vossos profetas e conselheiros, e os jovens, homens e mulheres, são elevados para ensinar a palavra da verdade. Pairando acima dos conventos, acima de todas as instituições de ensino teológico, o espírito da inspiração abre caminho através da teologia até aos vossos pensamentos e torna-vos unos com ele.

Génios? Sim! Eles sorriem para vós da grandiosidade da altura que alcançaram. E se o feroz credo do Calvinismo encontrou resistência na vida humana, também a encontrou na sua própria existência espiritual, e, lenta mas cuidadosamente, tem removido a grande aflição imposta ao mundo pela sua fórmula equivocada da vida.

Se Wesley brilhou benignamente sobre o seu povo no meio das chamas ardentes que o rodeavam, agora, da luz distante mas bela do seu lar, ilumina o caminho para o amor e a esperança humana. E se Theodore Parker não pôde encontrar verdade nem valor num Deus que era um Deus de terror, ou num Cristo que podia sorrir para a escravidão humana, não penseis que, da luz que a sua morada angélica concede, ele não veja a glória da inspiração nascida da mais elevada verdade, abrindo a rocha escura, como Moisés no deserto e Cristo no Monte das Oliveiras. Estes enviam as suas palavras e obras para a humanidade a partir da esfera do espírito.

Mais ainda: os Génios do Lar, as mãos amorosas e os corações pacientes que tornaram a vida suportável, que santificaram o lar, que o consagraram na memória como o mais sagrado de todos os lugares; o amor pelo lar e o altar aí erguido; o génio do amor materno; o génio do brilho do sol na criança que brinca à vossa volta com formas de amor sempre vivas e sempre perfeitas — fazem mais para moldar as vossas vidas, para formar as vossas aspirações, para governar os vossos impulsos e direcioná-los para a verdade, do que quando velados na forma humana, com mãos cansadas, frequentemente impotentes para o trabalho, e pés exaustos que já não podiam caminhar.

Oh, esse Génio do Amor, envolvendo cada coração e cada lar! Esse é o génio que não morre, mas vive em cada imagem sagrada e venerada, e povoa os céus com os maravilhosos ofícios de espíritos e anjos — os ofícios das bênçãos divinas. Pois aquele que mais pode oferecer amor, pensamento, verdade, pureza, esse é o mais nobre trabalhador na vinha do Senhor.

A CONDIÇÃO, NA VIDA ESPIRITUAL, DAQUELES QUE SOFREM DE CLEPTOMANIA, INSANIDADE E OUTROS TIPOS DE TRANSTORNOS MENTAIS E MORAIS

A vida espiritual consiste em estados e condições em vez de localizações, lugares e coisas pertencentes ao tempo e aos sentidos. As condições da vida humana que são aqui imperfeitas não são necessariamente alteradas instantaneamente pela transição chamada morte; e aquele que supõe que venha a escapar individualmente às suas fraquezas mentais ou morais pela mera mão da morte, está enganado.

As condições da vida humana apresentam um quadro bastante singular para quem as vê da perspectiva da existência espiritual. As enfermidades físicas, que muitas vezes são o resultado de indulgência e apetite desenfreado, e em quase todos os casos, igualmente consequência de negligência individual e de egoísmo repreensível quanto males morais, são tratadas com a maior ternura e a maior habilidade empregada na sua cura. Mas assim que vocês entram no domínio moral, assim que vocês cruzam a linha divisória entre a enfermidade física e as doenças morais, nenhum julgamento é demasiado severo, nenhuma censura é excessivamente amarga; e não só a condenação e a censura, mas a mão da lei física, e aquilo que é erroneamente chamado de justiça, são empregues para pôr fora de existência o malfeitor moral.

Não há formas de doença física em que seja lícito matar um homem, mas a extrema pena da lei é imposta à extrema enfermidade moral. Na vida espiritual, isso certamente não é invertido, mas é considerado mais infeliz aquele que é moralmente cego, moralmente surdo ou moralmente enfermo em qualquer sentido do que aquele que tem a pior forma de doença física; pois a doença física é do corpo; a doença moral é da mente e do espírito e requer médicos capazes de a compreender e de a curar.

Muitos dos vossos filantropos, em seu crédito se pode dizer que se alçaram acima dos obstáculos do estreito julgamento humano e da frieza da estreita justiça humana, e aplicaram à obliquidade moral e doenças mentais o mesmo raciocínio que aplicam às doenças físicas. Em vez de prisões com as suas revelações impressionantes e assustadoras de um lado, e a casa construída em nome de Cristo do outro, deveria haver asilos morais que estendessem os seus corredores largos e ensolarados por todo o comprimento e largura da vossa terra, e aquele que é um delinquente moral devia ser levado pelos médicos da moral e tratado na sua enfermidade.

No reino do espírito, onde a vida física e a propriedade humana não são consideradas tudo; onde o ladrão é considerado mais importante do que o acto de furtar, e o assassino é mais importante do que o assassinato; onde as leis da sociedade exigem que as almas sejam preservadas em vez de terras, moradias e ouro, o problema em questão passa a ser não de propriedade e de vida física, mas de elevação moral e tratamento ou cura das doenças mentais ou morais que minam o bem-estar da sociedade.

Houve um tempo na história da humanidade em que aquele que tinha o poder de governar, com um número suficiente de homens, podia legalmente, pelo poder a que se chamava direito, tomar posse dos castelos e propriedades vizinhas. Essa era a lei dos tempos feudais. Houve um tempo em que os vossos antepassados eram saqueadores pelo próprio direito da sua força física, e todo castelo era uma fortaleza, e todo governante de um ducado mesquinho um salteador de estrada. Na actualidade, em que sob a proibição da lei e sob os cuidados protegidos pela justiça, vocês estão autorizados a realizar actos que pareceriam aos olhos do espírito como um assalto numa estrada; mas tem uma designação diferente, que vem da licença e permissão e por meio da fórmula de sanção legal. Aos olhos do espírito, não deixa de ser a lei do poder em vez do direito.

Enquanto pequenos criminosos, que padecem de uma doença real, são relegados a celas de masmorra, esse crime que a sociedade permite recebe apenas algumas restrições, e poucos são os que se erguem

no lugar de Deus e censuram aquilo que é a base da obliquidade moral no mundo. O cleptomaniaco, que infelizmente está disposto a apossar-se de pequenas coisas e ninharias que pertencem a outro, se se estender a milhões, não é considerado ladrão nem cleptomaniaco, mas é apenas uma extensão natural e legítima do empreendimento dos negócios.

Quando os Cristãos, e nesta era utilitarista, os ministros Cristãos reconhecem as câmaras do comércio, as bolsas de valores como locais legítimos para a realização de empreendimentos comerciais e censuram os infernos dos jogos de azar e os locais onde os homens, sob uma outra designação praticam jogos de azar, pouca oportunidade sobra para a existência do terapeuta que trata a humanidade do gosto pela extravagância e das fortunas milagrosas, e do gosto de se tornar senhor, a qualquer custo, pela riqueza de outrem.

As nascentes dos rios são muito pequenas. Elas estão espalhadas por entre as montanhas e erguem-se invisíveis; mas por fim o riacho enche e, em tempos de dilúvio, os vales transbordam e podem dar lugar a uma potencial destruição. Todos depreciam o dilúvio, mas ninguém faz uma pausa para estudar o riacho invisível e silencioso da montanha.

Na sociedade humana, aquilo que surge no crime e surpreende as comunidades como exemplos marcantes de obliquidade moral, tem as suas origens e fontes no invisível. Nessas pequenas e insignificantes nascentes do apreço pela especulação; naquilo que é chamado de empreendimento individual; naquela economia Ianque que avassala tudo e busca o dólar todo-poderoso a todo o custo; naquela ambição Anglo-Saxônica de que além mar e terra busca estender o seu império embora as nações morram e os aborígenes sejam exterminados pela mão da matança. Lembrem-se que não pode haver transbordamento nos vales sem o dilúvio proveniente do riacho da montanha. E vocês, que descansam com segurança no vosso trabalho particular, conscientes, porventura, de que nenhum transbordamento suceda, podem assustar-se com a bica de água que irrompe pela vossa encosta abaixo; com a tempestade repentina que inunda o vale.

O vizinho, o irmão, a irmã, extraviaram-se sem uma causa aparentemente adequada, e vocês interrogam-se disso; mas vocês não precisam interrogar-se. O mundo inteiro está cheio daquilo que atinge as naturezas fracas e se expressa nelas. Vocês podem ser fortes o suficiente para resistir, ou inteligentes o suficiente para ocultar, ou ter outros métodos de escapar da causa ou da penalidade do acto errado. Mas roubar, enquanto tal, de acordo sob a proibição da lei não é pior, nem pode aos olhos do espírito ser encarado de forma diferente, do que aquele que recebe a sanção da lei, se for para tirar o que pertence legitimamente a outro; e até que isso seja rectificado, não pode haver necessidade de uma linha traçada entre o moralmente bom e o moralmente mau da Terra.

As palavras de Cristo trespassaram os escribas, os fariseus e os hipócritas da dispensação Judaica com aquilo que disse: "Aquele que pensa no mal já o cometeu; aquele que cobiça os bens do próximo já roubou; e quem está irado com o seu irmão já cometeu assassinato." Não veem a aplicação, de que no espírito não é a acção, mas o pensamento; não é a expressão, mas o estado que prevalece?

Por certas classes de roubo, o mundo foi forçado a admitir que existem algumas pessoas que não podem resistir a tomar aquilo que não é seu, mesmo que não tenham uso a dar-lhe. Estendam essa lei um pouco mais e vocês incluirão toda a tendência especulativa da humanidade, uma tendência que é fomentada pelo que é denominado "empreendimento comercial legítimo."

A competição vigente no comércio que engendra esse sentimento até mesmo no menino de seis ou sete anos de idade, finalmente estende-se a naturezas mórbidas, no sentido de se apossar de coisas necessárias ou não. Se as necessidades do homem fossem o limite da sua avareza, então haveria, porventura, algum argumento a seu favor; mas o milionário só pode usar na sua própria pessoa uma certa proporção da riqueza, e o resto deve concorrer para oprimir ou beneficiar os outros.

Normalmente, ele oprime os demais, gerando uma magnitude de poder que é muito maior do que qualquer covil de ladrões em qualquer cidade populosa, tal como uma força sancionada é maior do que

uma força ilegítima; tanto maior pela injustiça e pelo roubo do pobre do que os bandidos todos combinados do mundo, tal quanto um rei mais poderoso com os seus exércitos e lacaios do que o camponês que rasteja a seus pés.

Não confundam, pois, essas forças; o cleptomaniaco passa ao estado espiritual à sombra dessa falha e, lado a lado com ele, pode ter um banqueiro, um milionário ou um monarca, cuja sombra é dez mil vezes mais profunda e a quem ele pode beneficiar moralmente; porquanto, consciente dessa sua fraqueza a que foi aliciado e forçado toda a sua vida pelo seu ambiente, ele está decidido, porventura, a superá-la. Mas aquele que recebe a sanção do mundo pelo que faz, está sujeito a despertar na existência espiritual com a consciência de que a sua torpeza moral era ainda maior do que a outra.

Há tipos de crimes que são puníveis pela própria natureza da lei humana além do merecimento, e por maneiras que eles não merecem e que, portanto, não devem ser considerados separadamente nos estados espirituais. Nem todos os assassinatos são cometidos em idênticas circunstâncias; nem todos os assassinos são do mesmo nível moral ou espiritual; nem todos cometem o acto com consciência do que estão a fazer, ou com aquele grau de torpeza moral que vai além da consciência do crime. Mas seja qual for o grau de quem liquida uma única vida, seja por raiva, por ganância ou em defesa própria, consideramos estar num plano de igualdade; e aquele que mata o seu irmão com plena consciência da lei moral; sob a sanção de um tribunal de justiça, embora possa não estar ciente do facto, é condenável pelo crime de homicídio. Pois se a vida humana é valiosa, se não é dado a nenhum homem matar outro pelo seu ouro, então não é dado a nenhum homem matar outro para *proteger* o ouro, para salvar propriedades.

Se houver algo que a sociedade possa fazer nesse caso, é considerar o criminoso irresponsável e, portanto, exercer a mesma autoridade que o cirurgião e o médico exercem no hospital. Todo o problema do universo moral gira em torno disso: ou o homem pode reivindicar com justiça o domínio do julgamento e exercê-lo sobre os seus semelhantes, individual ou colectivamente, conforme o caso, ou todo esse reino deve ser relegado à lei moral e às forças morais que foram resumidas no Sermão da Montanha, e que nunca foram experimentadas por nenhum governo da terra.

Ou vocês têm o direito de fazer justiça pelas próprias mãos, ou pela lei delegar a terceiros o seu cumprimento, ou a lei do julgamento moral vai além da capacidade que o homem tem de abranger. Embora talvez vocês possam impedir o criminoso de cometer a violência ou de perpetrar os seus erros, como fariam com o embriagado e o maniaco, vocês não têm o direito de tirar a vida a nenhum deles. E nisso, o mundo espiritual apresenta um contraste singular. Nenhuma corte de justiça, tribunal judicial se reúne ali; ninguém de facto pratica a farsa de julgar a natureza moral de outra pessoa.

Na força moral do reino espiritual, o que é bom, o que é transparente, o que é puro e belo, irradia como luz que brilha nas trevas de toda a vida individual — mais ou menos enferma — e mostra onde residem essas trevas. Os cleptomaniacos, pois, estão nessa posição, de uma enfermidade moral. Como um homem com cancro no rosto, ou alguma doença terrível, de bom grado se esconderia do olhar dos seus semelhantes, e se retiraria voluntariamente para o hospital para poder ser tratado daquilo que o torna uma maldição e uma monstruosidade para os outros, assim também aquele que tem alguma mancha cancerosa na sua natureza moral não busca na vida espiritual lançar essa mácula sobre as vestes brilhantes daqueles que permanecem sem condenação e sem medo, a observar apenas com olhos compassivos essa vítima de doença moral, mas acorre voluntariamente ao médico, Cristo, e pergunta de onde e onde pode vir a cura que lhe sane essa ferida no seu espírito.

E poucas vidas há tão perfeitas, poucas naturezas há tão livres de mácula que também não procurem o médico; porque, quando você se veem na presença de uma luz muito brilhante e de prova, ela mostra não apenas todas as belezas, mas revela com clareza todas as imperfeições na forma e nas características. E quando vocês estão na clara luz alva do espírito, também não há ninguém que possa ouvir sem se acanhar desse teste da sua natureza moral, ninguém que possa dizer "Eu estou isento e sem mancha." Algum egoísmo se oculta na vossa própria natureza, algum fluxo turvo de paixão

secreta, algo que vocês gostariam de esconder dos olhos dos anjos; e cientes da necessidade de um médico, não têm tempo para censurar ou condenar os demais.

Nos piores casos de crime humano, na terra sombria em que nenhuma luz parece penetrar, essa consciência pode não chegar ao indivíduo, mas certamente chega a todos os que têm o mais tênue lampejo de responsabilidade moral na sua natureza; e o facto de os assassinos antes de subirem na forca, antes de serem submetidos ao monstruoso assassinato judicial sancionado por terras Cristãs, muitas vezes sentem que entendem a sua própria condição e declaram que não estavam cientes da paixão ou do delírio peculiar que os levou a cometer o que foi feito.

O facto de, no último momento eles entrarem na vida espiritual com firmeza e por vezes quase de modo triunfante, não é, na nossa opinião, nenhuma evidência da profundidade da sua degradação moral, mas sim uma prova de que essa mancha que lhes tinge o espírito não os separa infalivelmente dos seus semelhantes; de que, o conhecimento humano é proporcional à responsabilidade humana, e vocês que usaram de modos duros com a vossa esposa, o vosso filho, a vossa filha esta manhã, podem ser mais moralmente responsáveis por esse acto do que esse homem que, sem o vosso treino moral, cometeu o que vocês chamam de assassinato. Pois uma palavra áspera às vezes é pior ainda do que um golpe de ira, e tem a sua origem na mesma paixão do egoísmo e esquecimento dos outros.

Por isso tenham cuidado; pois enquanto a guilhotina e o machado recaem sobre o pescoço da vítima da justiça, há uma consciência que regista toda a palavra e acto das vossas vidas, todo fracasso nos vossos corações; e aquela cólera que vocês dissimulam, mas que floresceu naquele assassinato, é na sua natureza igualmente grande deformação, se vocês tiverem tido vantagens morais e se vocês tiverem entendido as comodidades da vida, se a bondade carinhosa tiver sido cara para vós e os tesouros da existência tiverem vertido nas vossas vidas. Então, por que deveriam vocês condená-lo, quando, com a vossa cultura, não deveria existir defeito na vossa natureza? Mas mesmo essa falta não é condenada pelos espíritos nem pelos anjos, e o tribunal para o qual vocês são convocados é o tribunal da vossa consciência individual, a memória do acto, o pensamento que os perseguirá até que vocês tenham superado as suas consequências, ou até que vocês superem essa condição.

Existem igualmente tipos de melancolia que são tão repreensíveis quanto os crimes. Vocês condenam o homem que comete homicídio, mas acha que os indivíduos têm o privilégio de apresentar um rosto melancólico e de lançar suas tristezas sobre todos que encontram e de fazer sombra por onde passam. Isso é digno de comiseração, é verdade, mas vocês não deveriam lamentar o outro? Não há mais desculpa moral para a tristeza do que para o crime. Um dos vícios mais egoístas da sociedade humana é o egoísmo da tristeza que rói as cordas do seu próprio coração, que furta a vida ao seu frescor e beleza, que tira a luz do sol que é seu dever conferir aos demais, e tendo as suas fontes secretas no egoísmo apresentam as formas que as crianças nunca deveriam ver; com isso, como com todas as outras enfermidades mentais e morais, a cura precisa ser encontrada no interior. Nenhum homem pode ser bom pelo outro; nenhum homem pode expiar a ofensa de outro, e ninguém pode ser alegre por um outro, excepto irradiar alegria sobre os outros e esforçar-se assim, por a acender no coração e na vida dele.

Diz-se que vocês não devem infligir dor em nenhum ser humano, e se vocês fossem pelas ruas com uma chibata ou uma bengala, e todo transeunte recebesse um golpe da vossa parte, seria considerado uma violação da paz, e vocês seriam presos; mas a vossa reclamação, a vossa amargura de espírito, a vossa melancolia, a vossa tristeza, vocês já são capazes de usar nas vossas mangas, no vosso semblante, nos vossos longos véus escuros e manifestações de dor, e não há mão que o impeça.

Que direito têm vocês de entristecer o mundo com os vossos gemidos, as vossas amarguras, o vosso espírito de reclamação? As vossas tristezas não são maiores do que as dos outros; cada coração tem a sua própria amargura. É vossa para passarem do vosso quarto de oração, de meditação, de conquista, de abnegação pessoal, para a luz do sol de cada manhã com um rosto sorridente, e se vocês não fizerem isso, vocês estão adequados para o médico moral.

A flecha do assassino volta-se com punição instantânea, mas onde reside o caluniador? Onde estão as leis que podem caçar a língua venenosa, a flecha da inveja e da malícia, as palavras ditas no escuro que voam como fogo selvagem, a envenenar um bom nome e a enviar tristeza a um coração inocente? Nenhuma lei humana é considerada adequada para isso; nenhum valor monetário pode ser atribuído a isso; e ainda assim, cada palavra ociosa que vocês proferem em crítica de outro, ou contra o bom nome de outro, é uma flecha de assassinato.

Cuidem por que o médico moral lhes sonde o coração e mente até que seja exorcizado, porquanto certo é, que na sociedade humana mais vidas são sacrificadas pela calúnia do que pelo assassino. Certo é que, circundando toda a vida humana, flechas mais venenosas são disparadas pela da língua do que pela mão. E quando no tribunal do juízo — que é a vossa própria consciência — vocês ficam lado a lado com aquele que num único momento de raiva enfiou uma bala no cérebro de outro, e vocês veem aqueles a quem as vossas palavras irreflectidas ou comentários rudes ofenderam, dispostos diante de vocês, talvez perdoados, mas ainda cientes, vocês desejarão que caíssem montanhas e pedras sobre vós para os esconder das vítimas da vossa própria enfermidade.

Ah, mas descubramos a origem do crime humano! Cuidemos para que a fonte seja mantida pura à nossa porta; que a corrente que jorra das fontes morais do nosso próprio ser seja clara; que os emaranhados de ervas daninhas que crescem à beira do caminho sejam arrancados e possam dar lugar às flores.

Não há vidas piores na vida espiritual do que aquelas que estão convosco todos os dias; e não conhecemos nenhum lugar em nenhuma cela de masmorra ou cidade apinhada onde a mão da chamada justiça tenha colocado o condenado, onde a Caridade não possa entrar com perfeita impunidade, com as suas vestes imaculadas e a sua vida imaculada, com a palavra que ela pode aí pode proferir; pois em lugares como esse o poder curador do amor pode penetrar e revivificar os enfermos.

Em verdade, não há condição na vida humana, e decerto nenhuma na vida espiritual, que não possa ser alcançada e que não esteja sob o controlo dessa grande força moral do universo. Vocês precisam lembrar-se que as leis criadas pelo homem, aquelas que governam as questões municipais e os actos legislativos, aquelas que formam o Sistema de Justiça da vossa e de outras terras, não são as leis do céu. Vocês precisam lembrar-se que, se desejarem ter um código que corresponda ao mais elevado governo moral no universo espiritual, vocês precisarão tê-lo baseado na Regra de Ouro; e precisam lembrar-se igualmente, que nos tribunais da dita justiça humana, a Deusa cega — pois ela é cega e surda na boa representação que fazem dela aqui — a Deusa cega não olha à condição moral do homem, ao seu estado espiritual, mas apenas julga pela linha enfadonha e estéril dos acontecimentos materiais, e àquilo que está por trás do acto é oculto, e *enquanto os anjos se compadecem, os juízes condenam*.

Nas grandes leis morais da terra espiritual, o poder do direito rege sobre o do poder: a justiça é temperada pelos mandamentos do amor, e o médico é substituído a guilhotina e o machado do carrasco. Lugares de cura em que os orgulhosos e os grandes da Terra de bom grado entram; e o juiz, que ontem sentenciou o infeliz assassino à morte, pode amanhã ver-se sob o poder de tratamento do sábio médico moral da vida espiritual. Porquanto, se acreditar ser seu dever matar os seus semelhantes, certamente as suas trevas precisarão do poder iluminador da luz espiritual.

Ah! quando vocês passarem da luta, da contenda, da violência, da luta exterior, das falsas formas que a sociedade usa aqui, e vocês ficarem face a face com o vosso próprio espírito — aquele espírito do qual vocês não pode escapar pela morte, aquela consciência que o a sepultura não lhes tirará, aquela vida que não pode ser esmagada pelo carrasco nem suspensa por falsidade nenhuma — quando vocês estiverem face a face com a realidade das coisas, então aqueles que são condenados e desprezados na terra não parecerem tão repugnantes à luz daquele amor que é necessário a todos, e que todos, de algum modo, fariam bem em aplicar às suas vidas e ao escrutínio investigador da sua existência.

Nenhuma esfera especial recebe assassino, ladrão, lunático ou outros aflitos com enfermidades morais e mentais. Distribuídas pela vida humana, essas condições são sintetizadas em algumas naturezas e são tratadas como casos exagerados de enfermidades quase universais. Portanto, tomem cuidado com os falsos juízos, e quando os espíritos do outro mundo se abeirarem de vós, não tenham tanto medo de contaminação e de dano da parte deles; até mesmo aquele a quem vocês condenaram no passado podem trazer-lhes uma valiosa lição de moral do mundo dos espíritos, que sirva para iluminar o vosso próprio caminho e tornar o vosso caminho mais claro para aquele salão de amor e justiça onde nenhum juiz feroz se senta com frieza gelada no banco do poder; onde nenhum anjo vingador se reúne para punir o culpado; mas onde em silêncio, e apenas visto pelos olhos do amor, todo espírito vê a sua própria condição e pede que o curador esteja presente para os tornar íntegros.

OS MÉTODOS DE COMUNHÃO ENTRE OS MUNDOS ESPIRITUAL E MATERIAL

(Discurso dividido por duas palestras)

A proposição ética ou moral sobre se os espíritos devem comunicar, caso possam fazê-lo, não está em consideração. Aqueles cujas convicções teológicas são tais que não permitem que os espíritos dos falecidos regressem à Terra fariam bem em investigar o facto de saber se eles regressam ou não, antes de decidirem sobre a sua propriedade; pois, no universo da lei natural, foi provado ao longo da história que nem a natureza nem Deus consultam a humanidade sobre o que deve ocorrer no universo.

A lei da luz e do calor, o fluxo e refluxo das marés, as grandes tempestades que varrem a Terra trazendo o sopro benéfico da saúde — tudo ocorre independentemente da permissão do homem, e a única função da inteligência humana é adaptar-se a estas mudanças maravilhosas e esforçar-se, pela lei da inteligência, por alcançar os estratos superiores da ciência natural. Pois, assim como as velas impulsionam o curso de um navio no oceano, ou o vapor transporta os imensos produtos do mundo de um continente para outro, é igualmente certo que a inteligência humana, quando age em conformidade com a lei natural, pode realizar maravilhas, e que não há limite, tanto quanto podemos perceber, para as possibilidades das conquistas humanas.

Entre o domínio chamado lei natural, cujos movimentos ocorrem com regularidade, precisão e periodicidade — os fenómenos do universo material sendo regulados por essa lei — e a manifestação da inteligência através das forças naturais, que é distinta e individualizada, há uma linha divisória tão clara, uma diferença tão distinta e real, como entre o intelecto do homem, que o força a realizar mil ações em detrimento do seu bem-estar físico e que, no entanto, pode constituir o próprio triunfo da sua inteligência, e o seu ser físico em si. O cronómetro ou relógio, em conformidade com a lei da sua construção — que, naturalmente, foi uma lei inteligente — desempenhará regularmente a sua função de indicar a hora do dia, e sob certas condições continuará a fazê-lo até que o desgaste dos materiais de que é feito o impeça.

Mas se os ponteiros desse relógio de repente girassem rapidamente, indicando em um minuto várias horas, e se tivesse um mecanismo de badaladas e, em vez de tocar regularmente nas horas marcadas, os sinos indicassem uma, duas, três, quatro badaladas e os ponteiros assinalassem tudo isso no espaço de um minuto, e em resposta ao vosso desejo ou pedido, saberíeis com certeza que isso não era resultado de qualquer acidente na ação da atmosfera ao vosso redor, nem de qualquer característica da construção do relógio, mas sim de alguma outra inteligência.

Sem dúvida, os vossos antepassados puritanos diriam que Sua Majestade Satânica se apoderara do relógio e produzira tal efeito. Assim, se este magnífico órgão, tocado há instantes pelo organista, comesse de repente a emitir sons musicais sem qualquer intérprete visível, em total correspondência com pautas e escalas musicais, e subindo a um grau de grandiosidade igual ao de Beethoven ou Mozart, diríeis certamente que isso não se devia à construção do órgão, a não ser que estivesse a ser tocado por uma inteligência individual.

Portanto, digo que onde termina a ação da lei natural no seu funcionamento comum e entra em operação uma inteligência individual distinta, mesmo que através de uma forma invisível, essa diferença pode ser determinada tão facilmente como a diferença entre um raio de relâmpago e uma mensagem telegráfica.

Esta é a questão comum, não só entre espiritualistas, mas entre investigadores. Se os espíritos comunicam com os mortais, quais são os seus métodos? A pergunta indica a capacidade para compreender os métodos — ou deveria fazê-lo — e que aquele que a coloca está qualificado, por alguns passos preliminares, para entender aquilo que virá como resposta. Milhares de pessoas atravessam o continente, puxadas por uma locomotiva a vapor, cujo funcionamento não conhecem mais do que conhecem o mecanismo maravilhoso da alma.

Não questionam como se deslocam, mas aceitam o resultado; e apenas o engenheiro experiente, que não permite interferências no seu domínio, pode explicar o mistério do cilindro, da haste do pistão, da válvula e da roda; e mesmo que o explicasse, muito poucos seres humanos sem formação especial poderiam compreendê-lo. No entanto, aqui está uma mensagem das fontes mais profundas do ser, trazendo até vós o facto da vida imortal, oferecendo aos vossos corações e mentes o conhecimento extraordinário do estado futuro; e ainda antes de aceitardes o facto, ou como se isso afetasse de alguma forma a sua veracidade, dizeis: "Mas como é possível que os espíritos se manifestem?"

O facto está diante de vós, como a locomotiva a vapor; e se quiserdes conhecer o seu funcionamento intrincado, deveis colocar-vos como alunos sob a orientação daqueles que compreendem a lei; presumindo, antes de mais, que tendes a capacidade natural para compreender, pois nem todos podem ser engenheiros, assim como nem todos podem ser astrónomos ou matemáticos.

Os dons naturais da humanidade determinam, em certa medida, a busca pelo conhecimento; mas todos mergulham cegamente nesta questão, como se já possuíssem a capacidade de a compreender. Milhares de seres humanos respiram o ar diariamente e queixam-se amargamente quando este lhes é negado nos seus aposentos, em comboios sobrelotados ou em barcos; e, no entanto, nem um em dez mil pode dizer quais são os seus componentes químicos, ou porque constitui o sopro da vida.

Aceitando o ar como uma dádiva natural e universal, não perguntam: "Porque precisamos de respirar para viver?" O mesmo pode ser dito sobre todas as leis físicas que governam o vosso ser, e o especialista em ciência ou o iniciado pode oferecer apenas alguns dos efeitos mais complexos cujas causas permanecem ocultas nos recantos mais profundos da lei natural.

Os fenómenos espirituais diferem dos fenómenos da lei natural pela manifestação da inteligência individual — uma inteligência que é pessoal, que tem uma vontade própria distinta; por vezes, aparentemente, tão caprichosa como a vossa, mas que ainda assim se expressa de formas tão variadas e através de tantas vias que exige, de imediato, a atenção e o escrutínio do mundo.

Mas o espanto é que a mente humana, em vez de aceitar o facto como aceitaria qualquer outro facto no universo e aguardar pacientemente que os métodos se desenvolvam na sua consciência, detém-se no limiar da investigação, tornando o facto dependente da sua capacidade de compreender os métodos. Se a ciência parasse dessa maneira porque o mundo não é capaz de acompanhar as suas complexidades, nunca teríeis avançado para além da existência terrestre rudimentar que precedeu Galileu, e agora estaríeis a caminhar sobre uma Terra plana e árida, enquanto as estrelas ainda se moveriam em esferas de cristal ao redor.

Se a ciência esperasse que a mente comum compreendesse as suas proposições antes de serem apresentadas, ou mesmo que o descobridor de um facto estivesse certo dos métodos pelos quais chegou a esse facto, hoje não haveria locomotiva a vapor, nem aparelhos elétricos, nem vastas melhorias na telegrafia, nem avanços na ciência da química e da geologia. Somente aceitando, no grande turbilhão do universo, os factos que surgem diante de vós, estando sempre atentos para

perceber, tendo os vossos sentidos aguçados, podereis finalmente chegar aos maravilhosos processos do universo.

Os fenómenos espirituais irromperam no vasto domínio dos factos no século XIX, não apenas com uma rapidez surpreendente, mas com uma exatidão e clareza singulares, desafiando todos os ramos da ciência na tentativa de os explicar, e forçando à atenção, e até à adesão, os homens de ciência que lhes dedicaram tempo.

Nenhum melhor do que o homem da ciência pode dizer onde termina a rotina comum da lei natural e onde começa a entidade consciente; ninguém melhor do que o electricista sabe que, a menos que a força elétrica seja governada pela inteligência, não transmitirá qualquer mensagem; ninguém mais qualificado para julgar esse ponto do que homens como Varley, o Professor Crookes e outros que dedicaram as suas vidas ao estudo dos fenómenos elétricos, e que ainda assim declaram distintamente que a electricidade, a menos que guiada pela inteligência, nunca poderá produzir uma única ação intelectual.

Mas se a electricidade manifesta inteligência, se estiver sob o governo de um aparelho elétrico comum, pode ser o homem; mas se expressa inteligência sem esse aparelho e é capaz de ser dirigida independentemente de fios elétricos, baterias e frascos elétricos, então deve haver uma inteligência fora do homem; e não apenas isso, mas tão cuidadosamente prosseguiram as suas investigações que foi demonstrado distintamente que a electricidade não desempenha sequer um pequeno papel nas manifestações que uma mente vulgar e comum geralmente descreve como os fenómenos físicos do espiritualismo; que, nas experiências mais rigorosas e precisas com aparelhos elétricos capazes de medir até à milésima parte de uma polegada qualquer pressão, não foi encontrado qualquer corrente elétrica irradiando do médium, ainda que tenham sido produzidos vários fenómenos que requeriam algum poder de força extraordinária.

Seja qual for a força que os espíritos empregam para produzir manifestações, é certamente uma força que a mente humana ainda não conhece em nenhum grau, e é aqui que reside a dificuldade em vos expressar os métodos pelos quais os espíritos comunicam; vós, que nem sequer estais familiarizados com a existência das forças que eles empregam, quanto mais que ainda não as compreendestes nem sois capazes de compreender qualquer termo para essas forças. O termo usual de psicologia pode ser aplicado, e muito corretamente, à classe de fenómenos conhecidos como mentais. Mas quando se tenta aplicar esse termo às manifestações físicas do espiritualismo, todos ficam à deriva; porque, se, como insiste o Dr. Beard de Nova Iorque, estais psicologizados, mesmerizados ou, para usar a sua frase científica, "hipnotizados na vossa observação física dos fenómenos do espiritualismo", então todo o universo dos factos no mundo material é passível de ser produzido pela mesma alucinação mental.

Não sois, portanto, capazes de observação em qualquer direção da ciência natural. Se, por outro lado, a força ou o poder empregado não é apenas algo com que ainda não estais familiarizados, mas os efeitos são tais que os podeis observar, com que avidez não devíeis aproveitar a oportunidade de observar esses efeitos e registar com cuidado as manifestações e as circunstâncias sob as quais ocorrem, e, acima de tudo, que a mente se encontre numa condição não de preconceito, mas de recetividade; pois nenhum homem inteligente pode honestamente pretender observar uma série de fenómenos novos para ele, cujos métodos lhe são completamente desconhecidos, e trazer para essa observação um juízo antecipado ou uma opinião preconcebida. Nem se pode dizer que é uma testemunha cuidadosa e inteligente se traz consigo preconceito, opinião pré-concebida ou negação do facto.

Para ser um investigador, não é necessário ser um fanático do cepticismo; para ser o mais cuidadoso dos investigadores, não significa ser crédulo, mas significa ser claro no pensamento; que a sua mente não esteja previamente influenciada pelo preconceito da educação ou da religião, e que ele esteja disposto a aceitar os factos que existem no universo, aguardando o momento em que a sua própria inteligência ou as revelações que o acompanham o tornem capaz de os compreender.

Para mim, a solução dos problemas físicos do espiritualismo é de muito menor importância do que a sublimidade do próprio facto. Para mim, se estivesse na vossa posição, como outrora estive, não importaria tanto a forma como recebesse uma mensagem de um amigo, mas sim que a recebesse, podendo, posteriormente, interessar-me em traçar as leis da manifestação.

A primeira grande proposição nos fenómenos espirituais é o amor dos que partiram por aqueles que permanecem na Terra; e se, segundo a história e a poesia, segundo o que os bardos cantaram e os romancistas escreveram ao longo das eras, o amor pode operar tais milagres na Terra, por que não pode esse amor, que se torna divino, essa chama sagrada do espírito humano que sobrevive à morte e triunfa sobre o tempo, realizar ainda mais milagres no mundo dos espíritos do que quando em contacto com vidas humanas orgânicas?

E por que não pode este ser um facto aceite pelo homem da ciência que não despreza as suaves amenidades da vida, tal como por aqueles que, dependendo apenas do amor, às vezes triunfam para além de toda a ciência e provam que a sua subtil alquimia é mais poderosa do que tudo o que o químico pode analisar?

Nenhum fisiologista pode explicar a palitação acrescida do coração sob o estímulo da emoção divina; nenhum fisiologista pode explicar o desespero que advém do luto e o gradual desvanecimento dos laços da vida. Se, por processos tão subtis, a forma física do homem é afetada aqui, sob o domínio dos sentidos pela sua inteligência consciente e pela sua emoção, por que não pode toda a força do universo ser movida e controlada pela influência dominante do amor e, como o fluxo das marés do oceano, encher todos os estreitos canais, todos os cursos de água das terras baixas, com o seu maravilhoso transbordar do reino do espírito, sem que isso seja considerado um excesso de sentimentalismo em desacordo com a lei natural?

Certamente, um domínio que afeta as vidas e os destinos de todos, um reino que deve conter na sua posse divina todos os mistérios do ser, não é algo que possa ser facilmente compreendido ou entendido num momento. E se, do misterioso domínio chamado morte, as maravilhosas asas da vida emergem, assim como, do silêncio do passado, a incubação dos anos gerou as colheitas na Terra, também do reino do espírito, por meio de aproximações cada vez maiores de amor e inteligência que a consciência humana pode compreender, os poderes do mundo espiritual se manifestam aos vossos sentidos.

Não é papel do homem desafiar as estrelas no seu avanço, mas acompanhar o seu movimento; não é papel do homem permanecer junto ao portal do sepulcro e desafiar a presença silenciosa, porém palpável, que vem do reino invisível e maravilhoso; mas se tal visitante se aproxima envolto numa veste que podeis ver, ou se se revela por uma voz que podeis ouvir, deveis escutá-lo.

O fantasma de Hamlet não foi desafiado da maneira do investigador moderno, mas apenas para que a mente intensa e profundamente envolvida do filho pudesse ouvir a mensagem que o pai tinha para lhe transmitir, desvendando o mistério da morte do rei. Assim, quando, com as próprias interrogações do amor, percebeis os vossos entes queridos, quer venham pelo som das batidas ou da música, através das cordas de uma guitarra ou da trombeta que lhes permite exprimir melhor o seu poder, quer venham através da caligrafia ou da voz da inspiração — não importa como vêm, mas sim o que trazem. É esta grande questão do que trazem que constitui o espiritualismo.

Os fenomenalistas podem ocupar-se, se assim o desejarem, com os métodos ou manifestações externas do espiritualismo e podem, como alguns sensacionalistas fazem, passar todo o seu tempo a testemunhar meras fases dos fenómenos.

Mas o verdadeiro investigador não se interessa apenas pelo facto da manifestação espiritual, mas também pelo que está para além dela. Ao reino do espírito só se pode aceder por caminhos espirituais. Não é dado à humanidade cruzar a fronteira por processos materiais. Os espíritos podem chegar até vós por métodos materiais — os superiores agindo sobre as forças inferiores da natureza — mas não

podeis subir ao mundo espiritual por nenhuma escada de Jacob feita de factos materiais; deveis, se quizerdes compreender os métodos ou os sinais na esfera externa da existência, colocar os vossos espíritos em conformidade com as leis espirituais.

O astrónomo não baseia os seus cálculos considerando a Terra como o centro do sistema solar, embora para todos os sentidos humanos a Terra pareça ser o centro. O Sol parece nascer e pôr-se, as estrelas parecem executar as suas revoluções em torno da Terra; mas o verdadeiro astrónomo toma o Sol como o centro dos seus cálculos e, ao encontrar uma variação nos grandes ciclos de revolução, foi forçado a conceber um centro solar mais distante, em torno do qual outros sóis podem girar, para explicar a precisão dos equinócios e as diferenças nos movimentos dos planetas de ciclo para ciclo.

Assim, se alguém deseja observar as causas dos fenómenos espirituais, deve fazê-lo a partir da forma externa da natureza, mas deve colocar-se, sendo espírito tanto quanto corpo, no centro espiritual, de onde deve perceber os poderes que irradiam para o material e pelos quais, unicamente, pode compreender os métodos das manifestações espirituais.

Suponhamos que algum professor de eletricidade dos tempos modernos pudesse ter vivido há duzentos anos e tentasse explicar a uma mente contemporânea, sem qualquer conhecimento de eletricidade, dos seus termos, dos processos para detetar a sua presença ou manifestações — se, apenas por meio de linguagem, expusesse como a eletricidade existe e quais são as suas manifestações, seria recebido não apenas com incredulidade, mas o ceticismo seria tal que se converteria em pena e desprezo pelo lunático que ousasse tratar de um assunto sem existência e que pretendesse apresentar fórmulas para algo que não poderia, de forma alguma, ocorrer.

Contudo, hoje é possível familiarizar-vos com os métodos formulados para detetar a presença da eletricidade, para desenvolver as suas vibrações no sistema humano e na atmosfera, e também para a direccionar de modo a transmitir mensagens que comuniquem a vossa inteligência uns aos outros. Assim, quando um espírito vos fala sobre os métodos da vida espiritual e exige que sejais recetivos e passivos, é simplesmente para que as vossas mentes não se depararem, neste passo adicional do vosso desenvolvimento espiritual e inspiração, com o habitual ceticismo e dúvida, uma barreira que tem acompanhado cada etapa da ciência humana.

No mundo da teologia, uma única negação tem sido aplicada contra os fenómenos do espiritualismo. A única negação recai sobre a origem das manifestações. Como a teologia deseja preservar-se intacta como a única forma de revelação, todas as classes de manifestações espirituais foram relegadas para o domínio de Satanás, e assim, embora se admita a ministração, questiona-se a sua origem. Mas para o filósofo, que não teme mais Satanás do que teme Deus e está tão disposto a explorar Geena como o Santo dos Santos, caso isso lhe traga qualquer conhecimento adicional, não há terror nessa palavra. Compreende ele perfeitamente que, se os espíritos do mal são permitidos a vir à Terra, deve haver também uma lei pela qual os espíritos do bem possam vir. Compreende ele perfeitamente que não existe sombra no universo sem que haja uma luz correspondente, e que está disposto a atravessar a sombra, se necessário. Assim, este medo não tem retardado a investigação da mente científica comum.

A mente humana comum apenas se aproxima do espiritualismo por curiosidade ou por amor. Se for por curiosidade, é um crescimento superficial, e será ceifado como restolho na colheita precoce do pensamento espiritual. Se for por amor, é o crescimento dos séculos. Traz consigo todos os fenómenos antigos para sustentar a sua expressão e respira, através da imortalidade da alma, o anseio da humanidade nessa direção.

Antes de tudo, é-vos exigido ter fé. De minha parte, não me rio desta palavra; sendo filósofo, posso permiti-me aceitá-la como um fator no universo de causa e efeito espiritual; e quando se disse que Jesus não pôde realizar muitos milagres na sua terra natal por causa da incredulidade ou falta de fé,

compreendo o significado dessa afirmação. Significa isto: que a fé necessária é o passo que deveis dar para receber o facto, não para o produzir.

De que valor seria o meu discurso para vós, se não estivésseis dispostos a ouvir? Que valor teria a pregação desta manhã se estivésseis desatentos e indiferentes? A fé que Cristo significava é a atitude de receptividade, a disposição para receber. Não conheço bênção alguma, especialmente no mundo moral, que possa ser imposta à humanidade à força. Mas, disse alguém, "Ele poderia ter realizado milagres, se tivesse tal poder divino, que teriam vencido a sua incredulidade."

Não acrediteis nisso! Pois poderiam mais depressa matá-lo, se o que não desejavam que fosse verdade fosse provado demasiado cedo. Uma atitude de incredulidade não é simplesmente negativa, mas agressiva; não se trata apenas de algo não ser verdade, mas de não se querer que seja verdade. A teologia crucifica o salvador da nova revelação; a ciência crucifica o salvador da nova descoberta porque destrói a finalidade e infalibilidade do antigo.

Se a humanidade tem uma falha mais predominante do que outra, é o desejo de ser considerada infalível em qualquer assunto que lhe confira um certo padrão de dignidade; e desde o capitão da polícia até ao comandante dos exércitos da nação, podeis geralmente multiplicar os graus de autoridade pelos graus inversos de ostentação, até que se chegue à verdadeira grandeza, onde se manifesta a humildade. Assim, o verdadeiro conhecimento traz humildade, e é apenas a mente fictícia, desprovida de conhecimento real, que tão cuidadosamente se entrincheira atrás da barricada da autoridade; e é por isso que a fé é necessária.

Assim como sairíeis ao encontro de um amigo que viesse de uma cidade distante, também deveis ir ao encontro da verdade, venha ela de onde vier. Assim como receberíeis um amigo, ainda que viesse das ondas do mar ou das mãos de bandidos, assim também deveis receber a verdade, ainda que vos chegue em forma mutilada e tenha sofrido a perseguição dos séculos.

Os fenómenos espirituais chegaram até vós e encontraram-vos num estado de espírito não apenas agressivo, mas que, em todas as épocas, perseguiu tanto a ciência como a religião. Surgem num período em que tudo deve ser utilitário, quando o grande espírito agressivo da civilização busca perverter todas as coisas para o nível natural do facto material.

E, como tal, é ainda mais poderoso e mais maravilhoso que estas forças, impalpáveis exceto através da inteligência, incontrolláveis exceto pela ação direta da mente, e possuindo não apenas vontade, mas também amor como motivação, consigam alcançar aqueles que tanto exigem e que o fazem de maneiras tão singulares e externas. É o fenómeno das eras.

É tanto mais maravilhoso porque não surgiu de qualquer escola de teologia nem de qualquer departamento distinto da ciência, mas abriu caminho diretamente através da linha de pensamento materialista para os corações e vidas das pessoas. É ainda mais notável, pois traçou um caminho em duas direções: por um lado, invadindo os domínios da teologia, e por outro, os domínios da ciência, até que força uma a libertar-se dos seus dogmas e a outra a rejeitar o seu materialismo. É ainda mais notável, pois exprime o único fator que não foi incluído no grande resumo científico do universo, nomeadamente, a vontade individual e imortal do homem.

Qualquer que seja o significado de Deus para o teólogo, ou da lei natural para o cientista, nunca concederam qualquer espaço ou lugar à vontade humana desencarnada. Eu nomearia a força pela qual os espíritos se manifestam como clarividência — um poder de vontade claro e distinto; não um poder de vontade governado pela paixão, pois isso não é vontade. A verdadeira vontade ou mente da Terra é o intelecto calmo, autocontrolado e concentrado, inspirado pela alma.

Quem é teimoso tem pouca vontade, pois quando a barreira da sua teimosia é derrubada, torna-se presa de todas as paixões ao seu redor. Quem é caprichoso não tem vontade, pois é arrastado por cada turbilhão de emoção que passa por ele. Mas aqueles que governaram as nações da Terra foram as

vontades claras, calmas e fortes; e isto deve ser o termo etiológico mais próximo que pode ser formulado para expressar o que o espírito faz para comunicar com os mortais através das forças materiais.

O ato de influenciar as vontades humanas pelo poder claro da vontade desencarnada do espírito é o ato de controlo direto, de enunciação, de inspiração, ou qualquer outro que pertença ao domínio da força ou poder mental; o ato de uma vontade clara sobre as forças subtis que vos rodeiam e que estão dentro de vós; que não apenas podem controlar a vossa inteligência e dirigir as vossas ações, mas também podem controlar as substâncias materiais que compõem os vossos corpos.

Apenas uma vontade clara pode produzir manifestações físicas; e aquele que supõe que esse domínio do espiritualismo está sob o controlo de espíritos inferiores ou ignorantes está profundamente enganado. Assim como poderíeis empregar trabalhadores ignorantes para escavar um leito de caminho-de-ferro, mas um engenheiro civil para o planear e supervisionar, assim as manifestações físicas do espiritualismo estão sob o controlo direto das vontades mais esclarecidas que a Terra já produziu. E o espiritualismo não se divide em secções, classes ou tipos. No mundo dos espíritos, há apenas um espiritualismo, e é a ministração do amor dos vossos amigos para vós, que ainda estais na Terra.

Há apenas um facto no espiritualismo, e é a transmissão de inteligência do reino espiritual para as mentes mortais; e qualquer meio necessário para transmitir essa inteligência será empregado pelo mundo espiritual. Anjos, mensageiros, espíritos ministradores ou aqueles que estão na ignorância podem ser utilizados como meio de manifestação, sem que isso implique a existência de um espiritualismo separado. Pode acontecer que este inclua mais na sua esfera de amor do que a vossa natureza moral alcança; pode acontecer que inclua mais na sua esfera de inteligência do que o vosso intelecto é capaz de abarcar. E se lança o seu manto divino sobre toda a família humana, alcançando tanto os mais obscurecidos quanto os mais exaltados, não penseis, por isso, que se degrada, mas antes que é tão elevado que, como os raios do sol, pode descer aos vales mais profundos.

Não despreza os métodos mais simples; empregará os meios mais humildes — entendemos com isto os mais obscuros e aqueles considerados menos dignos — para expressar a todas as classes e condições de mente o único facto da comunhão espiritual.

E se a vossa filosofia não abrange toda a humanidade; se o vosso céu é demasiado estreito para se estender a todos; e se não podeis expandir a vossa inteligência para incluir todas as forças do universo material e moral como partes do seu propósito, então quanto mais cedo cessardes de investigar o espiritualismo, melhor. Procurai, antes, algum pequeno recanto de credo ou algum limite restrito da filosofia materialista, onde possais abrigar as frágeis asas do vosso aparato intelectual impotente.

Mas o espiritualismo empregará todas as forças, todos os métodos, todos os instrumentos, até que o mundo saiba que o reino do espírito é um reino de inteligência clara, distinta e imortal; mais potente que os ventos, as ondas e as marés; mais potente que a estrutura atómica do universo; mais potente que o ar que respirais ou o sol que ilumina o vosso caminho, pois pode incluir todos os métodos e poderes, adaptá-los aos seus usos e fazer deles os portadores da sua verdade maravilhosa. Sem considerar a proposição abstrata da natureza ética da comunhão espiritual, muitos indivíduos desejam conhecer o *modus operandi*.

Foi afirmado no nosso discurso anterior que tais pessoas, no entanto, não consideram o facto de que não percorreram nenhuma das etapas preliminares que lhes permitiriam compreender os métodos da comunhão espiritual, tal como uma criança que deseja aprender astronomia sem estudar os princípios básicos da matemática ou as leis que regem o universo estelar.

No mesmo sentido, a humanidade ignora por completo as leis que regem a comunhão entre os dois mundos. Mas um facto hipotético pode ser enunciado tão facilmente quanto qualquer outro, ainda que

não o compreendais, e alguns desses métodos posso expor-vos como realidades que, porventura, apenas alcancem as vossas mentes sob a forma de suposição ou possibilidade, mas que, com o tempo e maior familiaridade com o tema, compreenderéis.

É bem conhecido que a mente influencia o organismo físico do homem, sem qualquer processo conhecido — isto é, nenhuma ciência da fisiologia, anatomia ou antropologia traçou ainda, de forma analítica, o processo pelo qual o poder da vontade individual de um espírito humano encarnado faz com que o corpo caminhe pelas ruas, que as mãos realizem as tarefas diárias ou, de facto, qualquer um dos inúmeros processos da vontade.

É bem conhecido que a luz chega ao olho humano através do que se chama vibrações; que, de facto, a própria luz é composta por vibrações da força que emana do sol através do espaço; que, ao entrar em contacto com a atmosfera da Terra, gera vibrações que denominamos luz, e que o olho é tão precisa e maravilhosamente construído que essas vibrações produzem a visão.

Apenas um número limitado, contudo, das vibrações da luz está ao alcance humano, e esse número limitado restringe-vos a um domínio de visão muito estreito; objetos demasiado pequenos para serem percebidos pelo olho humano — isto é, cujas vibrações luminosas sobre eles sejam tão ínfimas que não os podeis perceber — não impressionam o olho. Por outro lado, a atmosfera está repleta de miríades de formas vivas que, atualmente, por observação visual, não podeis conhecer.

Por outro lado, há objetos a tal distância, ou de dimensões tão grandes, que não produzem qualquer impressão na retina do olho, e não os podeis perceber sem que a distância entre vós e eles seja reduzida; ou, se estão muito distantes, necessitais da ajuda da visão telescópica para os descobrirem. O mesmo ocorre com cada um dos sentidos humanos. O som não passa de vibração, e certos sons que transferem um determinado número de vibrações não produzem qualquer impressão no ouvido, exceto um rugido surdo ou estrondoso. Outros sons, como um sussurro muito fraco numa sala grande, não geram vibração alguma. O ouvido não pode ser ampliado nessa direção, mas, no universo, todas essas imagens e sons existem, exigindo apenas os complementos da ciência para serem desenvolvidos até à vossa percepção. Assim como o microscópio revela um número infinito de objetos não perceptíveis ao olho humano; assim como o telescópio vos traz para o campo de visão objetos antes completamente despercebidos, também a percepção adicional do espírito coloca ao vosso dispor inúmeras vibrações no mundo oculto que antes vos eram desconhecidas.

Barão Von Reichenbach descobriu, através da clarividência — estando o clarividente sob o seu controlo mesmerizante — que cada objeto (não apenas metais, mas também plantas e seres humanos) é rodeado por uma aura; essa aura é mais ou menos magnética, conforme a natureza do objeto. Certos metais possuem auras magnéticas muito distintas, e o sensitivo, ou clarividente, sob um poder de vontade superior, através da ativação do sentido interno da clarividência, podia perceber as auras que envolviam esses vários minerais. Por fim, testaram-se plantas, e cada planta possuía uma aura muito mais fina que os raios de luz que constituem as cores das pétalas, estendendo-se numa determinada direção conforme a vibração da luz sobre a flor.

Ao redor dos seres humanos, descobriu-se pelo mesmo processo, existia uma aura que partilhava, de certo modo, a natureza do magnetismo, mas de um magnetismo tão subtil que não podia ser detetado nem por uma bateria galvânica nem por qualquer instrumento elétrico. No entanto, era uma emanção que poderia ser denominada fluido nervoso, pois representa uma essência mais fina do que a vibração do magnetismo ou da eletricidade. Por falta de um termo melhor, foi chamada Magnetismo Animal, mas preferimos denominá-la força nervosa.

Esta força, contudo, completamente imperceptível ao olho humano, é frequentemente perceptível ao toque; e quando entrais em contacto com um indivíduo cuja força nervosa ou aura pode ser considerada positiva em relação à vossa, sois afetados por ela, por vezes de forma desagradável, por vezes de outra maneira, mas, em todo o caso, tem um efeito palpável.

Algumas pessoas são tão sensíveis a essas auras nervosas, ou atmosferas nervosas, que não suportam o contacto próximo num espaço lotado com muitas pessoas; e se um organismo muito refinado, altamente sensível e nervoso se senta ao lado de alguém que seja o oposto, o primeiro sente-se frequentemente obrigado a mudar de lugar. Isto é frequentemente feito de forma inconsciente, e essas auras nervosas fazem-vos sentir desconfortáveis sem que tenhais consciência do que vos perturba. Muitas vezes mudais de lugar numa assembleia lotada ou num transporte público sem saber o que vos levou a fazê-lo.

Se, por outro lado, os objetos físicos, sem referência ao estado mental, possuem esta aura impalpável, que dizer quando acompanhada de uma condição mental que pode manifestar-se em simpatia ou em oposição à vossa? Se podeis sentir calor e frio que não são visíveis ao olho, e podeis sentir a aura magnética de um indivíduo que não pode ser analisada pelo mero sentido do tato físico, que efeito terá o contacto de mentes grosseiras com aquelas que são mais refinadas e sensíveis? Há um afastamento direto das últimas, que se fecham como algumas flores, tal como a mimosa, que recolhe as suas pétalas ao toque de um estranho.

Tão palpavelmente os vossos pensamentos afetam uns aos outros que a sombra, a escuridão ou a luz vos acompanham — a sombra envolvendo-vos com uma espécie de névoa, a radiância penetrando a escuridão dos outros.

Essa substância palpável do pensamento, se existir, deve ser aquela sobre a qual os espíritos atuam em todos os processos mentais ligados ao homem, e é inútil afirmar que se trata meramente de magnetismo, eletricidade ou força nervosa. A faculdade ou propriedade específica que empregais como espíritos individualizados para produzir uma vibração sobre o cérebro, e através do cérebro sobre o sistema nervoso, deve ser a mesma força que os espíritos empregam para produzir uma vibração sobre o vosso cérebro.

Alguém perguntará: "Como posso ter certeza, se recebo aquilo a que chamam uma impressão, se é um pensamento meu ou o pensamento de outro espírito?" Posso explicar-vos de forma que possais perceber tão distintamente quanto distinguis o toque quando tocais na vossa própria mão e o toque de outra pessoa.

Sabeis quando tocais a vossa própria mão pela dupla sensação — não apenas a sensação da mão que é tocada, mas também da mão que toca. Pelo contrário, quando outra pessoa vos toca, tendes apenas uma linha de consciência, que é a sensação de receber o toque. Ora, o processo mental pelo qual chegais a um pensamento é um processo duplo; não estais apenas cientes do pensamento que vibra sobre o cérebro, ou dentro do cérebro, mas também da consciência que produz esse pensamento — um fio subtil que se estende ao longo do poder inteligente que chamamos volição e que deve ser a vibração sobre a célula cerebral.

Assim, quando um pensamento entra na vossa mente sem essa consciência dupla, sem esse outro processo subtil, como um pensamento distinto e palpável, tão claro quanto a queda de uma gota de água sobre a mão ou o toque de outra pessoa no corpo — esse pensamento não é vosso; é uma impressão. Frequentemente, tais impressões surgem no turbilhão dos negócios, quando a vossa mente está ocupada com outra coisa, tão distintamente quanto se uma pedra fosse lançada num lago límpido. Desconfiai, em geral, das impressões que estão em total conformidade com os vossos desejos, pois onde entra o desejo humano, frequentemente há falta de clareza na percepção da verdade, especialmente se o vosso desejo for egoísta.

Dai crédito às vossas impressões e intuições que surgem em contradição com os vossos desejos egoístas, pois não são apenas da vossa própria natureza interior, mas são, sem dúvida, os impulsos do espírito guardião que vos conduz ao caminho certo. Aqui intervêm as energias morais, e frequentemente uma impressão pode estar em total oposição ao vosso desejo e vontade individuais. Nesse caso, a única opção que tendes é perguntar se é justa. Mas, nesse sentido, só podeis recorrer à vossa natureza moral. Porém, se se tratar de um assunto sobre o qual não tendes conhecimento nem

juízo, e surgir uma impressão distinta, aconselho-vos a segui-la, pois, em quase todos os casos, quando não obedeceis a essa impressão, acabais por lamentá-lo.

O poder de controlo físico de qualquer organismo humano é também claramente perceptível quando uma inteligência intervém e faz com que a mão escreva ou a língua fale. Há um processo distinto quando escreveis com a vossa própria mão; não apenas controlais a mão para realizar os movimentos necessários, formar letras e palavras, mas há um processo formulado — a escrita das palavras no papel, que, por mais mecânico que se tenha tornado com a prática e o uso, ainda assim estais perfeitamente cientes de o exercer, especialmente na construção das frases. Agora, se a vossa mão é tomada e feita escrever sem que nenhum desse processo mental ou físico seja vosso, é uma loucura supor que sois vós próprios, e só um louco poderia pensar em atribuir tal ação à sua própria mente.

Mas perguntais: "Nos casos em que o médium escrevente conhece cada palavra à medida que é escrita, como se pode então distinguir a mensagem da mente do médium?" Aqui volto ao método a que me referi anteriormente; se as palavras chegam à mente como uma gota de água e não são o resultado de qualquer ação consecutiva da vibração cerebral pela vontade do médium, podeis saber distintamente que são o resultado de outra vontade independente a atuar sobre o médium; e, através de um estudo prolongado dos problemas mentais deste género, aquele que vos dirige sente-se, em certa medida, apto a afirmar que nenhum homem ou mulher de inteligência razoavelmente clara pode ser enganado (se observar com precisão) ao distinguir quando uma impressão vem de um espírito ou quando vem da sua própria mente.

Há muitos que dizem que estes temas estão tão envolvidos em mistério que é tão difícil perceber onde termina a ilusão e começa o conhecimento que o homem não pode confiar na receção de impressões. É verdade que ilusões ocorrem; mas não ocorrem tão frequentemente no domínio do espiritual como no domínio do físico. Um ilusionista pode enganar os vossos sentidos a cada instante, e qualquer prestidigitador habilidoso pode, com os dedos, fazer-vos acreditar e ver coisas que não têm existência real. Mas a mente não é tão facilmente enganada quanto os sentidos, e um observador atento das suas próprias impressões pode facilmente distinguir entre uma impressão que é o resultado do seu próprio desejo e pensamento, e aquela que vem de uma fonte externa.

Mas suponhamos que o pensamento seja absurdo? Isso não importa. Se sois dotados de grande senso comum e inteligência, tanto mais razão para acreditar que não é um pensamento vosso. Se um homem é muito sábio e um pensamento absurdo lhe entra na mente sem qualquer associação consecutiva com as suas ocupações diárias, pode vir de uma fonte externa precisamente para mostrar que vem de uma fonte externa. Mas, em geral, os seres humanos não são tão sábios que não estejam sujeitos a ter pensamentos absurdos como resultado de associações e comparações, e, portanto, é mais seguro supor, antes, que um pensamento sábio é o resultado de uma impressão.

Há aqueles que dizem: "Mas tudo isto pertence ao domínio da mente e da impressão mental." Os fenómenos físicos são introduzidos para vos mostrar que, mesmo que duvideis da impressão (que é a mais próxima do céu), mesmo que recuseis o pensamento que é traçado sobre as tábuas do cérebro ou a escrita realizada pela vossa própria mão, não podeis atribuí-lo à imaginação da mesa — que não é geralmente considerada dotada de imaginação — quando esse objeto manifesta o mesmo tipo de inteligência que vós, sem protoplasma, sem células cerebrais, sem aura nervosa ou qualquer outro substrato sobre o qual esse suposto poder de imaginação possa atuar.

Quando uma mesa, um instrumento musical ou outros objetos desprovidos de inteligência nativa manifestam precisamente o mesmo tipo de inteligência que a humanidade expressa, isso é certamente uma forte evidência de que uma inteligência está a atuar ali, e que essa inteligência não é mera imaginação.

Mas dizeis que pode ser a imaginação daqueles que observam. A isso respondo que a imaginação está na base de todo facto científico no universo: aqueles que são capazes de observar os fenómenos do firmamento e analisar quimicamente as atmosferas ao vosso redor testemunharam, com o mesmo

método de análise e observação, os fenómenos físicos do espiritualismo; e se um é imaginação, então todo o domínio dos factos científicos deve ser relegado para a mesma categoria. Não é imaginação. Quinze, dezasseis ou vinte testemunhas não imaginam a mesma coisa; se assim fosse, então trinta milhões de pessoas na Terra hoje, capazes de observar os factos ordinários da vida humana, estariam todas sob esse poder imaginário, e seriam a representação média da humanidade. Tal explicação não é apenas absurda, mas apela apenas à inteligência de alguém cujo discernimento se encontra a um passo da imbecilidade.

Estamos agora a falar de factos; e se é a aura nervosa, ou esse poder mais subtil que envolve os corpos orgânicos, sobre o qual os espíritos atuam para produzir impressões no cérebro, na mão para escrever ou nos órgãos de fala para falar, então, pelo contacto dessa mesma aura com mesas, cadeiras, etc., estes objetos são movidos; pois cada objeto com que os seres humanos entram em contacto recebe uma parte dessa aura — sendo o médium aquele que fornece a atmosfera que constitui a mediunidade.

É por esta razão que um indivíduo está rodeado por mais desta particular espécie de aura do que outro, ou que essa aura específica é mais ativa nele e pode ser mais eficazmente utilizada, permitindo assim que os espíritos produzam estas manifestações na presença dos chamados médiuns. Os médiuns não são apenas aqueles que, sob a presença e o poder dos espíritos, emanam mais dessa aura nervosa dos seus sistemas, mas também aqueles que recebem mais da energia dos participantes à sua volta. Em cada sessão, ocorre um processo duplo: cada indivíduo presente na sala da sessão contribui com algo dessa aura que os espíritos utilizam. Mas essa energia não é fornecida diretamente; é primeiro canalizada para o médium, e então empregada pelos espíritos, sendo direcionada para a produção de manifestações físicas através da ação da vontade. Uma mente influencia outro corpo humano pelo poder da vontade espiritual, que, naturalmente, é mais subtil e abrangente, estando mais em contacto com as próprias forças e natureza direta das coisas.

A mesa, a cadeira, o piano ou qualquer outro instrumento musical é afetado pela influência desta atmosfera interveniente, uma atmosfera humanizada (se podemos usar esse termo), e, por isso, é atualmente necessário que haja médiuns nos círculos. Os médiuns são sensitivos e atuam como recipientes ou reservatórios desse poder espiritual, que emana de cada ser humano e que é concentrado neles.

Assim como, numa sala cheia de músicos, um é escolhido — talvez o mais dotado nessa arte divina — para representar o todo, assim também, numa sala cheia de seres humanos, um pode estar mais dotado do que outro dessa particular atmosfera, permitindo ao mundo espiritual exercer a sua volição na movimentação de corpos.

Dizeis que isto pode ser claro, mas é dificilmente compreensível. Eu disse-vos que assim seria no início; mas esta é uma descrição correta do método, e se o vosso entendimento não está à altura, basta que percorrais o caminho que conduz a esta conclusão através da análise cuidadosa da natureza e da analogia proporcionada por esta explicação.

Se é possível que um espírito desencarnado controle um único átomo de matéria pelo poder da volição, ou pelo termo que prefiro usar, clarivontade — ou vontade clara — então todos os fenómenos que, na antiguidade e nos tempos modernos, foram atribuídos a milagres encontram aqui a sua explicação, não porque o milagre seja menor, mas porque vos admite num reino onde os milagres são a expressão natural da vida.

Tudo o que está ligado ao mundo da mente, seja dos seres humanos aqui ou dos espíritos desencarnados, é miraculoso. Porquê? Porque resulta da ação de leis superiores, desconhecidas no mundo da ciência física, de uma superciência, por assim dizer, que constitui toda a estrutura do universo espiritual e que é miraculosa porque é sobrenatural.

Gosto da palavra sobrenatural. Significa aquilo que está acima das leis ordinárias da natureza; aquilo que as transcende e se encontra além delas; e, assim como a matéria está sujeita a leis regulares e rotineiras, as formas espirituais estão sujeitas a leis que resultam da volição; e a única lei absoluta que pode ser dita como governando qualquer fenómeno ligado ao espírito humano, quando desencarnado, é a lei da vontade superior, sendo essa vontade o resultado do conhecimento, da bondade, dos atributos espirituais.

Por vontade, queremos dizer aquilo que comanda; aquilo que é capaz de comandar pela sua superioridade de força.

Como já foi dito, o grande solvente do universo espiritual e do seu contacto com os mortais é o solvente da simpatia humana e do amor espiritual; mas os métodos pelos quais esse amor atua sobre as várias forças que ainda estão ocultas e adormecidas na vossa atmosfera e no vosso ser espiritual devem ser o resultado de um lento processo de educação e de um constante desdobramento.

No entanto, cada manifestação do Espiritualismo Moderno, cada forma de mediunidade, cada expressão do poder da vontade separada de vós próprios e dos processos orgânicos da existência diária, constitui um facto inestimável no tesouro desta maravilhosa filosofia e religião.

E cabe àqueles que recebem fenómenos diariamente não apenas observar atentamente, sempre que possível, as condições sob as quais ocorrem e manter um registo cuidadoso de todos esses factos para que possam ser posteriormente utilizados para ilustrar os princípios sobre os quais ocorre esta comunhão, mas, acima de tudo, interpretá-los à luz da ciência absoluta da Terra.

Não pode haver, no estado atual do pensamento humano, uma formulação que retrate adequadamente a influência ou a força que os espíritos exercem no seu contacto com a Terra.

Sabeis, no entanto, que todas as leis mundanas parecem ser anuladas; que a lei da gravitação, que atrai os corpos para a Terra; que a lei pela qual a pressão atmosférica afeta as substâncias orgânicas; que as propriedades coesivas da matéria e todas as propriedades individuais que a matéria supostamente possui, desaparecem sob a presença desta força superior.

Uma força interveniente manifesta-se, clara, distinta, individualizada, influenciando as mentes e os sentidos do homem com a sua presença maravilhosa e realizando sobre os corpos e mentes humanas o milagre da revelação.

Por revelação, entendo o conhecimento derivado de fontes a priori; revelação que nasce do espírito e que não requer os atributos e processos habituais do estudo intelectual para ser alcançada. E nada prova tão claramente a revelação e o carácter sobrenatural de todas essas manifestações quanto o Espiritualismo Moderno.

Permiti-me agora analisar estas palavras.

Os espiritualistas, em geral, evitam o uso da palavra sobrenatural. Da minha parte, tendo conhecimento da natureza das palavras, escolho este termo para expressar tudo o que se enquadra na categoria das manifestações do espiritualismo antigo ou moderno. É sobrenatural; não chega com as marés nem se retira com elas; não surge especialmente na primavera, no verão ou no inverno; não é afetado pelas mudanças de estação ou pelas variações da atmosfera terrestre.

Surge no calor e no frio, na chuva ou na seca, em altitudes baixas ou elevadas; surge em conformidade com a superforça do universo, que é o poder da vontade.

E se os médiuns são afetados pela atmosfera circundante, pelo calor e pelo frio, pela alegria e pela tristeza que intervêm, então essa força retira-os da sua própria condição e forma para si mesma uma atmosfera para produzir as suas próprias manifestações. Isto é Espiritualismo — é sobrenatural.

As leis naturais do universo seguem uma rotina e são, de certo modo, desprovidas de inteligência no sentido de métodos diretos e conscientes, sendo governadas por leis fixas; e o Espiritualismo está tão separado da lei natural quanto o engenheiro está separado da sua máquina.

Muitos objetam ao termo milagre. Da minha parte, desejo restaurar essa palavra ao seu uso legítimo, ao vocabulário do Espiritualismo Moderno.

Qualquer coisa é um milagre quando é a manifestação de um prodígio independentemente das leis usuais da natureza. Cada processo da mente, cada afeto humano, cada manifestação de vontade humana, é um milagre.

O que resulta de um processo orgânico — o bater do coração, a circulação do sangue, a ação osmótica dos fluidos corporais — essas são funções naturais.

Mas a parte milagrosa é que o pensamento intervém, e todo o efeito da mente sobre a matéria é um milagre.

O mesmo se aplica ao que se manifesta em consonância com as leis espirituais e os processos da Medicina. Os métodos da cirurgia física podem ou não estar de acordo com as leis naturais. Certamente, estão em conformidade com leis muito físicas e, por vezes, bastante rudimentares.

Mas essa superciência particular que, pelo poder da vontade, desfaz os métodos cirúrgicos habituais, endireita um membro deformado, devolve a visão ao cego, a audição ao surdo, como incontáveis casos no passado atestam e como milhões de testemunhas vivas hoje podem afirmar — essa é a atuação de um milagre; essa é a intervenção do poder do espírito, restaurando e ajustando a forma física, em vez de recorrer a qualquer remédio externo.

Não é por qualquer processo físico que isto se realiza, mas por um processo que atua inversamente ao físico e restaura o corpo tal como o amor o faz.

Alguma vez testemunhastes ou vistes registado em livros de medicina como um enfermo, confinado ao seu leito durante anos, pela simples chegada de um amigo ausente, por um grande fluxo de alegria inundando todo o seu ser, recuperou aquilo que a habilidade médica em vão tentou restaurar? Isso foi uma maravilha espiritual; isso foi um milagre — um milagre de alegria.

Alguma vez ouvistes, soubestes ou experimentastes um caso de amor em que, após longa dúvida ou longa espera, o ser amado foi reencontrado, e instantaneamente o milagre da saúde foi operado sobre o enfermo ou o sofrendor? Isso é um milagre.

Pelo mesmo processo, quando a morte for despojada do seu terror e a vida humana da sua depressão; quando os vossos entes queridos construírem a ponte entre vós e o mundo dos espíritos e as vossas enfermidades físicas se tornarem insignificantes perante a luz da alma, a cura pelo simples toque das mãos ou pelo poder da vontade do mundo espiritual deixará de ser rara e passará a ser um acontecimento constante. Milagres serão realizados diariamente, e um processo inverso da vida será derramado sobre o mundo através deste maravilhoso poder da volição.

Mais do que isso: Aquilo que hoje é raro, incomum e difícil tornar-se-á, no futuro, o método ordinário e aceite da vida. A comunhão espiritual deixará de ser difícil, nem será atormentada pelas dúvidas que agora vos separam.

Os espíritos não têm dúvidas, mas os mortais sim. Os espíritos não vivem agora nos sentidos, mas no espírito; e quando as vossas naturezas estiverem tão bem educadas que, assim como vos habituastes aos caminhos-de-ferro, às mensagens telegráficas e às condições e processos da ciência no vosso quotidiano, também a morte deixará de ser uma barreira intransponível, e a troca diária de pensamento entre os dois mundos, que alguns já experimentam — que milhares já vivenciam — tornar-

se-á então posse de centenas de milhares; a grande maré dos milagres será derramada sobre o mundo, e essas forças que agora jazem à espera das vossas mãos — maravilhosas, potentes, todo-poderosas — serão vossas.

Então, de facto, a doença será a exceção, e não a regra. Então, de facto, o sofrimento será a exceção; toda a miséria humana será afastada pelo grande prodígio desse conhecimento que vos permitirá vencer a dor física à qual agora cedeis, e permitirá que os vossos amigos espirituais vençam em vós a escuridão que impede a sua luz de entrar.

Falo profeticamente, mas é a profecia de um facto já existente algures. Apenas aguardais a sua revelação, assim como aguardais a revolução dos planetas, as mudanças do sol que trazem muitos verões ou qualquer outro poder fixo e consumado que espera pelo crescimento e pelo desdobramento do mundo.

Enquanto isso, aceitai as ministrações que vos chegam, mesmo na vossa existência imperfeita e obscurecida, como os arautos dessa luz mais grandiosa, dessa ministração mais elevada e divina que um dia triunfantemente tomará o seu lugar ao vosso lado no mundo, e os milagres serão a ordem de cada dia, e a existência sobrenatural será a atmosfera nativa da alma.

MEDIUNIDADE

Lembrar-vos-eis do excelente capítulo sobre dons espirituais do nosso irmão mais velho, Paulo, quando ele diz: "Ora, irmãos, a respeito dos dons espirituais, não quero que sejais ignorantes." E então prossegue, de maneira maravilhosamente clara e concisa, a expor a natureza dos diferentes dons e, posteriormente, a indicar em que circunstâncias devem ser exercidos.

É um facto notável, no entanto, que os nossos irmãos da Igreja não só se recusam firmemente a considerar este capítulo sobre os dons espirituais, salvo raras exceções, como também se recusam a aplicá-lo de qualquer forma às manifestações do Espiritualismo Moderno, alegando que os dons espirituais desapareceram; que foram exercidos apenas no tempo de Jesus e dos seus apóstolos, ou antes disso, e que não foram destinados à observação geral.

Se não foram destinados à observação geral, como podemos ter a certeza de que qualquer parte do que está registado no Novo Testamento pertence ao tempo presente? Que a Regra de Ouro, o Sermão da Montanha ou qualquer conselho dado por Cristo aos seus discípulos se destina a ser seguido pelos cristãos de hoje? Se os dons espirituais devem ser ignorados pela Igreja, quais são os "sinais que seguirão aqueles que crêem"? E como poderão saber que o espírito de Cristo está com eles, se os mesmos dons já não são exercidos atualmente?

Há outros que dizem: "Qual a necessidade da mediunidade? Por que razão devem ser empregados médiuns?" E defendem que se pode manter comunhão direta com Deus sem a necessidade de mensageiros intermediários; e muitos na Igreja afirmam que este é o único método de revelação divina ao homem. Se assim é, por que razão estão sempre a ler e a estudar os registos do passado? Qual a necessidade da Igreja? De onde vem a hierarquia de Roma e de Inglaterra, que é feita lei e ordenança da Igreja? Por que razão devem existir escolas e colégios eclesiásticos? Qual a necessidade de um clero cristão, se cada homem, ao receber a comunicação direta de Deus sobre a fé, deve ser o seu próprio médium?

Mas, como sustentam firmemente que a Bíblia é a palavra escrita de Deus, de onde vieram os mensageiros e os anjos que revelaram essa palavra? E por que razão foram empregados estes instrumentos mediadores para transmitir a palavra de Deus ao homem? Por que não foi dada diretamente? Qual foi a necessidade do anjo que falou com Abraão e Lot? E por que foram dados sinais e prodígios aos profetas? E por que razão existiram profetas, se a palavra de Deus é falada diretamente a cada ser humano?

E, acima de tudo, (digo-o com reverência,) qual a necessidade de um mediador, se o homem recebe diretamente de Deus a sua inteligência sobre as coisas superiores? Não será isso suficiente? E se Jesus é a revelação final, por que razão aceitar Paulo ou João? Por que não encerrar com as obras de Cristo, sem considerar os Atos dos Apóstolos como tendo qualquer valor? Se os mestres espirituais, intérpretes da palavra de Deus, são necessários, por que não será necessária uma palavra adicional? Por que não outro e mais outro mestre? E por que não, se os dons do espírito são indicados por aquilo que os cristãos realizam, os dons de cura, de línguas, de interpretação de línguas e outras maravilhas hoje, tal como nos tempos antigos?

Nenhum teólogo pode responder a estas questões. Pertencem a um domínio do pensamento que ele sistematicamente evita, e, salvo para fins teológicos, recusa-se a admitir a intervenção presente de anjos ou mensageiros espirituais nos assuntos dos homens. Mas que um santo da Igreja passe desta vida, recebendo no último instante a presença consciente das ministrações angélicas e vendo com visão clara os anjos que o acompanham para lhe indicar o caminho para o céu, e a Igreja não hesita em registar isso como evidência da presença do Espírito Santo de Deus. Que um avivamento religioso se espalhe pelo país, ou algo assim chamado, e que a cura de alguém que esteve doente durante anos se realize sob a influência da emoção, do estímulo e da oração da Igreja, e esse facto será anunciado por toda a parte como mais uma prova da presença de Deus entre os homens.

Os milagres, dentro da Igreja, são permitidos; fora da Igreja, são negados. A única diferença entre hoje e a época da dispensação judaica é que, naquele tempo, os judeus recusavam-se a aceitar qualquer coisa que não estivesse dentro dos limites estabelecidos e da letra da Igreja ou do Templo, e diziam: "Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?" A Nazaré de hoje é o Espiritualismo; está fora da Igreja; e tudo o que reivindica possuir o selo da manifestação espiritual é negado como impossível, enquanto a Igreja afirma que a oração e a ministração dos anjos entre os santos são possibilidades aceites dentro da Igreja no tempo presente.

Sejamos coerentes, pelo menos, e não neguemos aos outros aquilo que reivindicamos para nós mesmos. Como espiritualistas, demos o exemplo de uma caridade mais ampla e de uma filosofia mais profunda, incluindo as manifestações dentro da Igreja como parte dos fenómenos do Espiritualismo. Podemos permitir-nos fazê-lo, pois, ao observarmos os dons enumerados por Paulo, não há um só que qualquer espiritualista inteligente não tenha testemunhado nos últimos trinta anos, e não há um só que não esteja presente hoje como parte da expressão e manifestação através das quais o Espiritualismo se apresenta.

"Os dons do espírito" é, segundo o entendimento do orador, o termo correto. Há muitos espiritualistas que, para serem muito científicos, recusam ser religiosos e, para serem coerentes, negam as manifestações do passado ou afirmam que eram apenas mediunidade. Essa palavra "apenas" é completamente desnecessária, pois a mediunidade pode abranger todo o passado e todo o presente sem, de forma alguma, desvalorizar o primeiro ou exaltar indevidamente o segundo. Se o ar é o meio pelo qual os raios de luz são transmitidos à vossa visão; se o nervo ótico e o órgão visual são, eles próprios, o meio pelo qual a consciência da luz é transmitida ao sensorium, nada impede que a luz de toda a presença espiritual brilhe através de qualquer atmosfera, personalidade ou presença necessária para transmitir o significado espiritual ao homem.

Recuso-me a rejeitar os registos do passado ou a menosprezar os do presente, negando a admissão de todos os factos, no passado ou no presente, que claramente indiquem uma origem espiritual; e desejo traçar a linha de distinção de forma clara e metódica entre aquela classe de espiritualistas que dizem: "Mas a mediunidade é apenas o resultado da lei natural", e a outra reivindicação dos teólogos de que é um dom divino. Ambas estão corretas, mas ambas afirmam apenas uma parte da verdade.

Uma lei natural pode ser um dom divino, tal como qualquer outro. Gostaria que aqueles que dizem que a mediunidade é uma lei natural me explicassem sob que circunstâncias, quer nos processos genéricos, quer no crescimento germinal, quer na evolução externa, podem produzir mediunidade, se

descobriram que é apenas uma lei natural. Gostaria que me dissessem que temperamento, que forma específica de ser humano, é necessária para tornar a mediunidade possível. Gostaria que declarassem em que direção específica rastrearam a mediunidade como sendo apenas um funcionamento da lei natural e como podem ter certeza de que a sua origem reside em algum dos processos genéricos da natureza.

Por outro lado, aqueles que dizem que é unicamente um dom de Deus negam a presença de mensageiros angélicos e agentes mediadores do passado e recusam-se a aceitar todo o registo escrito, no qual, por mais de cinquenta vezes, Deus transmitiu a sua mensagem ao homem, segundo o relato bíblico, através de agentes mediadores, sejam eles anjos, espíritos ministradores, profetas ou homens.

Os dons espirituais são, claramente, uma infusão direta de outra inteligência e poder espiritual no homem, e, se o homem não tivesse uma natureza espiritual, certamente não poderia possuir dons espirituais. Mas qualquer dom espiritual que receba não depende nem do seu temperamento, nem da sua educação, nem da sua posição na vida, nem de qualquer condição física ou terrena.

Após um longo estudo, embora demasiado breve para estar plenamente familiarizado com todas as leis que regem este importante assunto, o orador está convencido de que não há segredo da fisiologia, nem da anatomia, nem do sistema nervoso, nem da estrutura física, nem do mecanismo que rodeia o indivíduo, que possa explicar o facto da mediunidade. Os médiuns encontram-se entre crianças, entre anciãos de cabelos grisalhos, entre homens e mulheres de meia-idade.

Os médiuns encontram-se em todas as classes e condições de vida, desde o príncipe ou barão alemão ao camponês; desde o agricultor ou mecânico ao advogado, médico e clérigo. Claramente, nenhum temperamento específico é indicado pela mediunidade, pois, muitas vezes, médiuns são pessoas de temperamento nervoso, bilioso ou sanguíneo. A saúde não faz diferença, pois há médiuns em estado de saúde frágil e outros em excelente condição física e mental, e ambos são igualmente bons como médiuns.

Claramente, a qualificação educacional não é um fator, pois, entre aqueles que nunca frequentaram escolas, encontram-se alguns dos médiuns mais notáveis do vosso país e de outros. Certamente, ser professor não impede a mediunidade, a menos que a incrustação do saber e do orgulho pessoal seja tal que afaste os poderes espirituais. O facto de ser ministro do Evangelho não parece, hoje, indicar dons espirituais, como no tempo de Cristo, mas não constitui necessariamente um obstáculo, pois sabemos que, em muitos casos, o clero é inspirado, e temos conhecimento de que vários clérigos, neste país e na Inglaterra, escrevem os seus sermões sob claro controlo e ditado espiritual, o que revela, pelo menos na vida privada, um reconhecimento deste poder maravilhoso. Enquanto o reverendo Heber Newton, atualmente em julgamento por heresia, e o reverendo Dr. Newman receberam, junto dos seus próprios lares, orientação e indicações claras sobre aquilo que posteriormente anunciaram em público.

É evidente, então, que a mediunidade não é algo genérico, nem orgânico, nem fisiológico, nem relacionado com a educação ministrada nas escolas da atualidade. Deve, portanto, ser um dom espiritual, algo concedido ou chamado à existência pela ação de um poder independente do indivíduo. Mas não há indicação certa sobre a quem esse poder será concedido, em que circunstâncias virá ou quais são as condições necessárias para o seu desenvolvimento e expressão.

Certo é que essas condições, quaisquer que sejam, são espirituais; e aquele que tentar cultivar a mediunidade ou explicá-la a partir de uma base puramente física ou científica será desmentido já no primeiro passo que der, pois não conseguirá formular um único termo que não seja refutado no passo seguinte, nem estabelecer uma teoria que a experiência seguinte não contradiga distintamente.

Uma inteligência atuando na superatmosfera sobre as estruturas físicas e mentais dos homens, possuindo o conhecimento de como controlar as forças ocultas relacionadas com a natureza espiritual

do homem, deve necessariamente utilizar essas forças e aplicá-las independentemente da vontade ou volição do homem. Se estiver em conformidade com a vontade e a volição, será porque a vontade foi ensinada ou inclinada à vontade superior, e não porque a vontade controlada o deseje.

A verdade espiritual, tal como os princípios fundamentais da luz solar, do ar puro e dos elementos da natureza, deve estar sob o controlo das forças superiores do universo. Por superiores, não me refiro a algo maior do que vós sereis; mas a maior parte da inteligência do universo não pode estar, em determinado momento, na Terra; deve estar desencarnada. Deve ser que a maior parte da inteligência do universo está fora das vidas humanas, visto que, entre os milhões de espíritos desencarnados deste planeta — sem falar nos provavelmente desencarnados de outros planetas, que progrediram mesmo que minimamente além das condições dos planetas onde viveram — deve haver, a esta altura, um poder acumulado de força espiritual no mundo dos espíritos, constituindo um elemento positivo em todos os momentos e sob todas as circunstâncias, acima da inteligência do homem.

Agora, mediunidade é aquilo que, e quem quer que seja necessário, para transmitir a mensagem do mundo espiritual ao homem. Uma mesa pode ser um médium, um cavalo ou um cão pode ser um médium, e os seres humanos podem ser os mais elevados médiuns para comunicar consigo mesmos ou com outros; e aquele que se recusa a aceitar a ministração dos espíritos e afirma que a única fonte da sua sabedoria vem diretamente de Deus, isola-se de Deus pelo seu peculiar egotismo, afastando-se das ministrações de todos os seus semelhantes, pois nenhum ser humano é independente de outro, e a voz direta de Deus para o homem nada tem a ver com o que chamamos mediunidade ou com a ministração distinta denominada revelação.

Estas são palavras proferidas por agentes intermediários — aqueles que percebem verdades mais elevadas e as transmitem aos outros. Nem todos são profetas, mas todos podem tornar-se profetas; nem todos são apóstolos, mas todos podem tornar-se apóstolos; nem todos realizam milagres, nem todos são mestres, nem todos possuem o dom de interpretação de línguas; mas não há linha distinta que possa traçar esses dons, a não ser a origem de onde vêm.

Com isto queremos dizer que o médium através do qual agora vos dirigimos não possui uma organização ou temperamento diferente, no que diz respeito ao dom da mediunidade, dos outros presentes que igualmente poderiam ter sido escolhidos como instrumentos do nosso trabalho; que o dom da fala que agora lhe pertence poderia igualmente ter sido concedido a qualquer um de vós.

E mais do que isso: tão claramente a mediunidade é um dom e não uma parte da vontade ou do organismo individual, que já foi constatado que pode ser transferida instantaneamente de uma pessoa para outra — o dom deixando um médium e imediatamente tomando posse de outro, sendo este último inteiramente diferente em temperamento, organização, constituição física e cultura mental.

Para ilustrar: Quando o médium através do qual agora vos falamos tinha doze anos, a sua antiga professora, intrigada com o dom que havia surgido na criança, disse mentalmente: "Agora, se isto for um poder externo, por que razão não pode tomar posse de mim?" Instantaneamente, o espírito que estava a controlar este médium cessou o controlo e, para surpresa da professora, tomou posse dela, começando a falar, consciente de que estava a falar, mas incapaz de impedir-se, e anunciando o mesmo nome que anteriormente havia falado através da criança médium. Esta experiência foi repetidamente testada com resultados semelhantes.

Assim, quando alguém possui o dom da mediunidade e o valoriza pouco, frequentemente o dom é retirado e concedido a outro. Mas o desejo não pode produzir o dom, pois conhecemos centenas de pessoas excelentes, com as melhores aspirações e os desejos mais puros, que desejam ardentemente ser médiuns e que, se a mente, a imaginação ou a força de vontade tivessem algo a ver com isso, há muito teriam se tornado médiuns, mas não recebem um único indício de mediunidade. Enquanto outros, que parecem dar pouco valor ao dom e até brincar com ele, tornam-se instrumentos das mais maravilhosas manifestações.

Não será esta evidência suficiente de que a mediunidade não tem origem na volição individual, nem na associação do indivíduo, e de que a seleção ocorre sem referência aos desejos e vontades humanas? Se dependesse de vós, talvez fôsseis médiuns hoje e não o seríeis amanhã; médiuns por conveniência e não por amor; médiuns para gratificação pessoal e individual, e não para o benefício do mundo.

São escolhidos aqueles que podem ser melhor utilizados, mesmo que, por vezes, através do seu próprio egoísmo, para uma melhor divulgação dos factos e fenómenos ao mundo; enquanto outros são escolhidos como instrumentos devido aos seus dotes espirituais.

Não pode haver dúvida de que todo o tema da mediunidade deve ser claramente rastreado até ao plano dos dons espirituais para ser satisfatoriamente explicado, o que nos conduz a uma proposição ainda mais ampla.

O Espiritualismo, assim como a mediunidade, estão ambos sob o controlo de mentes inteligentes que sabem o que fazem; não estão simplesmente a realizar experiências, nem alteram as suas ministrações ao capricho dos indivíduos na Terra, seja em conformidade com os seus desejos ou com as suas condições humanas.

A mediunidade é uma unidade. Com isto quero dizer que a mais insignificante fase de manifestação — tomemos, por exemplo, as batidas numa mesa ou numa cadeira — pode ser tão valiosa quanto a mais eloquente comunicação verbal. Entre os nossos amigos teológicos, bem como entre os nossos amigos altamente intelectuais e cultos, há aqueles que dizem: "Porque haveriam espíritos sábios, grandiosos e bondosos de recorrer a métodos tão insignificantes como bater numa mesa ou numa cadeira?" Peço desculpa, senhor, mas alguma vez lhe ocorreu que o clique do instrumento telegráfico, através do qual recebe uma mensagem do seu amado filho ou filha, é um método de comunicação bastante insignificante?

Alguma vez lhe ocorreu que a pena com que Shakespeare escreveu as suas magníficas peças era um instrumento muito insignificante para a produção de poemas? E que Dante, escrevendo o seu *Paraíso* com uma pena de ganso, é uma imagem ridícula? No entanto, não tenho dúvidas de que, enquanto erudito, está bem disposto a aceitar o poema sem questionar o instrumento através do qual foi escrito. Está perfeitamente disposto a aceitar a mensagem telegráfica do seu amigo querido, ainda que o clique da máquina lhe pareça insignificante; e não tenho dúvidas de que, se estivesse junto à janela onde os seus amigos imortais pudessem enviar-lhe uma mensagem, não se deteria por muito tempo a criticar a forma trivial como ela chega, mas compreenderia imediatamente as palavras: "Não estou morto, continuo a viver", pois essa mensagem dissiparia qualquer pensamento sobre a trivialidade do meio pelo qual chegou.

Alguma vez lhe ocorreu, amigo teológico ou esteta culto, que o método utilizado não é um elogio a si? Que não é o espírito que se degrada, mas antes uma indicação da materialidade da presente época? E que, porque se recusa a ouvir a voz que poderia falar diretamente ao seu próprio espírito, dizendo "Não estou morto, mas vivo", os seus amigos são obrigados a bater primeiro na porta exterior para, possivelmente, conseguirem acesso à porta da sua inteligência?

Alguma vez lhe ocorreu que este fenómeno físico, que considera trivial e insignificante, é na verdade uma indicação de um poder subtil sobre a lei material, que acabará por revolucionar toda a inteligência humana? E se for verdade que os sons são produzidos independentemente das leis naturais conhecidas, isso não indicará um domínio no qual, um dia, ficará grato por entrar e sentar-se ao lado dos sábios da ciência, consciente de que existem mais forças no universo do que jamais imaginou?

Quanto à questão de haver médiuns, direi, antes de mais, que vós próprios, fisicamente, não sois senão médiuns. O vosso espírito utiliza o vosso corpo para se manifestar aos outros, e os sentidos físicos são apenas os médiuns de comunicação entre um espírito e outro na Terra. Se isto é verdade para os vossos próprios corpos materiais, estando ainda em contacto diário uns com os outros, não

deverá também ser verdade que o espírito desencarnado, ao querer alcançar-vos através dos canais normais da inteligência, deve necessariamente recorrer aos métodos e forças que melhor possam apelar à vossa compreensão?

Se, portanto, recusais aceitar o dom do espírito; se rejeitais a inspiração que vem de dentro; se a voz da intuição foi silenciada, seja por medo e preconceito cegos, seja pelo excesso de cultura intelectual; se não há outra via pela qual a humanidade possa ser alcançada senão aquela que apela aos sentidos, então a inteligência e a intuição devem ser abordadas pelo lado exterior. E, como já disse antes, por mais pouco lisonjeiro que isto seja para a condição espiritual desta época iluminada, continua a ser um facto da ciência física que merece ser assinalado e pode ser o trampolim para aquele vasto reino interior que ainda desconheceis e que vos envolve com os seus poderes maravilhosos.

Há muitos que dizem: "Porque não posso eu ser médium? Porque devo sempre receber a minha mensagem através de outro?"

Não sabeis o que dizeis. Recebeis a maior parte da vossa inteligência, do vosso ensino, do vosso crescimento mental, da vossa formação, do vosso conhecimento de música, de matemática, de arte, de religião, de poesia e de história através de outras pessoas; e não hesitais em estudar as obras do cientista, do astrónomo, ainda que nada saibais de astronomia; do geólogo, ainda que não tenhais conhecimento de geologia. No entanto, quando vos chega uma mensagem através de outra pessoa, vinda de um amigo falecido, que demonstra inteligência, crescimento e cultura, e o facto se comprova, continuais a questionar: "Porque não pode vir diretamente para mim?"

Precisamente porque questionais. Há aqueles que, ao se tornarem médiuns, seja na escrita ou em qualquer outra forma, dizem: "Oh, isto é apenas a minha imaginação." Meu caro amigo, aquilo que vos chega através de outra pessoa não pode ser fruto da vossa imaginação. E se vos transmite conhecimento que a pessoa que o transmite não possuía antes, não pode ser imaginação. Assim, a teoria da imaginação é imediatamente descartada.

É precisamente para pessoas como vós que esta explicação se aplica. Não sois médium porque não estais satisfeitos com nada.

Então a mediunidade só surge naqueles que estão satisfeitos? De modo algum; frequentemente, manifesta-se naqueles que estão insatisfeitos precisamente para demonstrar que não se trata de um dom surgido por sua vontade; para provar que o desejo e a vontade não o criaram. Muitas vezes, surge em total contradição com a vontade e o desejo individual, para evidenciar que é regida por uma lei superior à vontade humana.

Então dirão: "Só aqueles que se opõem podem ser médiuns?" Não é assim. Frequentemente, manifesta-se naqueles que não se opõem nem possuem qualquer desejo ativo por ela; que nada sabem sobre mediunidade; que, antes de a experiência lhes ocorrer, desconhecem completamente o seu significado, mas que, talvez por isso mesmo, tornam-se recetivos a ela, ilustrando que nem o desejo nem a oposição produzem a mediunidade.

A verdade é que não se restringe a uma classe de indivíduos; nada na condição individual a gera, mas são os espíritos que escolhem aqueles que utilizarão. Talvez tenham notado que, quando Neilson, Jenny Lind ou outro grande cantor vindo do estrangeiro se apresentava, todos os pássaros menores começavam a cantar, e muitos aspirantes à fama surgiam nos bosques do vosso próprio país; e, gradualmente, à medida que a onda passava, a música esvanecia, deixando um, dois ou três verdadeiros seguidores.

O Espiritualismo derramou-se sobre o mundo há trinta e cinco anos, e havia médiuns em toda parte; havia médiuns de batidas, de escrita e de visão. A onda dissipou-se; foi aplicado um teste; a chuva caiu, e aqui e ali um foi escolhido para levar o trabalho adiante. Os pássaros cantaram a sua breve

canção, e a onda da verdade espiritual chegou. "Muitos são chamados, mas poucos são escolhidos" aplica-se à mediunidade tanto quanto a qualquer outro trabalho no mundo. No entanto, as qualificações para ser escolhido não estão sob o controlo da vontade individual daquele que é escolhido.

De tempos a tempos, ouvireis falar de novas formas de mediunidade, notavelmente a da materialização. A médium clarividente deseja abandonar a sua visão; o médium de batidas deseja deixar a sua mesa; o médium de cura deseja afastar-se dos seus pacientes — todos desejam abandonar a sua vocação para se tornarem médiuns de materialização. Porquê? Há um desejo na mente humana de ser outra coisa; de ser aquilo que os outros são; de atrair mais atenção e, especialmente, de ser algo diferente do que se é.

Cristo exortou à busca do que é mais elevado e melhor. Paulo enumerou dons de toda espécie e demonstrou que nem todos podem possuir todos os dons. A verdade é que aqueles que possuem dons espirituais não os podem valorizar demasiado; e, se compreendem o grande significado moral da mensagem que lhes é concedida, devem ter o maior cuidado em manter-se numa condição adequada para o exercício desses dons.

O que quero dizer por uma condição adequada não são algemas, cordas, barreiras ou leis repressivas contra a mediunidade ou contra a cura; mas sim uma condição tão límpida como o céu, tão transparente como a atmosfera; não ter qualquer desejo ou vontade que obscureça o canal direto entre vós e o mundo espiritual. Digo que, qualquer que seja a mensagem que o mundo espiritual deseje transmitir, se sois um médium, não tendes o direito de decidir qual será essa mensagem, tal como o fiel operador de telégrafo não tem o direito de decidir se um clérigo ou um bandido deve enviar uma mensagem pelos fios. O melhor é manter os fios abertos e desimpedidos, e tudo o que podeis fazer pela mediunidade neste mundo é manter o canal de comunicação livre.

Se o assaltante de estradas morreu e deseja enviar uma mensagem à Terra sobre a sua condição na vida espiritual, não tendes o direito de lhe negar. Se, por outro lado, um santo deseja transmitir uma mensagem, não tendes o direito de exigir que apenas esse santo possa comunicar. Muitas lições são aprendidas pelo contraste, tanto quanto pelo ensinamento direto; e aquele que vos pode relatar a sua condição no mundo espiritual, como consequência da sua vida sombria na Terra, pode dar-vos um melhor aviso do que aquele que vos vem com linguagem resplandecente e imagens de glória imortal.

Há demasiados que desejam regular a mediunidade; acender a luz aqui e apagá-la ali; declarar em que condições deve manifestar-se e em quais não deve. Com todo o respeito e reconhecendo as vossas boas intenções, afastai as mãos das válvulas; mantende as vossas mentes tão livres quanto possível e deixai que o mundo espiritual administre os seus próprios médiuns. Este organista não precisa que o ajudeis a tocar o órgão; se puderdes cantar, sois bem-vindos a fazê-lo. Mas se cada um de vós começasse a dizer: "Ativa esta tecla; ajusta aquele pedal", o organista certamente se oporia. Assim também nós, do mundo espiritual, compreendemos e sabemos melhor como gerir os nossos instrumentos, e dizemos: "Mantenham-se afastados"; mantende as vossas mentes livres e puras para receber todo o bem que possa vir, mas não tenteis regular os instrumentos. Se forem inúteis, nós próprios o descobriremos; e felizmente, não sois obrigados a testemunhar nada do que não aproveis, nem a ouvir algo que não vos agrade; e não há leis neste ou noutro país que vos obriguem a procurar médiuns em quem não confieis, nem a assistir a manifestações que não vos satisfaçam. Mas se tentardes regular as manifestações, sereis como aquele que manipula um relógio, ajustando as horas ao seu gosto e à sua consciência, sem nunca obter um relato verdadeiro do outro mundo.

Conhecemos vários que possuem os seus próprios médiuns, regulados e desenvolvidos segundo as suas conveniências. Nenhuma mensagem é transmitida por esses médiuns sem a aprovação do censor do círculo, e o resultado é uma inteligência muito escassa proveniente do outro mundo. Conhecemos também aqueles que acreditam que nada é satisfatório sem algemas e instrumentos de tortura. Esse tipo de mentalidade teria certamente sido bem aceite na Idade Média. Criticamos aqueles na Igreja

que impõem o carro de Juggernaut e que acreditam no método de extorquir confissões pela aplicação da força, pois isso está abaixo da compreensão da atualidade.

Nenhum homem que não esteja capacitado para confiar na sua própria inteligência e discernir se uma mensagem é genuína pode estar mais satisfeito através de tais métodos e artifícios. Na sala de sessões, não devemos encontrar nada que nos lembre as perseguições de outrora. Os homens da ciência que reivindicam investigar não deveriam procurar imitar os nossos antepassados puritanos, a quem acusam de grande fanatismo religioso. Que a inteligência seja a base da investigação; que haja um julgamento cuidadoso e sereno: observai, vigiai, testemunhai o que se manifesta, mas não tenteis controlar as manifestações. Se possuíis um cronómetro, não o colocais sob um martelo para testar a sua capacidade de medir o tempo.

Que aqueles que servem de instrumentos entre vós e o reino espiritual sejam protegidos, não só de paixões violentas, suspeitas e outros elementos ácidos que frequentemente interferem, mas que a lei da simpatia e do amor os envolva de tal modo que a mensagem que vos chegue seja a palavra direta e distinta do mundo espiritual.

O facto de não poderdes controlar isso é evidente, pois durante trinta e cinco anos, a Igreja, o clero, os homens da ciência, os homens de negócios e o mundo inteiro tentaram erradicar estas manifestações; primeiro pelo ridículo e pelo desprezo, pela incredulidade, pela negação e pela alegação de que era obra de Satanás; depois pela tentativa de explicação através da eletricidade, mas todas as formas de explicação mostraram-se inadequadas.

Agora, a crescer de forma constante, quase não há lar onde não haja um médium; algum ente amado e respeitado através de quem as mensagens chegam, trazendo palavras de afeição do mundo dos espíritos. Admitiríeis que alguém viesse arrancar brutalmente essa luz e essa força? Não é um ato de bravura cortar fios telegráficos e destruir a comunicação com outra cidade. Não é um ato de inteligência arrancar trilhos de ferrovia e provocar o descarrilamento de um comboio. No entanto, muitos consideram que fizeram algo admirável ao destruir uma sessão espírita. Certamente isso nada prova, exceto a vileza e ignorância de quem o faz.

A inteligência do mundo move-se em resposta àquilo que apela à sua compreensão; e se a mediunidade significa algo, significa demonstrar, independentemente da vossa vontade ou desejo, a presença de espíritos desencarnados entre vós. Quando essa evidência vos é concedida, o ensinamento contínuo da vida espiritual há de trazer-vos conhecimento sobre aquilo que está além.

Destruir a fonte de onde uma cidade recebe o seu abastecimento de água; extinguir a luz que guia os seus cidadãos à noite, é um ato de traição e cobardia; e não há outro nome para aquele que, se pudesse, apagaria as luzes do reino superior que guiam a humanidade através do Vale e da Sombra da Morte; não há outro nome para aquele que tenta apagar a bela e sagrada mensagem que agora está a ser escrita nas paredes dos vossos lares e a ser acolhida nos corações de milhões.

Oh, guardai os vossos dons espirituais! Conservai-os como guardaríeis um lírio sagrado nas vossas mãos; deixai que as vossas vidas sejam guiadas e protegidas por eles; deixai que a luz que vem de dentro seja como uma taça encantada na qual se encontra o néctar da vida, para que todos os que desejarem possam beber dela, e para que ninguém permaneça sedento ao aproximar-se da fonte do espírito.

O DOM DA CURA
DR. BENJAMIN BUSH

A NATUREZA DA CURA E A INSTRUMENTALIZAÇÃO DA MEDICINA
O EFEITO CONTRAPRODUCENTE DE CENTRALIZAÇÃO DOS PROGRAMAS GOVERNAMENTAIS
A RAZÃO DO DESCRÉDITO CRESCENTE EM RELAÇÃO À MEDICINA DO SERVIÇO DE SAÚDE

NT: Este trabalho pretende corroborar a visão de quantos se esforçam por demonstrar como a centralização das decisões em medicina se tornou num instrumento político às mãos de promotores que erigem um gigantesco movimento no conceito público ao asseverar às cegas aquilo que nem sequer passa pela pesquisa científica mas diz mais respeito à pseudo ciência, aqui exposto pela boca de um veterano do século dezoito.

*"A outro, pelo mesmo espírito, é dado o dom da cura."
Coríntios 12:9*

Se o vosso presente orador — aquele que controla esta manhã — não é dotado do mesmo dom de eloquência de alguns que se dirigem a vós, vocês, pelo menos, dar-lhe-ão o crédito de um estudo sincero na área da cura; e o da experiência de mais de um século em ambos os mundos, algo de um conhecimento a respeito.

Inquestionavelmente, a ciência da Matéria Médica não conseguiu desenvolver-se na proporção do pensamento humano; pois que desde os dias de um Esculápio que sem dúvida as teorias da medicina mudaram lentamente, e passo a passo essas porções da ciência humana como as que têm sido incorporadas na medicina, têm surgido pela força, e não pelo esclarecimento das escolas de medicina.

Em terapia, constitui indubitavelmente uma melhoria; mas é mais o resultado do que surgiu, não nas escolas habituais da prática, mas por intermédio do que é denominado "charlatanismo" na antiga. O "charlatão" é, sem dúvida, o profeta no mundo da medicina. "Sem ele nunca haveria progresso; e ainda assim as escolas da prática habitual estão tão atrasadas em relação ao estado actual de cura no mundo, que mais de três quartos da humanidade desconfiam totalmente do praticante normal:

De uma adesão severa e estrita às regras mais ortodoxas da escola Alopática, ao dom da cura divina, foi, o vosso presente orador convertido. Aquando na Terra foi o mais rigoroso ritualismo em Matéria Médica; agora é o anúncio de que não há senão uma escola futura de cura; ou seja, a do espírito. A cura espiritual há de tomar o lugar de todo o resto. A natureza fornece uma panaceia para toda doença, na proporção em que os males da humanidade forem puramente físicos, remédios físicos; e na proporção em que forem espirituais, em vez de físicos, fornecerá remédios espirituais.

As escolas de prática, no entanto, diferem de forma tão essencial que não vale a pena discutir as suas proposições, excepto descobrir que, em não menos de um século, o que era mais venenoso transformou-se em cura; o que era injurioso tornou-se aceitável e o que era aceitável danoso. Ele que tenta regular o seu próprio organismo ou hábitos pelas escolas de medicina deviam ser obrigados a tomar um dia o que os médicos declararam ser venenosa, e num momento a rejeitá-lo por completo.

Com base numa longa experiência, descobri que a maioria dos males da vida humana, fisicamente, podem ser atribuída à condição mental ou espiritual do indivíduo. Talvez alguns de vocês possam ter ouvido falar da propagação da cólera na Filadélfia, há quase um século atrás, onde foi manifestamente descoberto pelo vosso locutor que as mentes das pessoas tinham mais que ver com a disseminação da epidemia do que com a contiguidade física dos germes do próprio distúrbio; que se removermos o receio da contaminação isolando, separando, restaurando a confiança ou afastando pessoas do contacto psicológico, essa doença pode ser estancada quase instantaneamente. Eu não tive conhecimento desse poder psicológico, como tal, por essa designação, mas descobri que o medo na mente do indivíduo tinha muito a ver com a adopção da doença.

A cólera é uma doença negativa; e, embora sem dúvida existam germes que são comunicados de um sistema a outro, ou pelos alimentos, ou pela atmosfera, a cólera não é uma doença contagiosa no sentido em que a varíola o é, e outras doenças que são comunicados por *animalcule*. Se os germes de cólera se encontrarem na água ou na comida, ou em algo que partilhem com outros, vocês sem dúvida absorverão esses germes, mas o contacto físico de uma pessoa com outra, independentemente do poder psicológica, não fará com que a doença seja comunicada; mas é verdade que se espalha mais rapidamente do que qualquer outra doença.

A cura bíblica que aqui citei como dizendo respeito a um dos dons espirituais, sempre se supôs como inteiramente separada da ciência da medicina; e assim é, já que a ciência se debate no escuro por causas que ela só pode descobrir sondando às cegas os efeitos no sistema humano. Agora estamos perfeitamente bem informados de que a mesma doença raramente produz os mesmos efeitos em duas pessoas distintas de temperamento diferente, e que doenças totalmente diferentes podem produzir sintomas semelhantes e, por conseguinte, que esses sintomas não são nem mesmo indícios das fontes de doença no homem.

Por outro lado, a cura espiritual ou psicológica chega à origem da dificuldade sem questionar os sintomas — e encontra logo as causas, em vez dos efeitos da doença. A diferença entre a ciência da medicina e a percepção ou intuição de um verdadeiro curador, é a mesma diferença que existe entre o corpo e o espírito, ou entre um mero conhecimento técnico e aquela mesma alma ou essência do conhecimento no mundo. Portanto, embora eu não possa desacreditar nenhum conhecimento anatómico ou fisiológico que leve a humanidade aos factos concernentes à sua estrutura física, eu ainda acredito que até que o departamento psicológico do homem se ache incluído na ciência da medicina, só se poderá verificar uma pequena cura geral bem-sucedida.

Não duvido que, se os médicos da Terra neste instante desaparecessem por completo, e a humanidade fosse deixada entregue às leis da natureza ou aos seus próprios dispositivos, em dez anos se verificaria uma menor quantidade de doença do que presentemente. Não duvido que os erros da medicina tenham muitas vezes causado mais doença do que a inexistência de remédios teria produzido; e digo-o não por uma questão de preconceito, mas de longo e cuidadoso estudo.

Os remédios que centenas têm pretendem sejam específicos só podem ser aplicados por alguém que tenha certos conhecimentos em relação a uma doença, e sobre a natureza ou temperamento daquele a quem o remédio deve ser aplicado. É loucura tratar uma criança como se você fosse um homem adulto, ou um temperamento muito delicado como tratariam um organismo feito de ferro e aço.

É loucura ter um regime que sujeite de uma só vez a mulher nervosa e o homem de forte complexão física à mesma ordem de tratamento; e somente o médico cuidadoso, que após anos de prática rejeite quase todos os seus remédios violentos, pode ser considerado um terapeuta consistente e cuidadoso. O jovem estudante, o recém-formado, está ansioso por aplicar toda a terapêutica e os princípios que encontra nos tratados sobre a *Matéria Médica*. O que não sucede com o médico experiente; que ministra cuidadosamente uns quantos remédios, e acima de tudo, tem um cuidado atento e paternal com os seus pacientes. Aqueles que praticaram durante vinte, trinta ou quarenta anos carregam muito poucos remédios, e ministram menos ao sistema dos seus pacientes; enquanto lhes dedicam um aconselhamento cuidadoso, procurem a indisposição principal que possa ser a causa da doença, e dessa maneira provavelmente curam mais do que a medicina alguma vez sonhou.

Com base numa longa experiência, descobri que os remédios que eu próprio preparava e transmitia pessoalmente aos pacientes, invariavelmente produziam resultados benéficos, enquanto os remédios confiados a outros e transmitidos por terceiros frequentemente fracassavam. Isso levou à observação da influência psicológica da presença pessoal; e se o verdadeiro médico ou verdadeiro terapeuta, ocupar a posição que a sociedade lhe confia, deve ser igualmente um conselheiro, um consultor, um amigo. Não duvido que chegará o tempo em que o mestre espiritual também será o curador, uma vez que espírito e corpo não mais serão separados; e dado que na antiguidade, quando

Cristo e os seus apóstolos realizavam os milagres de cura, conforme eram denominados, isso era o resultado do espírito e do corpo combinados na arte da cura.

Separada como a ciência da medicina se acha hoje em dia de tudo o que pertence à natureza espiritual do homem, e tão firmemente como as escolas de medicina se voltaram para o materialismo, que chocaria não apenas a natureza sensível, não apenas a religiosa, mas qualquer mente sincera e cuidadosa testemunhar o cepticismo em que as diferentes escolas da Matéria Medica se baseiam, mais especialmente o departamento clínico e a ala de dissecação, e onde há um livre acesso ao corpo físico do homem. Que a ciência não consiga descobrir a fonte da mentalidade do homem quando o corpo se encontra morto, e não possa rastrear o espírito quando o espírito não se acha mais presente, é para eles o tipo de evidência deplorável (que tais mentes invariavelmente procuram) de que o homem não possui um espírito. Como se, quando o corpo não for mais necessário, o espírito permanecesse ao alcance da faca de dissecação ou da zombaria; como se o fracasso em descobrir aquilo que, como o incenso da flor, se evade para longe, já que a flor não se acha mais lá, provasse que o homem não possuísse qualquer espírito.

Se esse é o tipo de raciocínio, quão mal equipado está o graduado de tal escola para curar os corpos de homens e mulheres vivos. Não é o exterior que o Grande Terapeuta está a tentar atingir, que a ciência real da medicina deseja tocar, mas as nascentes da vida que têm as suas fontes secretas no reino do espírito. O nervo que revitaliza a mão pode ser paralisado pela tristeza, pela dúvida ou pelo medo, e nenhum remédio da Matéria Médica lhe poderá chegar.

Por isso cabe-lhes, caso considerem este discurso menos científico do que espiritual, lembrar-se de que o acesso que o orador tem às fontes espirituais do sofrimento é a causa da sua transformação da área mais exterior da ciência humana para o mais amplo e maior domínio da cura espiritual. Como o ar puro do céu, o brilho do sol e as águas da saúde contêm os elementos essenciais da vitalidade para a estrutura do homem; como a comida que ele partilha deve-lhe ser recomendada de acordo com a necessidade que tem de sustentar o corpo, assim também a menos que o corpo esteja na condição correcta, facultada pela mente e pelo espírito para receber alimento, nenhum poder de cura ou de nutrição lhe poderá ser transmitido.

A título de ilustração, eu conheci uma pessoa que se encontrava num estado de profunda tristeza para não poder ingerir qualquer alimento, e se a comida fosse ingerida, não haveria assimilação dela por parte do sistema humano. Em tais circunstâncias, é inútil forçar o alimento num sistema que naturalmente o rejeita. A razão dessa falta de assimilação deve-se a que todas as forças do corpo, até mesmo os sucos gástricos, se transformem em mágoa pela presença do pesar, e vocês bem que podem percorrer os areais da costa marítima e tentar forçar a maré a recuar quando ela estiver alta, como forçam o sistema nessa maré baixa do pesar a receber alimento ou remédio; tampouco poderá qualquer estímulo aplicado ao corpo afectar a fonte da dificuldade.

O que deverá, pois, o médico fazer? Ministar um opiáceo, um anestésico, um tônico? De maneira nenhuma; isso produz apenas uma maré baixa correspondente; e o grande desenvolvimento das doenças nervosas no século XIX é devido a esse erro dos médicos de tentarem alcançar um resultado imediato, independentemente da eventual condição do paciente. Todos os efeitos dos estimulantes, seja nos brometos ou nos cloros ou em quaisquer outros compostos declarados como remédios inofensivos, devem ter apenas a intenção de um resultado superficial.

Agora, a verdadeira fonte de cura está em alcançar a mente do indivíduo; e eu afirmo que ninguém tem o direito de se autodenominar médico, a menos que seja capaz de fazer isso. Se ele puder conseguir descobrir encontrar a fonte do pesar, aplicar o bálsamo da cura ao espírito, o corpo responderá e clamará por comida, clamará por alimento e pedirá forças. Mas tentar forçar aquilo que o espírito não reivindica ou requer é simplesmente uma barreira, em vez de um agente estimulante e um agente de saúde.

Eu atribuo à actual escola de ciência médica o desenvolvimento do prazer que a recente geração demonstra pelos estimulantes, a reivindicação da necessidade de estimulantes, que é tão predominante no mundo.

Acuso todos os que administram anestésicos, (mesmo que são designados como inofensivos), excepto em casos extremos de operação cirúrgica, de adulterarem a maré de saúde e bem-estar humanos; e quanto mais um efeito corretivo imediato for reivindicado, mais eu os acuso de brincarem com o sistema humano. O cloral, todos os tipos de brometos e especialmente aquelas aplicações hipodérmicas maléficas da morfina são a ruína do actual sistema da Matéria Médica. Com práticas dessas, as mulheres são deixadas em estado nervoso e desamparado ou dependentes desses estimulantes "leves," como são chamados. Com práticas dessas, toda a família humana está sujeita a um sistema de tratamento à qual, se não se submeter, será levada de imediato aos tribunais de justiça, e se a consciência do indivíduo não permitir que esta escola de medicina lhes seja aplicada, são declarados fora-da-lei. O homem não tem o direito a morrer de acordo com os ditames da sua própria consciência. Mas as escolas de medicina e as leis de alguns dos Estados proíbem isso; ele deve morrer de acordo com as regras da Ordem dos Médicos. Eu afirmo que cada passo que foi dado fora do antigo regime da escola Alopática é um passo na redenção humana.

Afirmo que o sistema homeopático, que na aplicação que tem não é apenas menos rigoroso, mas mais fiel à natureza, é um passo na direcção certa; que a hidropatia (NT: *Tratamento da doença pela água*) e as suas diversas aplicações, embora por vezes excessivamente heróicas e outras vezes muito severas, ainda é um passo também na direcção certa. Afirmo que os métodos dietéticos adoptados de modo variado, embora muitas vezes possam parecer frívolos em relação ao sistema humano, são menos perigosos do que a aplicação directa de venenos minerais; ou melhor, são úteis. Eu afirmo ainda que quanto menos vocês tiverem de substâncias estranhas na forma de remédios ou alimentos introduzidos no sistema, excepto quando o sistema exigir esses alimentos, mais saudável e vitalizador vocês acharão o processo de cura da natureza.

Ar puro, água doce e uma resposta às demandas reais do paciente, por mais absurdo que possam parecer, são o único sistema correcto de cura. Quero dizer com isso que, no antigo regime, a febre de um paciente seria reprimida por meio de medicamentos, geralmente venenos minerais como o mercúrio, e o sistema enfraquecido por catarses violentas e pela ausência real de ar fresco, água pura ou qualquer coisa que o paciente ansiasse. Por outras palavras, se estiverem com febre, precisarão ser punido com uma febre adicional, como alguns dos sistemas morais predominantes no mundo destinados ao tratamento de desordens morais. É claro que não penso, no sentido usual do termo, que fosse mais irracional enforcar um homem por contrair ter varíola do que por ser assassino; mas parece que tenhamos sido acostumados a supor que aquele que se encontra doente precise de cura, e o método usual de tratamento seja certamente um flagelo em vez de um processo de cura.

Eu afirmo que o verdadeiro médico observa o paciente, estuda os seus sintomas, e mesmo em casos de doenças causadas por malária e epidemia, ele não cede à pressão e ao clamor do alarme popular, nem se submete na sua própria consciência para acalmar os medos dos outros.

Todo indivíduo deve ser tratado de acordo com o seu temperamento peculiar; e acredito igualmente - e isso a resultante de um longo estudo na aplicação da arte da cura - que não há dificuldade em superar a disseminação de epidemias; e acho que a mais vasta proporção assente no contágio do medo - aquele terrível veneno mental que teologicamente esteve quase a encalhar o mundo, e que também encalhou os homens fisicamente. Através do medo da morte, os homens tornam-se covardes e, por medo da doença perdem o equilíbrio mental, e toda força do sistema se transforma num estado negativo. A vontade calma e salutar, a mente que não teme e não se aflige com medo, é um requisito essencial para resistir às doenças. Quando se alegava, na antiguidade, que alguém entraria numa fornalha ardente e não seria consumido pela chama, era um exemplo da extrema aplicação da força espiritual sobre a física, mostrando o que a mente poderia realizar resistindo - à doença. E aquele que for um médico hábil e decidido na sua missão, raramente contrairá uma doença tóxica ou maligna; o

contágio não poderá alcançá-lo; ele é destemido demais, forte demais na sua influência predominante e excessiva.

O mesmo elemento aplicado a vós eliminaria não apenas as doenças gerais, mas a malária efectiva e o contágio que paira pela atmosfera. Considero que a disseminação de doenças, como a difteria e outras doenças reconhecidas como de natureza *animálculos* ou malárica, são muitas vezes o resultado do medo e de uma condição negativa no sistema individual que torna essa pessoa suscetível à doença; um poder simpático ou psicológico que atrairá aquilo que vocês temem.

Normalmente, se já tiverem percebido, numa grande fatalidade, uma pessoa geralmente morre daquela doença que ele mais teme. O inimigo está à espera dele; ele é o sujeito adequado. Se o medo tiver lugar na sua mente, ela poderá atacá-lo. Tal como um forte olhar magnético pode conquistar a besta enfurecida até que ela se deite aos seus pés, enquanto o medroso que foge será seguido pelo animal enfurecido, assim também a doença está à espreita daquele que a teme. Mas aquele que tem uma vontade forte e é destemido contra ela, não pode haver contágio para ele. Ele pode andar como alguém totalmente armado e empunhar armadura no meio da doença mais mortal se a mente e o corpo forem correctos.

Todo sistema humano tem um conjunto duplo de nervos, e não apenas os nervos, mas todos os átomos do corpo físico são polarizados com uma força positiva quer no sentido das doenças ou, se forem negativos, chamar-lhe-ei despolarizados. O sistema físico deve estar todo o tempo exactamente polarizado com relação às leis da saúde - à luz, à atmosfera, às forças magnéticas do sistema, e pronto para responder à advertência do momento à força de vontade do indivíduo.

Se os vossos pés se recusarem a andar, vocês sabem que há uma desordem nos nervos ou no sistema muscular; se a vossa mão se recusar a fazer o que lhe mandam, vocês pode ter a certeza de que ela está despolarizada em algum sentido; mas assim que a força de vontade assumir instantaneamente o seu domínio, ou as forças vitalizadoras forem postas nos seus devidos lugares, o corpo responde às suas funções naturais e obedece à vontade.

A fonte, pois, da cura - em última análise, estará na percepção do médico das fontes da doença. É por isso que os clarividentes têm sido tão bem sucedidos em chegar e examinar os casos que lhes surgiram. Eles penetram além da superfície e descobrem as causas reais do sofrimento humano. Mas frequentemente a aplicação do remédio é falha, devido a que, embora o clarividente possa perceber a doença correctamente, pode não haver poder correspondente de aplicação de medicamentos ou magnetismo; enquanto muitas pessoas que são curadoras muito talentosas podem não ter qualquer poder de clarividência, poder esse que está reservado ao espírito que os controla, e o médium ou curandeiro não estar ciente da natureza da doença que está a ser tratada.

Na esfera da vida espiritual à qual o vosso orador pertence - a esfera da cura - existe um poder e influência que é irradiada não apenas para os curandeiros individuais da Terra, mas para um grande número de pessoas. Sempre que um espírito entra na vida espiritual cuja enfermidade física foi tal que a mente tenha sido continuamente oprimida por ela, ou para o referir mais correctamente, quando um espírito entra na vida espiritual cujo corpo foi vítima da sua desordem mental, esse espírito recebe na esfera da cura o primeiro passo para a recuperação, sendo libertado ou ver atenuada a ideia de possuir uma doença. Há aqueles que têm tendência para acalentarem as suas enfermidades se o resultado for penoso, compassivo, afável ou ternurento. Não me admiro, já que não há afecto suficiente no mundo a menos que seja confrontado pelo sofrimento.

Mas eu oro para que vocês apliquem o vosso afecto por formas que promovam a saúde. Não acalentem as vossas doenças, pois isso significa que se tornam um objecto central da comiserção e talvez da condenação dos outros. Deixem que os vossos males tomem a forma - não de sofrimento, nem de incapacidade física, nem de desordem mental - mas de afastamento de vós; e deixem que a vida, a saúde e a força sejam o vosso único desafio para a admiração e o amor dos vossos amigos. Não

reivindiquem afecto por estarem fracos, mas procurem reivindicá-lo por serem fortes. Não o reivindiquem porque estarem aflitos, mas tentem reivindicá-lo por estarem felizes e alegres.

Mas quando a aflição os afectar; quando as doenças os afectarem; quando o sofrimento inevitavelmente lhes suceder, tentem superá-lo o retorno em vez de o encorajar; tentem afastá-lo e triunfar sobre ele, em vez de o acolherem com pena, e de se preocuparem com a dificuldade. Sei que isso soa duro e grave, mas não é tão duro quanto a faca do cirurgião, nem tão severo quanto os remédios que qualquer médico lhes aplicará se os consultarem.

Acreditem na palavra de bondade daquele que estuda todas as fraquezas humanas e com elas entra em simpatia; que entende que deve haver tristeza e sofrimento proporcionais à ignorância humana; e que por fim, com a experiência, aprenderemos e triunfaremos sobre a dor, e o maior terapeuta há de ser descoberto em vós próprios. Só lhes é concedida ajuda, quais crianças de fraldas, até aprenderem a andar sozinhos e terem permissão para procurar os outros em busca de alimento e vestuário até que vocês consigam sustentar-se.

Tempo virá em que à aproximação da mais ligeira desordem ou incapacidade física vocês convoquem o médico que têm de dentro de vós próprios - aquele poder da vontade salutar, forte, que deve conquistar e reparar o mal que têm dentro de vós e curar a doença.

Certifiquem-se de que vocês não sejam deixados sem ajuda; existem milhares de curandeiros por todo o mundo hoje em dia, e pudessem vocês ver o número daqueles que aquele que a vós se dirige neste momento do tempo está a influenciar, e a exercer controlo como o operador telegráfico faz com os múltiplos fios ao mesmo tempo, vocês acreditariam no que eu lhes digo quando digo que o grande poder de cura do mundo dos espíritos está actualmente a ser derramado sobre a humanidade, não apenas para os curar das vossas enfermidades, mas também para curar a necessidade de enfermidade. E pudessem vocês tão só perceber os muitos mensageiros de asas esplendorosas, aqueles que pairam ao vosso redor e sobre vós, a assistir-lhes como fez a Banda de Cura dos Anjos de outrora através de Jesus e dos seus apóstolos - aquela saúde que ele transmitiu, aquela força vitalizadora que brotava do espírito, pois ele não era forte de músculos, mas apenas em espírito - vocês entenderiam que o poder de cura trazido ao mundo de hoje, se adequadamente correspondido da vossa parte, seria suficiente para sanar toda a enfermidade das nações. Mas, por não ser assim, precisamos esperar, trabalhar, ensinar e labutar com paciência.

Aproxima-se rapidamente o tempo em que, em vez do médico, você convocarão o esse agente de cura; depois disso, em vez do curador, você convocará o vosso próprio espírito guardião que, na quietude dos vossos aposentos, lhes fará saber com respeito à enfermidade e ao seu remédio, e vós próprios estareis à altura da vitória.

Mas quando alguém é fraco e precisa ser auxiliado, é da força mental e espiritual que vocês mais necessitam. Exorto-os a isso, porque, por experiência prática, vocês podem prontamente descobrir o quanto a mente tem a ver com a condição física; como vocês podem acalantar as vossas dores e cismar no vosso sofrimento até que eles sejam multiplicados. Eu tive conhecimento de famílias inteiras que foram eliminadas pelo que é denominado tuberculose, uma suposta doença hereditária, quando era perpetuada pelo forte poder mental que a mãe gerava sobre os filhos, e um após o outro caíam vítima da doença mente assim como da física. Eu conheci outros casos, em que alguns membros da família foram separados dos outros e separados da influência psicológica, em que a doença não surgiu, ou se isso sucedeu, foi prontamente conquistado pelo poder da força da vontade.

Não há doença, meus caros amigos, a que o corpo humano esteja sujeito, que não seja receptiva ao poder de cura do espírito. Não existe, em verdade, nenhuma operação cirúrgica que não tenha lugar no domínio do poder espiritual, seja para superar a necessidade dela, seja para realizar a operação. Mas quando uma nação reza pela restauração da vida de um presidente, e confia essa vida ao processo de sondagem de vários médicos cegos que não conhecem, numa área de alguns centímetros, a localização do projétil, não é provável que a oração venha a ser eficaz.

Se vocês rezarem pelo dom da cura, peçam que desça da fonte da cura; se vocês confiarem na ciência, terminem com as vossas orações, por ser naquele que corta e retalha que vocês confiam, não naquele que cura. Se vocês estiverem para receber cura espiritual, quando os vossos filhos estiverem doente ou vós próprios, não corram para a primeira farmácia ou fármaco ou médico que encontrarem, mas confiem no poder em que vocês acreditam. Vocês não podem orar com o espírito e ao mesmo tempo violentar essa oração com o vosso corpo. Dois sistemas de prática diametralmente opostos um ao outro nunca podem curar o mundo.

Eu acuso os Espiritualistas de serem falsos para as suas profissões, quando, acreditando no dom da cura, eles permitem que o medo os influencie a correr para o médico mais próximo, enquanto têm o agente de cura à sua mão. Eu imputo-lhes o encorajamento das leis opressivas que estão agora em voga, mesmo no vosso próprio Estado, com referência ao tipo correcto de cura, quando vocês contratam um médico em quem vocês não acreditam, meramente através da nefasta influência do medo. Curem-se desse medo, e terão a cura nas vossas próprias mãos; curem-se dessa dependência dos fanáticos, e encontrarão a cura mesmo ao vosso lado.

Em última análise não existe panaceia alguma nos medicamentos minerais para nenhuma das doenças orgânica do organismo humano. Todas as partículas de droga construída a partir dos minerais são venenosas para a estrutura humana. Vocês não comem barro; vocês não permitem que a sujeira da terra os nutra e dê vitalidade; não existe qualquer vitalidade orgânica em qualquer medicamento mineral. Os medicamentos vegetais podem ser usados pontualmente, mas mesmo esses são de tal natureza que devem ser aplicados sob a instrução cuidadosa e vigilante do curador espiritual.

Mas principalmente, apenas e, fundamentalmente, não há maior poder na cura do que aquele que se encontra na faixa humana; e a vontade humana que, quando benigna, empresta o seu poder de uma forma alegre e animada à ala de enfermagem, é o mais importante agente vivificante e gerador de saúde que a humanidade pode possuir. A mão que a mãe tem sobre o filho, a preocupação da esposa com o marido, a hábil enfermeira que por todo o mundo acompanha o melhor médico, é a certificação da verdade do que digo.

Enquanto os milagres efectuados em todas as épocas, e os dons de cura que surgiram até mesmo por meio do embotamento e da esterilidade da teologia, provam-lhes que a fonte de cura e força deve situar-se dentro, e que vocês precisam voltar-se para esse manancial onde residem todos os agentes de vida antes que o agente da cura possa vir a vós.

Ó, procurem a fonte cristalina! Libertem-se da servidão do medo, e a criança que têm em vós poderá afastar a dor torturante pelo toque terno da mão delicada. Muitas vezes tivemos nós conhecimento de casos em que a criança mais frágil foi instrumento da cura mais maravilhosa. Antes que esta médium atingisse os doze anos de idade, ela foi escolhida entre outras da sua idade para curar os enfermos pela imposição das mãos. Nenhum conhecimento superficial da sua parte era necessário, nenhum treinamento externo. Mesmo operações cirúrgicas de tipos delicados podem ser preparadas com sucesso e realizadas por aqueles dotados do dom do espírito.

Encorajem esses dons; não os afastem das vossas portas pelos medos superficiais ou alguma adesão insignificante aos costumes. Que as escolas de medicina se vão com as antigas escolas de teologia que lhes fazem companhia. Que a vossa teologia, que engole no seu Geena as almas de criancinhas, se vá com o vosso sistema de medicina que também lhes destrói os corpos. Elas estão todas associadas à dispensação de Moisés; ditam: "Olho por olho e dente por dente."

Mas o verdadeiro curador está junto de vós, anunciado nos alvares da manhã e, eventualmente, em toda as vossas vidas vocês aplicarão a cura do espírito.

O DOM DA PROFECIA

"A outro é dado o dom da profecia pelo mesmo espírito."

Sem dúvida, entre os Hebreus, a palavra profecia era usada tanto para indicar discursos e ensinamentos inspirados como para a previsão de acontecimentos. Apenas recentemente o termo profecia passou a ser utilizado exclusivamente com referência à predição, à antevisão ou ao presságio do futuro. Toda a inspiração da Bíblia, ou qualquer outra manifestação do poder espiritual sob a forma de ensino, comunicação verbal ou palavra escrita, seria, sob o termo geral, considerada profecia, a efusão do espírito sobre o homem.

O dom distinto, contudo, de prever acontecimentos, ou de conhecer aquilo que parece estar velado no futuro, é evidentemente um dom do espírito; deve ter a sua origem na própria fonte do ser.

A existência material não é apenas destituída de profecia, como também, sem a intervenção da inteligência humana, não guarda registos do passado. A matéria, desprovida de espírito, é tão inconsciente do futuro e do passado quanto a concepção da mente pode perceber. A matéria vive apenas no presente. A matéria é do presente; não tem passado, porque não tem memória, nem inteligência; não tem futuro, porque não tem esperança; não pode aspirar, apenas sofre a ação daquilo que lhe é imposto; age conforme é afetada; e, portanto, embora com inteligência se possa prever a floração da flor a partir da semente ou a colheita a partir do plantio do grão, a matéria, por si só, é incapaz de expressar qualquer coisa que indique o futuro ou a reminiscência, a memória ou a esperança.

Por outras palavras, tudo o que existe no presente é material. O que existe como profecia e memória reside no espírito. Isto explica porque a matéria oculta cuidadosamente da vida comum não apenas toda reminiscência espiritual, mas também toda profecia. Eis a razão pela qual a humanidade segue no monótono ciclo das preocupações diárias, sem esperança, sem promessa, a menos que a natureza moral seja despertada e as aspirações espirituais sejam avivadas. Eis porque aquele que procura o imortal apenas através dos sentidos nunca poderá ter certeza, no dia seguinte, de que não foi enganado no dia anterior, pois os sentidos não registam na memória aquilo que se exige como evidência para os próprios sentidos. Assim como deveis alimentar-vos amanhã porque tereis fome; assim como os vossos corpos devem ser revestidos de novas vestes a cada estação; assim também o físico deve ser continuamente alimentado com provas, e os sentidos devem estar continuamente em atividade para não se tornarem letárgicos e perderem a capacidade de uso. Por conseguinte, o testemunho espiritual não pode vir pelos sentidos do homem.

Registai isto como um facto: nem nos tempos antigos os homens acreditaram apenas por "sinais e maravilhas", nem tal forma hoje a base da crença, pois os sentidos, mesmo que satisfeitos, estarão insatisfeitos amanhã, e no dia seguinte exigirão nova evidência. Mas basta conceder à mente uma única prova, e tereis uma profecia para a eternidade. Somente a mente humana é capaz de julgar a evidência, e é aí que reside a origem da profecia.

Não é mais difícil conceber a profecia como um dos atributos primários do espírito do que conceber a sensação como um atributo da matéria. Os olhos, o órgão da audição, o sentido do tato, tudo é construído em função da adaptação física. E aquele que desconhece a ciência da ótica sabe, contudo, que sem olhos não pode ver. Essa espécie de pré-consciência que existe no espírito é um dos atributos espirituais.

O facto de alguns homens e mulheres nascerem na vida material com o dom da profecia é uma prova segura de que, em algum lugar do reino do espírito, todos possuirão esse dom. Por outras palavras, não há futuro para a alma última.

Aquilo que mede o tempo como passado, presente e futuro deve ser um atributo da matéria; aquilo a que chamais presciência no sentido material é meramente conhecimento no espírito; aquilo que pensais necessitar de amanhã, do próximo ano ou de mil anos para se cumprir, já é uma realidade no

reino do espírito. Não há "olhar para o futuro" quando existe apenas um ponto absoluto a partir do qual todas as coisas são vistas; e o espírito, governado por leis materiais, pode bem considerar estranho que alguém seja capaz de dizer com certeza o que ocorrerá no próximo ano, em dez anos, em cem anos a partir de hoje.

Mas, se no reino do espírito não há anos, nem cem anos, mas tudo é agora, e aquilo que há de acontecer já existe, (e se existe no espírito, é mais real do que a sua expressão material,) então isso é simplesmente percepção, não profecia; não no sentido temporal, mas profecia no sentido de percepção espiritual.

Por exemplo, tendes um filho, e amanhã ou na próxima semana pretendeis enviá-lo para a universidade. Preparastes tudo, conheceis os vossos planos e, tanto quanto vos diz respeito, isso é um facto. Comunicai este facto a um amigo, e esse amigo diz ao vosso filho: "Eu sei o que o teu pai pretende fazer." Ele prediz com a certeza da informação que obteve de vós; e se o filho não tivesse como saber que tivestes tal conversa com o seu pai, isso seria, certamente, profecia.

Quem quer que saiba todas as coisas deve ser aquele que as concebeu. Embora os planos finitos dos homens frequentemente se realizem, no plano infinito não pode haver falha. A única dificuldade dos planos finitos é que nem sempre estão organizados em conformidade com o infinito; por isso podem falhar.

Mas o plano infinito não pode falhar; e a vida ou inteligência que entra em contacto com o universo absoluto deve conhecer todas as coisas que pertencem a esse reino absoluto, no que concerne à sua existência.

Nesse sentido, então, espíritos, anjos e mensageiros profetizam. Nesse sentido, os seres humanos são dotados do dom da profecia por meio da percepção espiritual, ou pelo despertar dessa faculdade no espírito, que percebe todas as coisas sem referência ao tempo.

"Então," diz o questionador, "isto deve despertar toda a cadeia de pensamentos e eventos relacionados com a predestinação, a pré-ordenação, o destino, a fatalidade."

De modo algum. Pré-ordenação é um termo teológico cunhado expressamente para indicar o destino das almas em relação à salvação; portanto, não temos nada a ver com esse termo.

Predestinação pertence à mesma categoria, sendo um princípio utilizado apenas teologicamente. Destino, esse aceitamos como palavra, pois inclui não apenas o que está fora de vós, mas também o que está dentro de vós.

Cada flor contém o seu próprio destino no germe que carrega. Os ventos, o sol, as leis químicas da terra são meros incidentes no desdobramento desse destino, e sem o germe não poderia haver lírio; sem a raiz, não poderia haver planta ou árvore. Portanto, o germe do vosso destino está dentro de vós; o impulso para crescer deve estar lá, e os ventos favoráveis, o sol e os atributos químicos do solo ao vosso redor são apenas os incidentes do vosso crescimento.

Destino não é tanto o que os homens fazem, mas o que eles são, pois o que eles são determina as suas ações. Assim, ao traçar espiritualmente uma vida humana, não é tanto o evento que é traçado, mas sim o facto de que aquilo que está dentro de vós já está gravado no vosso ser.

Um bom naturalista pode dizer, pelo germe ou embrião, que tipo de inseto, ave ou outra criatura emergirá desse germe; e sob as condições que se chamam incidentais, ele pode afirmar com certeza que determinados germes resultarão em certas formas de existência natural.

O espírito desperto, aquele habituado a perceber a natureza das coisas, pode declarar, pela percepção, o que está dentro de vós; pode saber o que está destinado a ser despertado e como se

manifestará; e, com a habilidade de um mecânico ou artesão que tempera o aço finamente trabalhado, pode prever como um evento após outro será necessário para trazer à tona os poderes do vosso ser.

Estas coisas não são fruto do acaso. As vidas individuais devem ser regidas, se é que são regidas, por leis que possam ser percebidas; apenas é necessário que essas leis e a capacidade de as perceber coexistam uma com a outra. Que essas leis existem, mesmo que não as perceba, deve ser tão evidente como o facto de o universo ser regido por leis antes de o homem ter conhecimento da astronomia, da química ou da geologia. Nenhuma ciência criou as leis que percebe. Uma profecia não é algo que cria o destino, mas sim algo que o percebe.

A atmosfera espiritual ou qualidade de inteligência que discerne o futuro é, portanto, uma qualidade pertencente exclusivamente ao reino do espírito; ao reino dentro de si, que é espiritual; ao reino no além, que é espiritual. E embora haja profecias que falhem, quanto mais o espírito se desenvolve para a condição absoluta do universo, mais correta se torna a profecia.

"Então," pergunta alguém, "porque não podemos ser guiados de forma a evitar erros, para que no próximo ano sejamos ricos e, no seguinte, sejamos grandes?"

Ah! Aqui reside o conhecimento do funcionamento da lei. Nenhuma força individual no universo (e quanto mais sábia for essa força, menos inclinada estará a antecipar a vossa história), nenhuma força individual pode privar-vos da vossa experiência. A vida que é antecipada não é a vida que é vivida. Podeis ser avisados, mas se não estiverdes preparados para atender ao aviso, seguireis cegamente o vosso caminho e só acordareis no dia seguinte para dizer: "Quem me dera ter dado ouvidos ao aviso do perigo." Mas não o fazeis até estardes prontos.

As profecias não são dadas para que os homens as sigam, mas para que se saiba que, no reino do espírito, no reino da alma, existe uma lei absoluta, que, se fordes sensíveis a ela, vos guiará moralmente, tal como as leis físicas do vosso ser, quando observadas, vos guiam fisicamente. Nenhum homem pode separar-se dessas forças inevitáveis e divinas; ele deve ser regido, em última instância, por aquilo que é absoluto e que molda o seu destino; não ao recusar-se a conformar-se a essas leis, mas sim ao conformar-se a elas.

A lei do seu ser é o reconhecimento de que o Infinito é igual ao todo, e que o homem é apenas uma das partes; que ele não pode ser igual ao todo e que, individualmente, só pode fazer aquilo para o qual, em relação ao todo, é, como indivíduo, capaz; além disso, ele não tem poder, nem regra, nem orientação, e deve conformar-se à lei que rege o todo, assim como, na matemática, a parte inferior, ou a unidade, deve ser subordinada ao todo ou à soma completa que é criada.

Com este pensamento na mente, podeis facilmente perceber como uma inteligência sábia e bondosa, que possui plena percepção do que é e do que há de vir, ainda assim vos ocultará esse conhecimento por razões óbvias.

Se for algo bom, não desejais que a sensação ou a surpresa vos seja retirada por uma revelação prévia. Se for algo doloroso, certamente não sereis preparados para isso ao viver cada dia antecipadamente a vossa dor. Quando uma grande tristeza chega (como inevitavelmente chegará), o espírito torna-se forte num instante; mas não se prepara um homem para uma longa jornada ao privá-lo de alimento e descanso antecipadamente. Mantemo-lo abrigado, fortalecido e nutrido até ao momento de partir, e então, com uma bênção de Deus, ele segue o seu caminho.

Nenhum espírito vos privará do vosso apoio moral nessa grande emergência ao prever um desastre, a menos que, em casos individuais, isso se torne necessário para ensinar uma grande lição a vós ou ao mundo.

Se a vossa natureza moral e espiritual estiver numa posição ou condição que exija uma previsão distinta, seja de adversidade ou de alegria—de alegria, para que possais ansiar por ela; de adversidade, para que saibais que há um poder que vos guia—então essa previsão será feita. Mas tende cuidado com aqueles mensageiros que, quando tentais espreitar o futuro, vos dizem, de forma ligeira, uma longa sucessão de eventos que nunca acontecem, nunca podem acontecer e que, mesmo que ocorressem, não teriam valor algum. Estas previsões não seriam feitas por um espírito sábio e benevolente.

As previsões distintas na história, que serviram para o crescimento espiritual da humanidade, ocorreram em casos marcantes da vida individual, onde a revelação e o propósito da profecia visavam operar maravilhas nessa vida, ou foram relacionadas com nações que, em sua corrupção e cegueira, recusaram perceber a lei da justiça e da liberdade humana. Os profetas ergueram-se nas alturas da observação e revelaram às nações o destino que lhes estava reservado. Mas, tal como na vida individual, raramente foram ouvidos; e devido à sua cegueira, essas previsões foram dadas como um farol de luz e orientação para outras nações. No entanto, quão raramente uma nação segue a orientação dos seus profetas—esses videntes e mestres que vivem além do seu tempo e expressam as maravilhas da nova luz e do novo amor.

Vede como, no vosso próprio país, a escravidão fincou as suas garras na Constituição, apesar dos avisos proféticos de Jefferson e Thomas Paine; vede como, na vossa própria terra, os arautos da liberdade lançaram o grito de alerta, e William Lloyd Garrison e os seus colaboradores profetizaram o fim inevitável que se aproximava porque a nação estava cega.

Vede como Israel, mil vezes castigada, ainda assim não deu ouvidos aos seus profetas, mas curvou-se perante os ídolos de Moloch e adorou no altar de Mammon. E, mais tarde, vede como Jerusalém, sob o olhar brando, mas penetrante, do Homem das Dores, recusou afastar-se da sua idolatria externa pelo poder; e Cristo disse: "Ó Jerusalém! Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha reúne os seus pintainhos debaixo das asas, e tu não quiseste!" Assim fala o profeta eternamente: "Quis guiar-te, mas tu não quiseste."

Esta vida humana rebelde, autoafirmativa, agressiva, deve passar pelo seu próprio conflito e luta antes que possa dar ouvidos aos profetas; e apenas no dia da aflição, da humilhação e da tristeza, o homem exterior aprende a escutar as lições do espírito.

Se cada um de vós tivesse dado ouvidos às advertências interiores—alguma voz que vos incitou, alguma luz que vos teria guiado—quantas tristezas poderiam ter sido evitadas? Mas esse mesmo "poderia ter sido" é o que cada um deve conquistar na sua vida ao aprender a obediência—obediência ao mais elevado dentro de si; não ao mais baixo.

Consultais os vossos sentidos, e eles podem levar-vos numa direção; consultais o orgulho, a sabedoria do mundo, o julgamento humano, e eles podem levar-vos noutra direção. Consultais o intelecto e, embora exaltado e refinado em comparação com os sentidos, ele ainda vos conduz por caminhos sofisticados, e encontrais-vos diante da barreira do materialismo e da aniquilação. Consultais as vossas intuições hoje aquilo que ontem desejáveis ter escutado; aquilo que este ano escutais, já no ano passado procurava guiar-vos.

Esta é a luz que brilha para sempre como um farol sobre as margens do tempo, e eis que nunca vos falha. Iluminando eternamente, esta radiação permanece a mesma; conhece os caminhos que a alma deve trilhar; conhece o destino que coroa a vossa linha de vida; conhece os poderes que estão ocultos dentro de vós, as alegrias e as tristezas que vos serão enviadas como bênçãos para vos conduzir e desenvolver corretamente.

Este véu do futuro, Napoleão tentou erguer quando, através da extraordinária vidente, Madame Le Normand, viu o destino de França; viu a sua própria glória e a sua própria queda; viu a vida da nobre mulher que amava ser destruída no altar da ambição, e a Nemesis da justiça e do destino levá-lo para o seu fim.

Tais vidas são escolhidas como exemplos para mostrar ao mundo que nem reis nem reinos estão isentos; e meteoros que brilham com poder por um instante no horizonte da terra ainda assim não podem moldar o destino das nações contra a lei da justiça e do direito, nem mesmo contra a lei do amor de uma mulher; pois quem rejeita um sentimento mais nobre por um mais vil deve inevitavelmente colher o resultado da sementeira que fez.

Portanto, quando a profecia é concedida a tais como estes, é para mostrar ao mundo que, em algum lugar do universo, tudo é lei, ordem, harmonia; que as aparentes discórdias e discrepâncias da terra estão, em algum ponto, em divina concordância; e embora uma mão infantil possa fazer um instrumento soar desafinado, o toque do mestre pode restaurar a harmonia, e tudo estará novamente em acordo.

A profecia é o dom mais divino que o mundo pode conhecer; por isso, é o mais velado, o mais mantido fora da vista. Apenas aqueles que são supremamente sábios são dotados deste dom; apenas aqueles que sabem usá-lo com cuidado e consideração podem possuí-lo com precisão. Os ineptos e imitadores, aqueles que podem pensar conscienciosamente que profetizam, ainda assim não têm permissão para o fazer, nem podem impiedosamente erguer o véu que vos separa do futuro, nem privar qualquer vida dos passos necessários que deve dar. É a experiência nascida das vossas próprias lutas interiores que se torna sabedoria e conhecimento; e embora os profetas possam conhecer o vosso futuro, nunca, nem sequer com um sussurro, vos tornarão mais fracos ou menos poderosos para enfrentar esse destino.

Os homens não podem ser sempre infantis; não podeis estar para sempre nos cueiros da infância. Deveis voltar-vos para as fontes de conhecimento que tendes. Se buscais as da terra, elas guiar-vos-ão; se buscais as do intelecto, também vos guiarão, é certo, mas com um passo fraco e incerto. Mas se buscais o conhecimento divino; se nascestes para a sua posse; se ele vem até vós após anos de luta, então vagueais pelos cumes das montanhas; estais acima da imoralidade; estais para além das vicissitudes; estais no meio das realidades da existência.

O que é revelado na superfície do tempo não passa da expressão, da forma mais externa de evidência no universo. Aquilo que os sentidos podem perceber é, naturalmente, o menos valioso para o espírito, e é a indicação tardia daquilo que o espírito já previu como demonstração; é o reconhecimento tardio da profecia, seja na ciência ou no espírito.

Herschel, com a visão matemática percebendo um planeta distante antes de poder demonstrá-lo aos seus pares; todos os profetas da ciência, armados para receber a nova verdade e prontos para a aceitar, enquanto o mundo os escarnecia; Galileu, com o veneno a infiltrar-se nas suas veias; Sócrates, pregando a vida imortal enquanto a luta mortal se travava no seu corpo; Leverrier, e uma vintena de outros, como sublimes profetas da ciência, marchando encosta acima nas suas próprias previsões, certos e seguros de que, um dia, os sentidos preguiçosos os seguiriam.

Assim, no reino do espírito, a verdade mantém domínio absoluto, e, às vezes, para guiar o homem, esta luz brilha através da inteligência exterior; esta indicação, como uma grande e orientadora luz, cintila diante de vós, e o marinheiro no mar da vida observa essa estrela-guia. Guiando e dirigindo sempre, podeis segui-la com segurança. Mas não podeis segui-la cegamente, não com credulidade, não com preguiça exterior, não com relutância em trabalhar e fazer a vossa parte. Apenas quando o trabalho é cumprido; apenas quando a tristeza foi experimentada e superada; apenas quando o espírito se mantém livre e puro, reconhecendo a orientação, é que essa orientação pode livremente vir até vós.

Ainda não estais prontos para que o maravilhoso reino do espírito derrame os seus tesouros sobre o mundo. Os homens são demasiado mercenários; buscariam a profecia por algum ganho material; mas, por isso, não se desviariam um só instante das suas ocupações diárias; procurariam o vidente para saber o que pode ser dito sobre a ganância, a bolsa de valores, a subida e queda da especulação aqui. Mas por tudo o que pode ser revelado dos tesouros do espírito, não atravessariam o limiar de uma única porta, nem dedicariam um único momento ao abandono do culto a Mammon.

Como podereis ser dignos das coisas maiores no reino do Pai, se, nestas coisas espirituais, sois tão indignos servidores? Como poderá a humanidade, com a sua cegueira e egoísmo, compreender as maravilhas do reino espiritual, quando apenas o orgulho e o amor exterior ao lucro guiam os vossos passos até ao altar?

"Buscai primeiro o Reino dos Céus e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas," disse o Mestre. Significa simplesmente isto: se estais no centro de uma esfera, podeis perceber as radiações em todas as direções; sois senhores da situação. Mas se estais apenas na circunferência, podeis não ser capazes de perceber mais do que uma das linhas de luz que levam ao centro. Um profeta é aquele que está no centro da roda; como aquele que tem o comando da arena, o seu olhar abarca tudo; cada poder lhe obedece; e com um olhar firme e distinto, como o antigo gladiador que podia subjugar as mais ferozes e selvagens forças brutas pelo poder da inteligência ou pela força do olhar, assim é o homem no centro desta grande roda do destino; ele é o mestre. Ele não é governado pelas circunstâncias, ele governa-as; ele não é guiado pelos eventos, ele molda-os; ele não é submisso às alegrias nem afetado pelas tristezas, pois está acima delas. Mas que vagueie pela roda caprichosa da fortuna, esperando que ela gire e lhe traga os seus tesouros à mão, e a caixa de Pandora não será mais desconcertante, pois ele esperará até ao último giro.

No centro, todas as coisas irradiam para ele; os poderes espirituais obedecem-lhe; ele é um com eles, e eles são um com ele. Mas, se permanecer fora, deve esperar que venham até ele, ou deve batalhar na escuridão desse mundo exterior que não percebe a luz.

Mas, por este dom divino da profecia, este poder presente nas vossas almas, podeis afastar o medo, a tristeza e o perigo. Ontem, talvez temêsseis a aproximação da morte; mas agora, quando o mensageiro silencioso está na vossa presença; quando os vossos entes queridos jazem diante de vós prostrados; quando o doce sono da morte selou os olhos, uma calma apodera-se de vós, não nascida do cérebro exterior, que não faz parte da natureza externa, mas sim do divino silêncio do espírito, como se o infinito vos tivesse falado a partir da sepultura escura e silenciosa, e dissesse: "Este é o meu reino."

Não podeis murmurar, não podeis queixar-vos; está acima de vós, e curvais-vos diante da maravilha desse Poder infinito. Então, com um toque silencioso, mas palpável, o anjo da profecia deslaca a visão do vosso espírito, e entrais no reino do além com os bem-aventurados mortos. Isto é profecia; é a abertura das fontes da vida quando o golpe da morte chega; é a cisão da costa rochosa do tempo quando as ondas da eternidade se aproximam; é a voz da profecia suplicando dentro da alma por aquilo que é mais forte do que a morte, mais forte do que a vida mortal—a infinita e eterna presença do Amor.

Não conseguimos compreender como mentes de inteligência comum podem acreditar que todo o reino físico está sob a influência da lei; que a causa e o efeito governam o átomo desde o seu primeiro princípio de vida orgânica até ao maior dos sóis do universo; que cada folha e cada lâmina de erva, e cada asa de inseto, estão sob o domínio de uma lei imutável, e ainda assim, quando entram no reino da mente e do espírito, lançam fora este pensamento e acreditam que o homem é uma vítima do acaso e das forças desgobernadas e ingovernáveis de qualquer mistério que possa levar para além deste árido e desolado vale de destinos.

Para nós, esta é a proposição mais absurda do universo: que a mente, superior a toda a matéria, que manifesta inteligência e que é a única parte do homem que pode, por qualquer possibilidade, sobreviver como individualidade à mudança chamada morte, não seja ainda assim governada. Sentir que estais a flutuar sem rumo sobre o mar da vida infinita, sem carta, sem bússola, sem leme, na cegueira do ateísmo.

Para nós, o universo é uma unidade e a matéria é a menor parte dessa unidade. Para nós, o homem é governado por uma lei imutável, mas está sob o domínio da parte mais pequena e fraca dessa lei. A parte maior é o universo moral que nos envolve e nos cerca; não apenas com relâmpagos de consciência; não apenas com uma espada como a de Miguel, suspensa sobre cada Jardim do Éden que

abandonais por paixão ou por orgulho exterior, mas amorosamente, divinamente e da maneira mais benigna e perfeita, o amor do Infinito a rodear-vos com um escudo divino para sempre.

Não sois como morcegos a esvoaçar em direção à luz que vos consumirá, nem como a mariposa imprudente a queimar as asas na sublime radiância do sol do esplendor que extinguirá a vossa luz; mas, ternamente, e por caminhos pelos quais precisais ser guiados, e por auxílios que vos fortalecerão sem vos enfraquecer, cada vida humana é conduzida, cada vida humana é mantida segura sob a guarda do Infinito. E assim como nenhum raio de luz passa do sol para a terra sem poder ser novamente traçado até esse sol, assim vós, sustentados por essas infinitas e inumeráveis linhas de luz, sois fortalecidos do alto e apoiados pela base pelo maravilhoso reino da profecia.

É o sopro do espírito; é a substância da alma; é o maná divino de que vos alimentais; essas fontes ocultas onde bebeis e saciais a sede do espírito, sem as quais as areias ardentes do tempo seriam insuportáveis, o deserto escuro da vida terrena nada vos daria, e sem as quais nenhuma alma teria consciência da vida imortal.

Sentir a certeza de que não estais sozinhos; lançar a vossa embarcação num mar eterno onde não podeis naufragar; ter a certeza de que tendes orientação; de que existem leis tão invariáveis como aquelas que governam o universo material e que moldam e regem o vosso destino, para as quais vos voltareis no final, tão inevitavelmente como a agulha da bússola se volta para o pólo, é uma fonte de grande força e consolação.

Tal é a única e simples proposição moral do universo: que, enquanto exteriormente tudo parece incerto, no espírito tudo é certo. Aqui tudo é dúvida e sombra; lá é luz. Aqui tudo é queixa e amargura; lá está a solução de tudo—o solvente divino do amor de Deus, que penetra a vossa fraqueza, preenche a vossa incompletude com a sua potência divina e faz com que o melhor que há dentro de vós triunfe para sempre.

Este é o Dom da Profecia.

O DOM DOS MILAGRES, POR UM ANTIGO TRABALHADOR DE MARAVILHAS

POR UM ANTIGO FAZEDOR DE MILAGRES

"A outro é dado o dom de operar milagres pelo mesmo espírito."

Não pode haver milagre maior do que a própria vida; as correntes perpétuas, sempre em movimento, sempre em mudança, e, no entanto, imutáveis da existência.

Mas aquilo que é habitual torna-se vulgar, e o homem esquece-se, na engrenagem da existência diária, do milagre dos raios do sol, da glória maravilhosa da luz, do esplendor e da potência da criação diária. Pois a criação não é aquilo que foi, mas aquilo que, perpetuado, é a passagem diante do vosso olhar das marés contínuas e sempre fluentes do ser, que hoje e amanhã realizarão os seus prodígios no universo visível, e continuarão a operar o milagre da existência para sempre.

Mas o homem esquece-se de que aquilo que é comum é igualmente maravilhoso. Que o ar que respira, o sol que brilha sobre ele, a estrutura corporal que habita, são continuamente um milagre de existência.

É costume que a mente científica suponha que algures ou de alguma forma, por algum processo inato na natureza, o universo foi posto em movimento, e que esse movimento e essa ordem de existência inatos no universo continuam a perpetuar-se de acordo com certas leis, formuladas por ninguém, criadas por ninguém, moldadas por ninguém, mas que, não obstante, são todo-poderosas na sua

existência; manifestando inteligência sem inteligência; realizando aquilo que é a potência efetiva da compreensão real sem compreensão; fazendo cegamente aquilo que o homem procura conscientemente realizar. Esta é a afirmação do Materialista.

Para nós, é a produção mais cega, mais fraca, mais imbecil da fraqueza humana. Para nós, é a negação daquilo que no homem continuamente e para sempre protesta contra ela; a ação consciente da vontade humana, a descoberta consciente, pela inteligência, das leis que governam o universo de forma compreensível.

Por isso, repetimos: o milagre maravilhoso e perpétuo do universo é a vida. Mas a classe de milagres de que trataremos neste discurso deve pertencer a uma categoria diferente.

As chamadas leis habituais da natureza — ou seja, as leis que, uma vez postas em movimento, parecem governar o universo material visível e invisível — são, no seu curso, a menos que sejam interrompidas por outras leis, imutáveis.

O mundo da matéria parece ter sido posto em movimento e leva a cabo o seu resultado ou a sua intenção de vida genérica, de ser orgânico, sem intervenção aparente. A ênfase é dada à palavra "aparente" pelo que se seguirá, mas o mundo parece mover-se no seu curso normal sem intervenção de qualquer fonte.

Se alguém observasse o funcionamento constante de um motor a vapor e não conseguisse descobrir onde está o engenheiro, poderia concluir que, uma vez posto em movimento, o motor a vapor seria capaz de continuar o seu trabalho sozinho. Mas todos os que são bem informados sabem que, embora oculto da vista, há uma mente hábil e vigilante empregada para constantemente supervisionar, regular e operar o motor, sem a qual ele não poderia realizar qualquer trabalho inteligente.

Ainda assim, a humanidade, apesar desta observação, ao assistir aos resultados visíveis do universo, mantém que ele é capaz de se mover sozinho, e, nas palavras de um eminente descrente dos tempos modernos, declara que "não há necessidade de um Deus em parte alguma". Certamente que não, se o Infinito for medido pela compreensão finita; certamente que não, se a necessidade tiver de ser encontrada dentro da observação visível do homem, especialmente quando o universo já existente e um Deus já presente realizam o trabalho que a mente finita apenas debilmente observa.

Mas milagre, no sentido especial do nosso presente discurso, é aquilo que, sem aparente concordância com as leis visíveis do universo, efetivamente as suspende, as controla, age aparentemente em desacordo com elas, e intervém entre a lei mundana visível do universo e o homem; mostrando a existência de outro conjunto de leis em algum lugar, outro poder que o homem não descobriu através dos seus sentidos — uma esfera supramundana, uma existência sobrenatural. Os milagres, portanto, não são apenas próprios como expressão das maravilhas dos tempos passados, mas a própria palavra é a única que pode expressar adequadamente aquilo que se passa em conexão com as esferas espirituais e ocultas do universo, não denominadas pela lei natural.

Há muitos Espiritualistas, entendemos, que se opõem à palavra "milagre", como se fosse algo impossível; contudo, no seu sentido genérico, não tem outro significado senão a realização de prodígios. Certamente ninguém negará isto, mesmo nos poderosos processos da natureza; muito menos naquilo que pertence à natureza do espiritual.

Há quem diga: "Mas não pode haver nada além da natureza."

Perdoai-me; a natureza é apenas o sinal visível e a vestimenta do espírito invisível do universo; a natureza é apenas a expressão exterior de que a alma é suprassensível e sobrenatural. Por isso escolhemos usar não apenas o termo milagre, mas também supramundano e sobrenatural, como os únicos termos que podem descrever aquilo que ocorre em conexão com o espírito do homem e o espírito de Deus e dos Seus anjos.

Ao longo de toda a história humana, a realização de prodígios tem sido um dos dons acreditados aos profetas de Deus. Quer seja nas longínquas Índias, sob o poder e domínio da luz maravilhosa do sol, ou do simbolismo sagrado do fogo; quer seja o Fakir a realizar os seus prodígios ou dons do divino Alá; quer seja o seguidor de Maomé a realizar os seus dons com o consentimento do Profeta; ou quer seja sob a lei hebraica, quando o Infinito operou maravilhas e trouxe os filhos de Israel para fora do Egito; ou sob o domínio de Cristo e pela concessão dos Seus dons, ainda assim os milagres foram realizados e acreditados, e pertencem aos registos sagrados de todas as nações.

Aquilo que o espírito faz sob o domínio do poder espiritual é a realização de milagres. Aquilo que intervém e intercede entre o homem e o funcionamento normal das leis mundanas ou naturais, seja na interrupção da doença, seja na interrupção da decadência ou decomposição, seja na suspensão das leis habituais da gravidade ou da coesão da matéria, separando substâncias ou reunindo-as; seja no surgimento de formas do que parece ser ar vazio, com toda a visibilidade e tangibilidade, e na sua dispersão posterior; ou seja, em qualquer instância, na suspensão de qualquer uma das correntes habituais da lei natural por forças inteligentes e positivas — isto é milagre, e este tem sido o dom de muitas eras.

Toda a história humana regista evidências deste dom e deste poder, e não pertencendo a qualquer classe de pessoas que possa ser dominada por métodos naturais; concedido apenas àqueles que o próprio poder busca. Não conferido por mérito ou demérito; não resultante de posição, de lugar ou de poder; não resultante de qualquer sistema de educação; ainda assim, de certa forma, tem sido perpetuado sobre a terra.

Na Igreja Cristã, sob uma espécie de sucessão apostólica, na Igreja Hebraica, de acordo com a linhagem dos profetas, há aqueles que são publicamente dotados com o dom do espírito por descendência hereditária.

Nas Índias, através de severa ascese, certas ordens de Irmandade têm existido, cultivando os dons espirituais ao recusarem aquilo que alimentaria os sentidos, e ao voltarem a sua atenção para a parte espiritual em vez da material do homem. Sem dúvida, muito deste retiro, severidade e ascetismo de vida trouxe ideias forçadas e totalmente distorcidas do que queremos dizer com "a realização de milagres". Mas é certo que, onde os seres humanos se encontram numa condição peculiar, seja esta provocada por estados anormais ou pelo resultado de uma influência espiritual distinta, o poder de realizar prodígios manifesta-se no Oriente.

Era costume, primeiro, que o poder se manifestasse sob a forma de cura, de movimento de objectos sem contacto físico e da realização dos vários prodígios que agora são acreditados. Depois, o possuidor destes dons era entregue à Irmandade, que tinha autoridade sobre todos aqueles dotados com o dom do espírito, e os caminhos da vida traçados para eles eram seguidos rigorosamente. Acreditava-se que aqueles destinados a operar prodígios não deveriam seguir nenhuma ocupação comum, não deveriam envolver-se no comércio, nem de forma alguma permitir que o dom fosse perturbado pelos afazeres habituais da vida, devendo separar-se, tanto quanto possível, do contacto corporal e dos desejos, ou de tudo o que no corpo pudesse prejudicar a beleza e a precisão desse dom. Isto era tanto mais desejável porque, naquelas épocas, a liberdade de opinião ou o reconhecimento distinto do dom só eram possíveis sob a aceitação explícita e reconhecida das ordens da Irmandade.

A Irmandade abrangia, em muitos países do Oriente, indivíduos de vários graus, como sacerdotes ou oráculos que presidiam nos templos; e muito raramente alguém poderia ser iniciado como sacerdote ou oficiante sagrado em qualquer capacidade sem estar dotado de alguns dos dons do espírito.

Os operadores de prodígios do Oriente podem ser divididos em duas classes: aqueles que possuíam os dons do espírito e, por meio desses dons, realizavam os prodígios fora das ordens sagradas; e os feiticeiros ou imitadores que, tal como hoje, não possuindo o dom do espírito, alegavam realizar as

mesmas coisas através da feitiçaria ou da ilusão. Assim era em Israel. Certas ordens de feitiçaria eram proibidas, mas existiam dons espirituais distintos que eram reconhecidos.

No Egito, havia os adoradores no verdadeiro santuário de Osíris e Ísis, enquanto outros veneravam apenas o símbolo; e a Serpente de Bronze não era senão a imitação visível da serpente da vida e do fogo que circundava os templos egípcios. Dentro desses templos, ninguém que não tivesse dons espirituais poderia presidir; dentro desses templos, ninguém que não fosse dotado por Jeová poderia officiar. Mas, no exterior, nas diferentes escolas de filosofia e seguindo a imitação que pertence à humanidade em todas as épocas, havia aqueles que operavam milagres enganando os sentidos, tal como os ilusionistas de hoje — esses artistas meticulosos e habilidosos que, ao iludir os sentidos, parecem imitar o genuíno dom do espírito.

Mas diferem tanto quanto a flor artificial difere da flor viva que espalha a sua fragrância em redor; tanto quanto a estátua esculpida difere do homem vivo; tanto quanto a palavra superficialmente proferida apenas por convenção difere da palavra de verdade transmitida do coração e da vida do homem.

Lado a lado, o falso e o verdadeiro foram transmitidos na história humana até vós. Mas há aqueles na Cristandade que negam ao Oriente qualquer manifestação real de milagres; que negam que na Índia, na Pérsia, na Assíria ou em qualquer nação remota da antiguidade, estes prodígios tenham sido realizados; que em Judeia existiam evidências do poder de Jeová; mas reservam para os filhos de Israel e para a dispensação cristã todas as provas da realização de milagres.

Mas esta negação é infundada. Se nos reinos longínquos do Oriente não houvesse operadores de prodígios, quem descobriu a presença da Estrela de Belém quando Jesus nasceu? Se não houvesse operadores de prodígios, como foi possível que do Oriente tenham vindo sábios para adorar no santuário do humilde e manso Nazareno? Quem lhe concedeu a maravilhosa constelação e os sinais das ordens sagradas do Oriente?

E quem, através de todo o Antigo Testamento e mesmo no Egito, deu a Moisés e a Aarão os símbolos do Altíssimo Jeová retirados dos templos egípcios? E como foi que, em todo o registo dos Filhos de Israel, estes dois poderes — o espiritual, que era genuíno no Oriente, e o que era falso entre os Filhos de Israel — parecem estar em perpétuo conflito, se não existisse qualquer outro reconhecimento da Divindade fora daqueles que supostamente tinham a exclusividade do pensamento e da revelação do Deus Altíssimo?

Porque foi que a palavra Jeová foi retirada dos templos egípcios, cujo significado era apenas conhecido pelos iniciados nos mistérios mais sagrados da ordem do Egito — o futuro, o presente e o passado, o único Deus infinito? E porque foi que essa palavra nunca foi usada pelos Filhos de Israel até depois da sua servidão no Egito? Porque foi que todos os símbolos usados por Moisés, após libertar os Filhos de Israel da servidão, eram os símbolos das ordens sagradas do Egito, em vez dos de Abraão? E porque foi que, na altura do nascimento de Cristo, o único símbolo usado para designar a sua vinda era aquele que só era conhecido na Pérsia e que, através da Pérsia, tinha sido anteriormente conhecido no Egito? Essa estrela constituía o símbolo sagrado do Oriente, e não dos Filhos de Israel.

E porque foi que todos esses símbolos, bem como esses termos, não só foram usados para anunciar a vinda de Cristo, mas foram a indicação aceita da sua missão no Oriente?

Negar os milagres do Oriente e usar os símbolos que lá eram sagrados; recusar-se a aceitar a manifestação do espírito de Deus antes de os Filhos de Israel terem conhecimento do nome de Jeová, e ainda assim apropriar-se desse nome como símbolo da sua presença no templo de Jerusalém; aceitar os sinónimos externos da presença do poder de Deus e recusar-se a acreditar que Deus falou no longínquo Oriente antes de o Filho do Homem vir à terra, é certamente uma das muitas contradições da teologia cristã.

Chamar "pagãos" ao Egito, à Pérsia e à Índia — povos dos quais o Cristianismo descende e dos quais recebeu diretamente, assim como o Espiritualismo, os seus símbolos mais sublimes e divinos — é o mesmo que chamar pagã à própria Cristandade. Pois em nenhuma parte da terra são adorados os símbolos do sol, do fogo ou de qualquer elemento da terra ou do ar senão como símbolos. Em nenhuma parte da terra são mais idolatradas as expressões usadas para indicar o significado e o termo do espírito do que na Cristandade o é o símbolo da Cruz.

Deveremos chamar-vos idólatras porque tendes apenas formas para expressar o vosso pensamento? Deveremos chamar-vos pagãos porque tendes formas com que expressais o vosso louvor?

Lá longe, na Índia, neste dia, há aqueles que, através do jejum, da oração e dos dons do espírito, curam os doentes, expulsam o mal e operam prodígios diariamente, desconhecidos nesta terra cristã; e vós chamais-lhes pagãos!

Lá longe, na Índia, neste instante, há aqueles que comunicam com os anjos de Deus em templos sagrados e recônditos. Há aqueles que percorrem a terra curando os enfermos e fazendo o bem, na presença dos quais as flores surgem como por magia e os germes frutificam no espaço de uma hora. Ainda assim, na Cristandade, entre aqueles que seguem as pegadas de Jesus, ou dizem fazê-lo, há a negação da possibilidade dessas coisas.

Hoje, lá longe, na Índia, há aqueles que, neste mesmo minuto, oferecem as suas vidas ao Espírito Infinito e vertem as suas palavras e ações sobre o mundo em prova desse poder.

Hoje, a civilização coloca-vos face a face, não apenas com o budista, que, na sua fé simples, se abstém de alimentos que julga diminuir os poderes do espírito, mas também com outros que deixam a sagrada impressão nas suas palavras e obras.

O dom dos milagres, portanto, não é apenas possível pela história, mas também pela atestação presente. Viajantes que regressam do Extremo Oriente dão testemunho disso, a menos que, por preconceito teológico, se recusem a confirmar aquilo de que têm evidências; mas outros, de visão mais ampla e mais generosa, voltam e dizem: "Eu vi estas mesmas maravilhas em terras estrangeiras; eu vi estas mesmas manifestações entre os Fakires; sei que são verdadeiras porque cercam a terra com as evidências da luz."

O que é um milagre? Se, na vossa presença, ocorre uma manifestação inteligente, independentemente de organismos humanos, isso é milagroso. Se qualquer coisa que possais contar, qualquer coisa que possais ler, qualquer coisa que possais ouvir, como música, traz evidência de inteligência e de lei, seja qual for a sua expressão através de um objeto insensível—isso é um milagre.

Se uma doença é removida sem qualquer causa visível, e se, por exemplo, a vossa presença ou o vosso toque traz saúde a um indivíduo sofredor que havia sido declarado incurável, e realizais a cura sem qualquer dos habituais recursos da medicina, isso é um milagre.

Atribuí-lo ao Mesmerismo não altera o facto; atribuí-lo à Psicologia, o facto permanece; dizer que alguém pode ser curado pelo efeito da pura imaginação é dar à imaginação uma significação que a *Materia Medica* faria bem em emular, pois o domínio da imaginação é, de todos os domínios, o domínio do milagre, e é aquela faculdade da mente humana que vos coloca em comunicação com o divino.

Se, portanto, este dom da cura entra na vida humana e regula, através do ajustamento, as funções vitais, isso prova não apenas que existe um poder fora da suposta capacidade dos remédios curativos, mas que esse poder é mais potente, mais poderoso, mais palpável do que todos os remédios juntos. Este dom da cura, sendo, portanto, milagroso, espiritual, pertencente a uma ordem que não pode ser formulada nem declarada, é concedido espontaneamente; um dom distinto e um poder que, em si, sobrepõe-se a três dos processos distintos da natureza, a saber: o processo da doença, o gradual declínio e o gradual ascendente processo inerente à recuperação da doença.

Estes milagres, como o desaparecimento de certas formas visíveis para a invisibilidade; estes milagres, como o aparecimento de formas da invisibilidade para a visibilidade; estes milagres, como a elevação de objectos, superando a lei da gravidade por um poder inteligente que não é conhecido em nenhuma das forças mecânicas da Terra; estes milagres, como a separação de corpos e o seu reajustamento—todos provam um poder independente do funcionamento habitual da natureza, que, quando permitido ou quando necessário, pode ser exercido em conexão com o homem para revelar a natureza do espírito. E o facto de estas coisas ocorrerem hoje, e serem negadas à antiguidade e a outros países, prova o alcance limitado da mente que as observa.

Que elas ocorrem hoje não é o nosso objectivo provar nesta ocasião, uma vez que as provas da sua existência já se encontram no mundo. Mas quando o Sr. Zollner e quatro dos seus colegas cientistas declaram ter visto uma simples mesa desaparecer numa sala cuidadosamente trancada, selada e lacrada, e depois reaparecer diante dos seus olhos, apenas atestam aquilo que todas as mentes inteligentes lhes darão crédito por testemunharem. Quando o Sr. Zollner se dispõe a mostrar um cordão contínuo que ele próprio havia preparado e colocado na perna de uma mesa em circunstâncias impossíveis, apenas demonstra aquilo que todo o mundo aceitará, desde que possua a habitual equidade da humanidade. E quando ele mostra um nó atado por algum poder num cordão contínuo que não foi desatado nem partido por nenhum dos processos conhecidos da ciência, simplesmente demonstra que, por um poder diferente de qualquer mente ligada à matéria orgânica, esse nó foi atado na corda. Ali está ele, para todos verem, aqueles que quiserem ver. Mas ainda assim dizem-nos que o dia dos milagres passou, e que isto resulta de ilusão e credulidade.

O poder do espírito sobre a matéria é um poder que não apenas torna possível a desintegração e reorganização, mas também põe de lado todos os processos ordinários de coesão e adesão de partículas, bem como as várias leis de atração que governam átomos e corpos na sua relação uns com os outros. E este poder espiritual, descendo ao século XIX—não dos Fakires da Índia, não das remotas regiões da terra, mas nascido aqui no meio do século XIX, quando cada vida é uma vida de utilidade, e quando o homem não atribui nem ao ontem nem ao amanhã o crédito por nada—prova ainda mais conclusivamente o milagre e a maravilha da sua existência.

O facto de que hoje, sentados nos vossos lugares, acreditais no dom da cura, no operar de maravilhas, na aproximação visível de formas espirituais, no poder dos espíritos para vos guiar e orientar, atribuindo a essa fonte supramundana os acontecimentos que a ela pertencem; e, ao mesmo tempo, estando activos e conscientes nas vossas tarefas diárias, não atribuindo ao material aquilo que não lhe pertence, nem ao espiritual aquilo que não lhe cabe; e separando, pela vossa existência consciente, o espiritual do material, o supramundano do mundano—este facto prova ainda mais a maravilha da sua chegada.

O milagre que vos rodeia para sempre, o sopro que está no vosso próprio corpo, os pulsos da vida que obedecem à vossa vontade, a resposta do corpo ao espírito—isto é frequentemente ignorado.

Mas, assim como este poder externo e superior penetra no invólucro da existência diária, uma força consciente ergue a vossa mão, faz-vos escrever, faz-vos tocar música, faz-vos realizar a obra do artista, ou pronunciar a palavra de sabedoria, ou de eloquência, ou de profecia—assim como esse poder vem, também virá gradualmente e conscientemente, a partir dos movimentos invisíveis do universo, das trevas e majestade do Pai, das maravilhas do Seu reino espiritual, tal triunfo sobre a Terra, tal triunfo sobre a matéria que vos aprisiona, que vos ergueis em maravilha, em majestade e em força.

Não mais acreditareis que é uma fábula que os deuses caminham sobre a terra com os homens, ou que os anjos conversam com os seres humanos em formas visíveis; mas, atraídos para cima e para diante pela majestade e magia desta maravilhosa lei, todas as portas se abrirão ao vosso comando, todos os templos revelarão os seus tesouros; até mesmo o poderoso e antigo Egipto vos revelará as suas maravilhas a partir dos mistérios do espírito, e, para além das trevas e do tempo, e para além das

ordens e escolas da ciência, nascerão na Terra aqueles que operam os prodígios do espírito por dons e poderes não associados à época em que viveis.

Aqueles que não desejam medir a alma ou as suas qualidades pelas regras estreitas da matemática ou da química terrestre, mas que antes querem nascer na alquimia do espírito, nos seus prodígios subteis, descobrirão que o espírito é o solvente de todos os mistérios; que além da matemática, além da química, superior à astronomia, existe o dom divino da percepção, da visão da vida das coisas: e compreenderão que a alma do homem é o centro, e o universo visível é apenas a circunferência da vida, e que todos os poderes investidos no homem vêm de dentro.

Assim como governais, de forma débil, a vossa vida quotidiana, como aspirais de maneira frágil ao simples governo de um pequeno reino, mas ainda não governastes a casa em que habitais, um dia a artéria, a veia, o nervo, a fibra e o músculo, e toda a anatomia estarão sob o comando dessa vontade que já agora pode empalidecer o rosto, dar relâmpagos ao olhar e animar a forma com a grandeza de um deus.

Mais mil anos, e a Terra jazerá aos pés do homem, subjugada, dominada, triunfada pelo milagre da inteligência que está dentro de vós.

Mais um milhão de anos, e a Terra gerará uma raça de semideuses, em vez de frágeis criaturas rastejantes que hesitam no seu caminho.

Mais um e outro ciclo, e, da majestade do triunfo do tempo, o homem medirá a obra dos anjos ao guiarem e moverem os mundos nos seus lugares, e ao insuflarem inteligência na vida aparentemente inanimada, até que esta se torne procriadora da existência.

E quando esses atributos que agora dormem em vós tiverem produzido mais do que hoje podeis imaginar, ainda assim tereis abarcado apenas a menor porção desse milagre da vida, que é eterno.

Negar milagres é negar a inteligência, o amor, a verdade, o conhecimento e tudo o que há no universo.

E, no entanto, o verme que rasteja dirá: "O homem pode pensar e sonhar tudo isto, mas é apenas acaso."

Ó Inteligência Infinita que abarca o finito! Que milagrosamente, a cada dia e a cada hora, respira sobre todas as coisas a sua tarefa designada, a vós é dado o atributo divino de assistir às eras; de conhecer o poder criador; de compreender que os átomos são apenas a expressão da Vida Infinita; enquanto as almas são o grande triunfo do milagre eterno do ser.

O DOM DO CONHECIMENTO

"A outro, o dom do conhecimento pelo mesmo espírito."

O materialista, o agnóstico, o secularista dir-vos-ão que não há um caminho real para o conhecimento. Dirão que cada passo dado no campo da ciência, do saber, do intelecto, deve ser percorrido através do caminho lento e árduo da instrução didática; que o homem nada sabe exceto aquilo que lhe é ensinado, e que deve ser ensinado a partir do exterior; que o cérebro recebe impressões, não do interior, mas do exterior, e que todo o reino do conhecimento se limita aos sentidos do homem. Não é assim! Mesmo o metafísico declara a existência de um conhecimento a priori, seja ele próprio do átomo ou do espírito; e aquele maravilhoso filósofo alemão que, ao refutar a imortalidade, claramente a provou, Kant, declara distintamente que certos tipos de conhecimento são a priori aos sentidos.

Alguns homens nascem com conhecimento e percepção do conhecimento que outros, mesmo com toda a escolaridade das universidades, nunca poderão alcançar. Alguns possuem o génio do conhecimento —

sabem as coisas sem as estudar, percebem-nas; e assim como um tem o dom da música, outro da poesia, outro da arte, há aqueles que possuem o dom do conhecimento. Perguntai-lhes sobre os assuntos do Estado, e eles são profetas políticos; perguntai-lhes sobre acontecimentos do passado, e possuem a abrangência que lhes permite saber o que a História, talvez, apenas registou de forma vaga. A isto pode chamar-se o génio do conhecimento.

Mas há outro dom do conhecimento, distinto deste e independente do ensino das escolas. Quando uma criança, que não manifesta qualquer superioridade especial de dom ou génio em nenhuma direção, é levada a proferir factos desconhecidos para si, a falar uma língua que lhe é estranha, a construir frases gramaticais nunca estudadas, a articular períodos retóricos que não resultam de cultura, a declarar factos históricos que não poderiam ter sido obtidos senão pelo estudo ou instrução — aí há uma prova evidente do dom do conhecimento.

Existem apenas duas fontes de conhecimento no universo. Uma é a da mente encarnada — a mente do homem na forma humana — e a outra é a mente desencarnada: espírito, anjo ou Deus. Portanto, quando é proferido um conhecimento que não era conhecido pelo indivíduo encarnado, há uma prova de inspiração — o dom do conhecimento. Este dom é tão evidente que não pode ser confundido. Apresenta-se de forma tão palpável que não pode ser confundido nem com a intuição, da qual já falámos, nem com o génio, que lhe é quase semelhante, nem com qualquer outra fase ou forma de poder mental ou moral.

É, por outras palavras, a infusão, num cérebro recetivo, não apenas de pensamentos, ideias e princípios, mas de factos. Este dom do conhecimento talvez não pareça tão maravilhoso aos que buscam o espanto, talvez não apele tanto aos sentidos como o dom dos milagres de que falámos, talvez não seja tão cativante como o dom de prever acontecimentos, e talvez não pareça tão filantrópico e benéfico como o dom da cura; mas o que pode haver de maior do que o conhecimento, senão a sabedoria? O que pode haver de maior do que a sabedoria, senão o Amor inefável que tudo abrange e tudo envolve?

Se a ignorância é a causa do pecado, então o conhecimento deve ser o seu antídoto. Se a ignorância é a enfermidade universal do mundo, e se desfazer a ignorância é trazer a cura para todos os males morais e espirituais, então o que pode superar este maravilhoso dom do conhecimento? É um facto singular, contudo, que, como todos os dons espirituais, este dom do conhecimento é contido por um motivo superior. Não se manifesta apenas para satisfazer o ginasta intelectual, que o queira pôr à prova, assim como os milagres de Cristo, ou do mediunidade moderna, ou qualquer dom do espírito, não ocorrem por capricho do curioso.

O dom do conhecimento manifesta-se ao seu modo, fala a sua língua no seu próprio tempo e lugar escolhido; surge pelos lábios da criança, do ancião, da mulher simples, conforme determina, não conforme vós determinareis. Podeis invocá-lo, e ele não aparecerá; quando não o esperais, ele virá. A maior parte dos oradores inspirados da atualidade podem ser distintamente considerados como dotados deste dom do conhecimento.

A maioria daqueles que foram desenvolvidos como mestres das verdades espirituais, no sentido moderno do termo, foram dotados pelo espírito e não pelo ponto de vista material. E embora muitos tenham amadurecido no Espiritualismo pelos caminhos bem trilhados das universidades teológicas, o conhecimento que nasce do dom espiritual tem surgido geralmente a crianças, jovens e mulheres sem treino nas escolas do saber, sem qualquer educação sistemática e sem qualquer cultura proporcionada por essas escolas.

Não costumamos falar de pessoas; mas o médium que está diante de vós, e a irmã médium [Sra. E. L. Watson - Rep.] para quem foi dada uma receção na noite passada, bem como o Sr. Colville, a Sra. Nellie Brigham, e uma vintena dos vossos melhores oradores e mestres na tribuna espiritualista, são aqueles a quem não foi dada outra formação senão aquela que o mundo espiritual lhes concedeu. Factos conhecidos da História, e talvez desconhecidos até serem declarados pelos seus lábios;

ciência material não ensinada por qualquer instrução externa; a percepção de verdades ou princípios no universo que lhes eram completamente alheios; efeitos retóricos não resultantes de cultura, eloquência na elocução e os detalhes da oratória pública — tudo isso é resultado do dom do conhecimento transmitido por inteligências invisíveis, mas palpáveis; conhecimento que é sabido no espírito e se torna conhecimento dos que o ignoravam, sem qualquer sistema de estudo.

Quando Andrew Jackson Davis era jovem — antes que a palavra mediunidade parecesse tornar-se-lhe odiosa — os seus poderes de conhecimento derivavam da mesma fonte, a fonte da inspiração. Não era o seu espírito que subia às colinas do conhecimento para agarrar os factos, mas aqueles que habitavam nas alturas sublimes do saber espiritual que lhe transmitiam esses factos ao cérebro. Hoje, infelizmente, há muitos no Espiritualismo que, tendo obtido uma pequena porção de conhecimento, gostariam de negar a fonte de onde veio, e dizem: "Sou igual a qualquer espírito; porque não haveria eu de saber estas coisas?"

Podeis ser iguais a um espírito, mas não sois iguais a todos os espíritos. A diferença entre o conhecimento de um homem — que, certamente, lhe pertence, e ele tem o direito de o expressar — e o conhecimento recebido pelo dom do conhecimento, é que, se fechardes a porta da vossa mente ao saber maior, limitando-vos pelo egoísmo e orgulho, essa casa estreita do saber será o vosso único limite; mas no reino do conhecimento, a maior posse é a vossa receptividade ao saber de todas as inteligências que o possuem.

Não desprezeis o dom porque, em vez de ser resultado da busca pessoal, é uma dádiva. Nos tempos antigos, apenas o conhecimento nascido deste dom era valioso. O conhecimento das escolas era meramente externo. O operador de maravilhas exterior era demasiado superficial; mas aquele que possuía o dom do espírito, cujo conhecimento provinha de dentro, era reverenciado como autoridade; era considerado definitivo.

Na Pérsia, na Índia, entre nações que se voltavam para oráculos e místicos, possuindo estes os dons do espírito, era esse o único poder que governava e realizava a obra do espírito no meio deles. Quando Licurgo, determinado a prestar ao seu país o maior favor possível, partiu, tendo elaborado leis que considerava as mais benéficas para o bem-estar do povo, consultou os oráculos, e ali o dom do conhecimento foi indicado em obediência ao mandato do oráculo. Ele deixou a sua terra natal, legando a herança da justiça e de leis benéficas.

Se tivesse podido deixar também o dom do conhecimento; se tivesse podido conceder ao seu sucessor o mesmo poder que ele próprio consultara, indubitavelmente aquela terra, a mais grandiosa de toda a história nos caminhos da moral, teria preservado as suas leis de forma inviolável.

Mas a natureza humana não pode elevar-se acima do nível da sua inspiração e crescimento e, portanto, por mais maravilhosa que seja a lei, até que se alcance a altura média da sua posse, é impossível ali habitar.

Mas alguém dirá: "Desprezais o ensino das escolas? Não é bom que tenhamos educação?" Não duvidamos de que todas as fontes do conhecimento humano, ainda que se abram por caminhos tortuosos, ainda que vagueiem por trilhos intrincados, ainda que sejam tão mutáveis como as areias da praia, ainda que o conhecimento que hoje é definitivo seja amanhã ultrapassado, constituem, contudo, o percurso inevitável da experiência humana. Mas não digais, portanto, quando um poder superior irrompe na vida humana, mostrando um método melhor e diferente, que isso é impossível.

O facto fala por si mesmo: a intuição é mais forte do que a razão; a luz deste conhecimento que nasce do espírito suplanta a luz do conhecimento que nasce do intelecto, tal como a visão do homem supera o sentido embotado do tato.

É o sopro vivificante. E não duvidamos de que, se as escolas e universidades de ensino (cujo moinho de inteligência diária desgasta as arestas da inspiração humana) soubessem que é a intuição, afinal, que faz brotar a fonte do conhecimento, haveria menos torpor no mundo e mais verdadeira inspiração.

As escolas e universidades de teologia ensinaram a humanidade que não há religião. Passo a passo, desde o início da era cristã até ao presente, tem sido o resultado inevitável das instituições teológicas desgastar o fio da inspiração sobre a pedra de amolar do intelecto. E desse labirinto cansativo e desse processo de formulação intelectual surgiu o epitáfio da descrença intelectual no século XIX.

Esse tipo de liberalismo que, de Harvard e Yale e de todas as instituições teológicas deste país, bem como das universidades da Igreja na Grã-Bretanha, lança sobre o mundo o refinado, estético e culto materialismo do século XIX; uma teologia que, com a Bíblia numa mão e Darwin na outra, espera dos seus estudantes exercícios intelectuais impossíveis, caso se queira preservar a religião.

Amanhã, ou nesse tempo vindouro que construirá uma ponte sobre o abismo entre o passado e o presente, restaurando as inspirações que eram genuínas e apegando-se às fontes do conhecimento que são divinas, aprendereis a não desaprender as vossas crianças, mas a ensiná-las. Aprendereis que o crescimento é conhecimento, e que a criança que possui fontes vivas de saber, as quais talvez não compreendais, não é, ainda assim, uma criança que deva ser submetida ao regime habitual do ensino sistemático e intelectual. Algumas crianças precisam apenas de ser guiadas, de deixar que a intuição que nelas existe crie as suas próprias oportunidades e permita que os dons do espírito cunhem as palavras com que expressarão as suas ideias e recebam a eloquência da inspiração do Alto.

E aqui está precisamente um trabalho de que os espiritualistas mais necessitam. Há aqueles que dizem: "Precisamos de escolas para a formação de médiuns." Não nos vangloriamos, mas em que escola foi formada a vossa oradora, para que desejeis retirar a influência do mundo espiritual, a cultura cuidadosa, a inspiração, o conhecimento que lhes pertencem, e formulá-los ao vosso nível, transformando-os no monótono e árduo moinho do estudo intelectual?

Quando era ainda uma criança de dez anos, retiramo-la do ensino de um mestre fanático e incapaz de compreender o significado da obra do espírito; e desde então nenhum trabalho foi tocado, nenhum livro foi lido, nenhum sistema de ensino foi seguido do ponto de vista externo. A sua cultura espiritual e intelectual são obra nossa.

Quereis escolas para a formação de médiuns, quando, durante trinta e cinco anos, o mundo espiritual tem erguido os mestres deste sistema de conhecimento? Quereis escolas quando Cristo disse: "Não vos preocupeis com o que haveis de dizer"? Em todo o mundo cristão, talvez não haja cem clérigos que ousem obedecer a esse mandamento de Cristo.

Quereis escolas quando, desde a inspiração de Lutero, de Wesley e do fervor e fogo do primeiro metodismo, desde o poder do espírito que movia os Quakers, desde a luz firme dos Puritanos e a primeira palavra do cristianismo na beleza inigualável do Sermão da Montanha, tendes a expressão do espírito?

Palavras não são cultura. Ideias formuladas não são verdades. A inspiração do mundo espiritual é adequada não só para construir frases gramaticalmente corretas, não só para falar de forma impressionante, mas, felizmente, para fazer tudo isso sem privar a mente e o espírito da sua inspiração.

Se tivéssemos escolha (e pode soar iconoclasta), preferiríamos confiar os filhos da presente geração à intuição que neles domina do que submeter as suas mentes jovens ao mecanismo das universidades e escolas, que hoje, como estufas de inteligência e crescimento intelectual, forçam o jovem a percorrer avenidas artificiais e sacrificam a saúde do corpo a esse processo forçado do cérebro.

Se tivéssemos escolha, correríamos o risco de deixar a inspiração cuidar das almas dos homens e acabaríamos com as disputas e conflitos das sociedades teológicas. Se tivéssemos escolha, todo o sistema de educação humana seria invertido. Não seria "o que podemos fazer das nossas crianças", mas "o que elas são?" que determinaríamos, para perceber os dons que Deus lhes concedeu e esforçar-nos por desenvolvê-los.

Não conheço jardineiro algum que faça crescer as suas plantas e rebentos delicados colocando-lhes um peso de pedra em cima; e não conheço nenhum sistema de viticultura que prive as vinhas da sua beleza e produtividade, pisando-as. Não conheço nenhum método pelo qual as árvores da floresta possam expandir-se na sua beleza nativa e crescimento maravilhoso, se forem cercadas por aros de ferro. No entanto, a mente humana tem sobrevivido a essa aflição durante muitos séculos. Deveis congratular-vos por não serdes idiotas, afinal.

O poder do espírito provou ser superior a este sepulcro no qual o intelecto foi colocado. E agora, nesta era utilitária, no meio deste clamor pelo crescimento e cultura intelectual, no meio deste materialismo intelectual, a luz clara da vida espiritual e das inteligências do espírito, como o aroma fresco do longínquo oceano da inspiração, varreu a vida humana, trazendo consigo todos os dons espirituais.

Cada um daqueles que foram colocados na prateleira teológica como sem valor; cada um que a teologia disse ser impossível nos dias de hoje — que apenas existira nos tempos dos milagres — voltam agora em legião, como aves brancas do grande oceano da vida eterna, dizendo: "Não estamos mortos nem deslocados, mas frescos da mão do Infinito, e teremos o nosso caminho."

E assim, estão a ter o seu caminho; estão a mostrar os seus sinais no meio de vós, e um dos principais desses sinais é o dom do conhecimento.

Ele surge confundindo sacerdotes e professores de teologia; surge disputando com eles nos seus próprios templos e lugares, pelos lábios de crianças pequenas; surge em mulheres gentis, desacostumadas ao discurso, e com a sua lógica firme e poder superior, torna-se manifesto e sentido. Surge nos salões legislativos e ali impede a maré da inquisição que obrigaria os homens a obedecer a leis que a sua consciência não aprova.

Ele vem para sustentar o dom da cura, para sustentar o dom do trabalho de maravilhas, de milagres; para sustentar o dom da profecia. Ele vem com toda a história ao seu dispor; pode referir-se aos oráculos do passado; pode falar-vos das manifestações do espírito; pode dizer-vos que Confúcio, Platão e Buda foram portadores da sua verdade; pode relatar-vos os profetas de todos os tempos; pode dizer-vos de Ísis e Osíris; pode contar-vos a história da Índia e da Pérsia; do Egito, a Mãe das Nações, e pode ir além de toda a história e mostrar-vos as fontes de onde brota o conhecimento humano.

Pode soprar sobre vós os mistérios incomparáveis de todos os tempos passados; desvendar os segredos das pirâmides; revelar as maravilhas do Templo do Sol; desvelar o significado místico da Esfinge e mostrar-vos um Deus por trás de todos esses símbolos, respondendo eternamente e poderoso para o bem, fazendo dos seus altares, em todas as eras, os seus anjos espíritos ministrantes, e das crianças pequenas os porta-vozes das suas maravilhas.

Pode fazer com que as coisas fracas da terra confundam os sábios, e erguer os instrumentos do seu poder de tal modo que línguas, idiomas, ciências e reinos do poder humano sejam como nada diante dele. E, no entanto, o homem diz: "Precisamos de escolas para educar os nossos médiuns!"

Educá-los para quê? Para falarem corretamente? Então a voz do espírito é em vão. Para viverem corretamente? Isso deve ser alcançado pelo crescimento espiritual.

Se já tivestes o suficiente de organizações superficiais no passado, em nome dos céus deixai o espírito fazer a sua obra! Se os homens e as mulheres são bons, levarão boas vidas; se não são bons, o falso assume uma piedade superficial que não pode ser escondida do olhar penetrante do espírito.

Curastes essas feridas por tempo demasiado; deixai o espírito ensinar-vos a fazer o bem e, acima de tudo, certificai-vos de que a mó é retirada do vosso próprio olho.

O que lhes ensinareis? Os dons do espírito? Não os conheceis. O processo da mediunidade? Não o compreendeis. Sob que condições se tornam médiuns, não tendes o menor conhecimento desse assunto; não conheceis a primeira letra do alfabeto da produção de uma das mais pequenas manifestações espirituais. Não podeis dizer, se chamados hoje, sob que condição foi produzido o primeiro toque. Não conheceis as leis, não compreendeis os métodos, não tendes nenhuma fórmula científica, nenhuma palavra, nenhuma ideia com a qual possais captar as forças sutis pelas quais um espírito move um átomo de matéria.

Ensinareis aquilo cujo alfabeto nem sequer conheceis? Não, antes que o resultado flua para as vossas vidas; pois, depois de todos os dons da profecia, da realização de milagres, do dom da cura, do dom de línguas, da interpretação de línguas, do dom do conhecimento e do dom da sabedoria, não será para que a mais divina Caridade flua através das vossas vidas e para que a opulência da vida espiritual crie no vosso meio o grande tesouro da inteligência?

Não penseis, portanto, vós que dizeis que gostaríeis de ser espiritualistas se isso vos desse conhecimento da história, da química, da geologia ou da astronomia, que podeis encontrar esse dom com tal motivo.

Nunca conhecemos ninguém que desejasse brilhar intelectualmente, cuja cultura mental fosse tomada como padrão da verdade espiritual, e que procurasse um desenvolvimento externo do espiritualismo para fins de brilhantismo intelectual, que alguma vez tenha tido sucesso.

Veio ter connosco, durante as nossas ministrações, um jovem que disse: "Tenho ouvido falar disto, e se puder proporcionar-me conhecimento da história, da geologia, das línguas e da ciência, gostaria de ser cultivado nesta escola." E imediatamente dissemos ao jovem: "Vai-te! Universidades, colégios, enciclopédias são para a cultura externa; mas se desejas o dom do espírito; se procuras o reino do seu amor; se desejas conhecer as suas inesgotáveis fontes de luz; se queres que a obra do espírito se manifeste na tua vida, deves procurá-la no teu interior."

E ele veio dia após dia e hora após hora para escutar a palavra e o ensinamento. Cada vez menos o pensamento da cultura brilhante estava na sua mente; cada vez menos a ideia do ensino das escolas, até que finalmente o único pensamento dominante era não estudar astronomia, matemática ou história, mas sim o conhecimento da alma—como se alcança isso da melhor maneira? E na sua jovem vida surgiu uma obra tão maravilhosa como aquela que os cristãos professam, mas que poucos possuem. Pois, após todo o ensinamento, ele percebeu que a bondade é mais do que o intelecto; que a caridade é maior do que todos os dons, pois é infalível. E em cada palavra e pensamento da sua vida, ele procurou aplicar esse ensinamento.

Se fizerdes isto, asseguro-vos que é uma maravilha maior do que todo o conhecimento, do que todos os mistérios das antigas tradições; do que o aprendizado que é inútil, ou a ciência que não é mais do que um meio para um fim. Essa clareza, pureza, transparência e perfeição da alma é o único conhecimento que vale a pena possuir; pois quando luas, estrelas e sóis se desvanecerem; quando a astronomia deixar de ter relação com o vosso ser; quando a terra e as suas leis já não puderem afetar-vos; quando as mudanças químicas da vida orgânica deixarem de vos obstruir ou acorrentar, essa pureza da alma brilhará e resplandecerá através de todos os céus estrelados, e criará para si um lugar nos reinos eternos da luz.

Não será este o maior conhecimento? Não será este o mais divino teste? Esta única vida superabundante e absoluta; esta única brancura perene, maior que a morte, maior que o tempo, maior que os sentidos, maior que todas as coisas exceto a vida imortal—e esse é o dom supremo do conhecimento.

A SOMA DOS DONS ESPIRITUAIS

QUAL É O MELHOR DOM?

Qual é o Melhor Dom?

"Cobiçai ardentemente os melhores dons."

Isto não significa que o dom da profecia, o dom da cura, o dom das línguas, a interpretação das línguas ou mesmo o dom do conhecimento seja maior do que os outros, mas sim que cada espírito humano deve desejar ardentemente aquilo que for melhor para si próprio.

Houve aqueles, nos tempos antigos, que desejaram ardentemente ser discípulos e apóstolos, mas a quem o dom do ensino não foi concedido. Sem dúvida, houve aqueles que possuíam o dom da realização de maravilhas ou milagres e que poderiam ter preferido o dom da cura, e possivelmente alguns que, possuindo um único dom, poderiam desejar todos os dons espirituais.

Mas não é verdade que o espírito buscará aqueles de quem necessita? Encontrá-los-á nos seus lugares habituais de labor, assim como os pescadores à beira-mar foram chamados a trabalhar com Cristo, enquanto no templo os doutos não foram convocados. Não é verdade que o espírito encontrará aqueles de quem precisa, assim como em Nazaré a luz desceu, sem ser chamada, sem ser invocada pelos poderosos de Jerusalém?

Assim o espírito trabalha sempre para o mundo. Esses dons foram dados pelo poder do discernimento do alto, para que, através dos fracos, os sábios e fortes fossem confundidos, e para que dos lábios das crianças pequenas os grandes homens da terra pudessem aprender a sabedoria. Não é isto também verdadeiro em todas as eras? Não têm os profetas e mártires, dotados desses dons e buscando ardentemente o melhor do espírito, sido criados no seu tempo e lugar e escolhidos para a obra que deveriam realizar? E não têm alguns sido escolhidos sem referência à sabedoria do mundo, à posição terrena, à elevação de lugar, apenas porque o espírito viu que este era o caminho mais sábio e melhor?

Na vida humana, geralmente desejais, cobiçais ou procurais aquilo que traz maior poder—riqueza, fama, a coroa, o reino. Na vida humana procurais obter muito por pouco, e sem dar da riqueza espiritual da vossa própria posse, pedis que toda a riqueza espiritual vos seja concedida; nada dando em retorno, buskais os mais elevados dons. Pedis que o conhecimento e a sabedoria, e os dons da cura e das línguas, sejam vossos, e ainda assim, do tesouro do vosso espírito, da vossa própria natureza, estais contentes em nada dar à humanidade.

Há aqueles que declaram que esses dons espirituais, sobre os quais temos ensinado nos nossos últimos discursos, cessaram e já não existem no mundo. Então onde está a fé que os torna possíveis? Onde está a crença que, como cumprimento da promessa, traz esses dons? E onde estão as maravilhas que a Igreja Cristã anteriormente realizou em nome do Espírito Santo? Não, os dons extinguem-se apenas onde o amor do espírito não habita. Aqueles que acreditam no espírito dos ensinamentos de Cristo têm esses sinais a segui-los, quer seja dentro do âmbito da Igreja Cristã, quer seja fora dela, e ainda assim é evidência do poder que aí está, trabalhando o seu caminho do universo invisível para o visível, proclamando a sua presença pelo divino mandato do espírito.

Todos são dotados, em alguma medida, com os dons do espírito. A qualquer momento, a abundância da fonte interior pode trazer às vossas vidas a manifestação de algumas dessas maravilhas, e até certo

ponto esse poder prevalecente pode moldar o destino e desdobrar a vida até que esta cresça na semelhança daquilo que é divino. Em grande medida, a realização dos chamados milagres está na experiência de cada vida humana. Alguma ação ou obra surge na vossa vida, sem ser acompanhada de qualquer influência externa, revelando a presença e o cuidado orientador do Amor Infinito. Nenhum é tão pobre, tão esquecido, tão desolado no reino da vida que esses dons não possam fluir para o seu ser e tornar-se parte da sua existência.

Se perguntardes como, respondemos que os métodos do espírito ainda são desconhecidos para o homem de ciência, e embora ele possa chamá-los de "força oculta da natureza", é a força oculta do espírito que os concede.

Se perguntardes de que maneira podeis cultivar esses dons, respondemos que não os podeis cultivar pelo conhecimento externo, por qualquer busca exterior, mas apenas por aquela condição de espírito imposta pelo Grande Mestre nos tempos antigos; pois é a posse do espírito que constitui o poder desses dons; mas não é o intelecto, nem a ciência, nem o conhecimento, nem os tesouros da arte, nem a aprendizagem da terra, nem o poder do sacerdote, do rei ou do potentado, mas sim a luz que brilha desse altar dentro da alma, convidando todas as ministrações do espírito.

Há aqueles que dizem: "Eu buscaria o espírito se pudesse ter o dom da cura, ou do conhecimento, ou da realização de milagres, para que pudesse convencer os outros."

Porque não buscar o espírito sem consideração pelo que obtereis? Ele não é trocado nem vendido; não é algo que possais adquirir por um preço, como se negociasseis mercadorias. Quando Cristo disse: "Buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas", houve aqueles, na era utilitária do mundo, que disseram: "Isto é um disparate; devemos buscar aquilo que é necessário para a nossa vida diária. O reino de Deus, de facto! O que isso pode trazer?"

Mas não é verdade, pergunto eu, que aqueles que semeiam ao vento colhem tempestades? Se buscais ira, orgulho e ambição, isso não vos traz de volta os frutos dos desertos do Mar Morto, e ervas amargas, e lutas, e contendias?

Àquele a quem é dado o poder mundano, as forças da terra não lhe enviam tudo o que pode levar imediatamente à reação da sua ilusão? Se buscais apenas o poder mental, isso não vos conduz de imediato ao muro desolado do vazio, sem nada que vos console para além da vida terrena, e nada nesta vida que seja tão valioso como o supremo tesouro da existência? Se buscais da humanidade, das lágrimas, dos gemidos e do labor dos pobres, aquilo que há de edificar o vosso poder, não colheis depois a recompensa da anarquia social e do despotismo político? E se buscais o dom do espírito sem reservas e pelo seu próprio mérito, isso não vos traz, em troca, todos os poderes e domínios, pois as vossas paixões humanas estão subjugadas?

Mais do que isso. Não podeis buscar o reino dos céus por recompensa, nem os dons do espírito pelo poder mundano que eles trarão. Mas àqueles que possuem os dons do espírito, e àqueles que os buscam pelo seu próprio valor, todos os poderes estão sujeitos; todas as forças do universo visível seguirão para fazer a vontade do homem exaltado acima do egoísmo.

Para ele, os ventos dos céus cantam as suas mais doces canções; para ele, os pássaros entoam os seus alegres cânticos, e a luz do sol é sua posse. Para ele, os riachos refrescantes concedem os tesouros do seu poder encantador e maravilhoso, e os corações humanos respondem com a exalação do perfume àquele que brilha sobre eles a partir de dentro.

Além disso, é uma lei no reino espiritual que, se vos colocardes em harmonia com as leis infinitas do espírito, elas respondem tão prontamente como a luz, o calor, a atmosfera e a terra, quando vos colocais em harmonia com eles.

Não convidais a luz dos céus ao fechardes e trancardes as vossas janelas e portas. Não esperais ar fresco quando todas as vias estão fechadas por onde ele possa entrar. Não estudais astronomia colocando uma obstrução na extremidade do telescópio, nem estudais química destruindo o cadinho onde os segredos são resolvidos. E, no entanto, pedis que as riquezas do espírito se derramem sobre vós sem qualquer condição da vossa parte. Pedis que a luz do espírito venha em obediência ao vosso orgulho, ignorância, teimosia e egoísmo, e opere as suas maravilhas nas vossas vidas sem nenhuma das condições do ser espiritual.

Agora, maravilhas serão realizadas e, por vezes, servos indignos poderão ser escolhidos como ilustração de um princípio; mas, se quereis possuir os melhores dons e o melhor poder do espírito a render os seus frutos às vossas vidas, deveis buscá-los sob condições espirituais. Essas condições espirituais são: primeiro, acima de tudo, como fundamento de tudo, o absoluto desprendimento; pois, para aquele em quem a luz do espírito pode fluir de forma mais divina e perfeita, não deve haver qualquer barreira de egoísmo, nenhum orgulho pelo poder individual ou pessoal, nenhum amor pelo louvor ou aplauso humano, mas apenas a alma clara e transparente que não permita que nenhuma sombra se interponha entre si e a luz divina do amor de Deus.

Não o podeis ver? E não sabeis que o fotógrafo deve ter a luz perfeita e elevada dos raios do sol para obter os melhores resultados, permitindo apenas a sombra necessária para a disposição do seu objeto?

Assim, na grande luz do espírito, os ministros angélicos compreenderão a moderação necessária às vossas almas; mas não coloqueis vós mesmos nenhuma sombra, pois a luz deve vir e a sua orientação provém do que está além.

Mas como poderemos conhecer os dons do espírito, senão pelos seus resultados? Não podemos seguir com segurança aquilo que não nos traz resultados visíveis.

Eis aqui a tendência comercial do homem, mesmo nas questões de salvação: algo deve ser dado em troca de um preço, e a alma do homem é suposta ser negociada e vendida pelo sangue do Cristo visível.

Que cessem os negócios nas questões do espírito! Que a luz do amor de Deus brilhe através dos Seus dons espirituais onde forem necessários, compreendidos e aceites; e que a única condição requerida seja que estejais preparados para receber aquilo que vos será concedido. Que não haja trocas, nem vendas, nem débitos e créditos no grande reino do amor de Deus, senão aquele que está registado no santuário mais íntimo dos vossos espíritos, e que a luz do espírito seja para todos aqueles que abram as janelas das suas almas, para todos aqueles que removam as barreiras e cuja busca venha do que é divino e perfeito.

Temos demonstrado nestes discursos como os dons do espírito são a expressão visível de um poder que transcende as leis temporais e materiais do universo. Como essa expressão visível é governada, não por leis mundanas, mas por leis supramundanas. Como o reino do espírito opera, muitas vezes, independentemente das condições da vida material, com o propósito de manifestar o seu poder ao homem. Mas se isto fosse tudo; se a realização de maravilhas ou milagres, o dom da cura, o dom das línguas, da interpretação das línguas, o dom do conhecimento e os dons e poderes conhecidos entre aqueles que os demonstraram—se tudo isso fosse tudo, então seria nada.

Aqui está apenas o degrau para essa luz divina e interior, onde o espírito e o seu conhecimento se revelam a vós: e é por isso que vos é ordenado que cobiceis ardentemente os melhores dons. É por isso que, ao concluir, Paulo afirma: "Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver caridade, nada sou."

Se a obra não for realizada na vossa vida, se o dom não conduzir às fontes divinas da cura, se não vos levar à fonte divina do ensino, se não abrir a nascente interior e não produzir frutos nas vossas vidas, que importa que essas maravilhas sejam realizadas entre vós?

E o que é essa caridade, tão exaltada e sustentada como a mais sublime das graças cristãs, a mais divina entre a sagrada irmandade dos ministros angélicos na Terra? Será a concessão de esmolas aos pobres? Será alimentar e vestir os famintos e nus? Será visitar as viúvas e os órfãos? Sim, é tudo isso, mas é muito mais; pois os donativos podem falhar por falta de caridade, e o dinheiro que dais aos pobres pode ser o suborno que ofereceis ao céu como substituto do amor. Aquilo que dais de forma exterior pode parecer-vos suficiente. As terras cristãs apontam com orgulho as suas instituições de caridade, enquanto as ruas estão cheias de necessidade, miséria e dor, e lado a lado o asilo cristão e a prisão cristã erguem as suas cúpulas para o céu.

Será, então, essa caridade que tudo suporta e é bondosa, que não inveja, não se vangloria, não se ensoberbece, não se porta inconvenientemente? Terá a obra da caridade cristã sido plenamente realizada no mundo?

Sabeis que não significa apenas dar esmolas aos pobres, nem apenas responder ao apelo que vem da rua, mas significa assegurar que não haja pobres nesta terra cristã; que não haja necessidade de orfanatos; que nenhuma criança sinta a falta ou a carência do amor materno. Significa que, nos lares da opulência e nos lares de conforto, essas pequenas almas abandonadas devem ser acolhidas e alimentadas com o néctar do amor até que não saibam o que significa ser órfão. Significa que devem existir asilos—não prisões, mas lugares doces onde o amor possa entrar com a mais divina ministração, para curar os espíritos feridos daqueles que vieram ao mundo deformados na alma, assim como muitos vêm deformados no corpo.

A civilização cristã vangloria-se de ter dado olhos aos cegos; de ter criado letras habilmente desenhadas e páginas impressas de tal modo que o toque delicado dos cegos possa captar as ideias transmitidas; de ter ensinado música até que aqueles sem visão tenham um segundo olhar e inspiração através da melodia. Ouvidos foram dados aos surdos e voz aos mudos, e do silêncio brotaram os maravilhosos batimentos do coração ansiosos por expressão. Mas mais do que isso: os imbecis e idiotas, sob a hábil manipulação de homens de sabedoria e caridade divinas, encontraram voz, língua e inspiração; a prisão do espírito foi aberta, as faculdades acorrentadas tornaram-se submissas à alma que estava dentro. Mas o crime, o pecado e a miséria permaneceram, como manchas nuas e estéreis sobre a sociedade cristã, por falta de verdadeira caridade cristã.

Ensinar o cego a ver é um grande ato de virtude; mas os espiritualmente cegos podem ter os seus outros sentidos esmagados, assim como os seus olhos queimados. Ensinar o surdo a ouvir é um grande feito da civilização, mas aquele que é moralmente surdo, que é moralmente incapaz, deve ser marcado com outro flagelo, com uma indignidade ainda maior, porque não consegue ouvir uma palavra de verdade. Ensinar o coxo a andar, criar aparelhos para que ele o possa fazer, é uma grande virtude e demonstra a perícia mecânica da cirurgia deste século. Mas aquele que tropeça moralmente pelo caminho, cujos membros são demasiado fracos para o sustentarem na multidão tempestuosa das tentações humanas, esse é denunciado e condenado à morte. Os cristãos, que ensinam a Regra de Ouro, aplicam a severidade da lei mosaica e a isso chamam caridade.

Dizemos-vos que os fisicamente coxos, os fisicamente cegos, os fisicamente surdos e os fisicamente famintos precisam da vossa caridade; mas mais do que isso, mais do que a necessidade do espírito, o mais elevado e sagrado desejo da alma humana é a vida. Aqueles que são moral e espiritualmente incapazes, e de quem vos afastais com escárnio e desprezo, sem querer descobrir a causa da sua enfermidade, nem buscar a sua cura, mas apenas preocupados em removê-los do vosso caminho—sim, afastai-os, até que, pela reação que vem do mundo invisível, e até que, pelo poder do protesto que se eleva na humanidade, a sociedade humana perceba o sepulcro onde habita.

Ó, caridade ampla e verdadeira! Que estende o seu manto, não apenas sobre os fracos do corpo e os enfermos, mas sobre os fracos da mente e do espírito! E mais do que isso, que vem diretamente ao vosso coração e à vossa vida individual.

Ó brancura da caridade! Tu desviar-te-ias de tal falso nome que te é dado, quando aquele a quem se inflige uma injustiça aplica a última pena da lei e diz: Tenhamos caridade cristã para com todos os nossos companheiros pecadores.

Não, o primeiro, o último, o mais puro florescimento da caridade vem de dentro. "Perdoai aos vossos inimigos; fazei o bem àqueles que vos odeiam." A Regra de Ouro não é destinada a ser aplicada para benefício do vosso próximo, mas de vós próprios. Sois vós que deveis retribuir o bem pelo mal; sois vós que deveis vencer o mal com o bem; sois vós que deveis encontrar essas injustiças e enfermidades e procurar suavizá-las; sois vós que sois convocados por esta voz do espírito ao estado e sentimento de caridade.

Agora vedes porque é um dom. Compreendeis porque é mais valioso do que todos os outros. Pois podeis receber o dom das línguas; pode-vos ser concedido o dom da cura, o poder de operar milagres pode vir do alto, mas a caridade só pode vir de dentro. Deve ser o florescimento natural da vossa própria natureza; deve ser essa brancura sublime e perfeita que, ao ver o erro e ainda compreender que não é bom, não tem uma palavra de condenação.

A brilhante luz do sol enchendo o mundo de esplendor nesta gloriosa manhã de domingo ensina-vos uma lição de caridade. Onde as névoas vinham rolando do oceano, enchendo todos os vales e cobrindo as encostas das colinas com uma nuvem; onde, sobre a vasta planície e ao longo dos rios, a escuridão da noite pairava e a humidade se espalhava com as suas asas de sombra—nenhuma violência, nenhuma luta, mas apenas a luz pacífica do sol da manhã surgindo gradualmente, constantemente, magnificamente do horizonte oriental até que, como fantasmas assustados do erro e da miséria, as névoas fugiram pelas encostas das montanhas, precipitaram-se para os vales e, levadas pelas asas da manhã, foram conduzidas ao esquecimento.

O mar retomou as asas que havia concedido à noite, e as flores murchas que haviam recebido o batismo do orvalho e da sombra ergueram os olhos para a luz do dia. Silenciosa, triunfante, com poder constante e serenidade, a maravilhosa ação da luz solar prossegue no mundo, e nenhum homem a percebe.

Assim também é com a luz da caridade. Ela não se exalta a si mesma; não se ensoberbece; não faz soar trombetas; não ostenta bandeiras; não tem música marcial; não faz exibição das maravilhas do seu poder. Nesta terra cristã, nesta nação de mentes civilizadas e esclarecidas, há espaço para a exibição; espaço para bandeiras e música marcial; espaço para aqueles que proclamam que irão a Jerusalém pelo corpo visível de Cristo; mas não há espaço para o espírito desse Cristo que tornaria impossível que um pobre morresse de fome nesta cidade dentro de uma semana, enquanto cinquenta mil dólares são dados àqueles que se vangloriam de que Jerusalém é o seu santuário.

Ó escárnio de Cristo! O corpo visível que buscais está aqui na humanidade!

Ó escárnio do significado das palavras de Cristo! Resgatai Cristo das mãos dos pagãos e sarracenos, tantas vezes quantas resgatares a humanidade da tristeza e da dor da injustiça e da miséria que jazem à vossa porta.

Dez mil dólares para vinhos locais! Nem um cêntimo para o vinho do espírito que deve fluir para a cura das nações.

Não censuramos isto; ninguém pode exceder-nos no amor pela fraternidade, hospitalidade e nas graças que pertencem à sociedade humana; mas se temos o padrão de Cristo, que ele signifique algo nas nossas vidas diárias.

Ninguém respeita mais sagradamente o passado do que nós. O cavaleiro que deixa o lar, a lareira e os amigos para combater pelo que é justo; aquele que, acreditando que Jerusalém é o santuário mais sagrado, seguiu nas Cruzadas até que as guerras terminassem. Mas, no próprio escárnio disto, Deus

colocou o seu sinal visível de desaprovação sobre a Jerusalém visível e fez do espírito do homem em toda parte o santuário da sagrada peregrinação. Fazer o bem aos outros; dar as vossas vidas por eles; empreender nenhuma jornada que vos traga benefícios físicos, a não ser em nome da sua profissão.

Mas quando Cristo é chamado do universo espiritual, e essa luz sublime de caridade que o envolve e resplandece nos corações da humanidade, dizemos: que seja chamado com dignidade, em nome dessa humanidade cuja luz ele foi, cujo filho ele simbolizou; em nome dessa humanidade cujo amor agora o invoca às portas de todos os templos, para além de todas as lojas e de todos os santuários magníficos.

Ó Cristo do espírito! Pela tua caridade, branca como a neve, nos corações e nas vidas dos filhos da Terra, concedei-nos o novo templo, a nova ordem, o novo santuário!

Prefiro estar com aqueles que clamam pelos direitos do homem do que com todos os reinos, príncipes e cavaleiros que, em nome do passado, não veem a humanidade a suplicar às suas portas, nem reconhecem os sinais da vinda do novo Cristo, que Deus, assim, possa trazer de novo a cruz vermelha ao mundo; pois, se a batalha voltar à Terra, será entre essa humanidade que luta, que se esforça, que busca elevar-se, e esses mesmos poderes que desejam erguer uma fortaleza para poucos e recusam a muitos a simples cêdea de pão que pedem em nome da humanidade.

Vejo agora diante de mim a forma visível desse Cristo; não carregado da cruz no Calvário; não deitado no sepulcro; não ressuscitado em corpo entre os discípulos, mas a forma visível e ressurgida nas crianças que estão à minha volta nas ruas, nos pequenos rostos que se veem dia após dia na dor, no sofrimento e na miséria que vagueia por esta terra. E ouço a sua voz suplicante, daquele que disse: "Na medida em que o fizestes a um destes pequeninos, a mim o fizestes também."

Assim, a voz da humanidade clama hoje, e o dom da mais divina caridade pede um lugar entre vós. Sede os seus anunciadores; sede aqueles que acolherão a sua vinda, e que não seja a cruz vermelha, mas a cruz branca do amor espiritual divino. Que esta desça ao vosso meio e abra caminho nos vossos corações, até que não haja mais pobres de espírito, nem aqueles que padecem pela fome do pão da vida, nem, de facto, aqueles que carecem do que vós podeis oferecer.